



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PPA		
	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ – UEM UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA – UEL Centros de Ciências Sociais Aplicadas - Departamentos de Administração Av. Colombo, 5.790 – Zona 07 – 87020-900 – Maringá – PR. – Fone-fax: (44) 3261-4976 ou 3261- 4341</p>	

ALFREDO LOPES DA COSTA MOREIRA NETO

**MÚLTIPLAS VISÕES SOBRE AS ATIVIDADES DE TRABALHO
REMUNERADO, DESENVOLVIDAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL
DE MARINGÁ**

Maringá
2006

ALFREDO LOPES DA COSTA MOREIRA NETO

**MÚTIPLAS VISÕES SOBRE AS ATIVIDADES DE TRABALHO
REMUNERADO, DESENVOLVIDAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL
DE MARINGÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração – Mestrado em Gestão de Negócios - da Universidade Estadual de Londrina, em consórcio com a Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientadora:
Prof^a. Dr^a. Maria Iolanda Sachuk

Maringá
2006

ALFREDO LOPES DA COSTA MOREIRA NETO

**MÚLTIPLAS VISÕES SOBRE AS ATIVIDADES DE TRABALHO
REMUNERADO, DESENVOLVIDAS NA PENITENCIÁRIA ESTADUAL
DE MARINGÁ**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Estadual de Londrina e Universidade Estadual de Maringá, sob apreciação da seguinte banca examinadora:

Aprovada em: 20/11/2006.

Prof^a. Dr^a. Maria Iolanda Sachuk (PPA-UEM)
Presidente

Prof. Dr. Marco Antônio Pinheiro da Silveira (IMES-SP)
Membro convidado

Prof^a. Dr^a. Elisa Yoshie Ichikawa (PPA-UEM)
Membro

Maringá
2006

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais (*in memorian*), por terem me mostrado o caminho do bem e a importância dos estudos na vida de um homem.

À minha esposa Adriana e filhos (Cecília, Flávia, Pedro e Luiz Guilherme), pelo apoio em todos os momentos e pela compreensão que demonstraram nas minhas ausências durante esse longo período de estudos.

Ao amigo Cel. Antonio Tadeu Rodrigues, diretor da Penitenciária Estadual de Maringá, por ter me concedido essa oportunidade, além de acumular minhas responsabilidades funcionais no período em que estive ausente.

Aos meus companheiros de mestrado, especialmente às amigas Márcia e Bianca, pelo carinho e compreensão que dedicaram a mim, principalmente nos momentos de angústia e insegurança.

Aos professores do mestrado, à Prof^a. Dr^a. Elisa Yoshie Ichikawa e, em especial, a minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria Iolanda Sachuk, que, com arrojo e competência, soube conduzir minha proposta de dissertação, assumindo a responsabilidade por um tema relativo ao sistema penitenciário, não muito popular em mestrados da área de administração.

Aos amigos Bruhmer e Francisco do PPA que, de forma sempre muito competente, nos orientaram quanto às exigências legais e formais que envolvem o programa de mestrado, não medindo esforços para que nosso período de estudos ocorresse com o máximo de tranquilidade.

MOREIRA NETO, Alfredo Lopes da Costa. **Múltiplas visões sobre as atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas na Penitenciária Estadual de Maringá.** 2006. 233 f. Dissertação (Mestrado em Administração)–Universidade Estadual de Londrina; Universidade Estadual de Maringá, 2006.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa direcionou esforços no sentido de compreender as múltiplas visões sobre o trabalho, dos sujeitos envolvidos nas atividades remuneradas desenvolvidas na Penitenciária Estadual de Maringá, com o intuito de constatar o que representa o trabalho prisional, entre os sujeitos envolvidos, e também de que forma tal trabalho, na ótica desses sujeitos, reúne as características apresentadas por Arendt (2004), em relação ao que denomina de *vita* activa, representada pelas atividades humanas fundamentais intituladas de labor, trabalho e ação. Para que isso fosse possível, dentre outras leituras, foi necessária a revisão da literatura sobre o trabalho, sobre as características das instituições totais, onde se enquadram as prisões. Em busca das respostas às perguntas de pesquisa e com o rigor metodológico necessário, colheram-se as informações demandadas, mediante entrevistas com os sujeitos envolvidos nesta investigação e em se procedendo à respectiva análise e interpretação dos dados chegou-se a algumas conclusões, tais como: são múltiplas as visões encontradas sobre o trabalho realizado pelos presos e suas características que, basicamente, combinam com o labor de Arendt.

Palavras-chave: Significado do trabalho. Presos. Trabalho prisional. Instituição penal e labor. Trabalho e ação. Pena. Remissão.

MOREIRA NETO, Alfredo Lopes da Costa. **Multiple opinions on the profitable work activities developed in Maringá State Prison.** 2006. 233 f. Dissertation (Masters Degree on Administration) – Universidade Estadual de Londrina. Universidade Estadual de Maringá, 2006.

ABSTRACT

The present work of research has directed efforts on understanding the multiple opinions, about work, from the people involved in the profitable activities developed in Maringá State Prison. The main objective was to prove, on prison work among the involved people and also to analyze if this work gathers the characteristics presented by Arendt (2004), in relation to what he calls *vita activa*, represented by the fundamental human activities called labor, work and action, in the involved people's opinion. It was necessary to revise the literature on the work, and also on the total institutions characteristics, where prisons fit. The demanded data was collected through interviews with the people involved in this investigation, always with the necessary methodological strictness. Proceeding to the respective analysis and data interpretation, some conclusions were drawn, such as: the opinions about prisoners work are multiple, and its characteristics, basically match with Arendt's labor.

Key words: Work meaning; prisoners; prison work; Crime Institution; labor, work and action; penalty; Remission.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mapa de localização dos Patronatos Penitenciários do Paraná	63
--	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Respostas mais freqüentes dos administradores do Quebec e da França – Pesquisa sobre o significado do trabalho.....	39
QUADRO 2 - Canteiros de trabalho em atividade na PEM – 2006	72

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PEM:	Penitenciária Estadual de Maringá
LEP:	Lei de Execuções Penais
DEPEN:	Departamento Penitenciário do Estado
SEJU:	Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania
DIPRO:	Divisão Ocupacional e de Produção
CEEBJA:	Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos
CR:	Centro de Ressocialização
SENAC:	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI:	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SENAR:	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SESI:	Serviço Social da Indústria
UFPR:	Universidade Federal do Paraná
IAP:	Instituto Ambiental do Paraná
CESUMAR:	Centro Universitário de Maringá
UEM:	Universidade Estadual de Maringá

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
1.1	CONTEXTUALIZAÇÃO	12
1.2	PROBLEMA DE PESQUISA	13
1.3	OBJETIVOS	14
1.3.1	Objetivo geral	14
1.3.2	Objetivos específicos	14
1.4	JUSTIFICATIVA DO TRABALHO	15
2	REVISÃO DA LITERATURA	17
2.1	AS ORGANIZAÇÕES E SUAS CARACTERÍSTICAS	17
2.1.1	Definindo organizações	17
2.1.2	Instituições totais	23
2.1.2.1	Os presídios	27
2.2	A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO – ASPECTOS CONCEITUAIS	29
2.2.1	A organização do trabalho nas prisões	35
2.3	OS SENTIDOS DO TRABALHO	37
2.3.1	Labor, trabalho e ação	41
2.3.2	O sentido do trabalho para os presos	47
3	METODOLOGIA	50
3.1	PERGUNTAS DE PESQUISA	50
3.2	DELINEAMENTO DA PESQUISA	51
3.3	FONTES DE DADOS E INSTRUMENTOS DE COLETA	52
3.3.1	Unidade de análise, população e amostragem	53
3.3.2	Definição constitutiva dos termos	54
3.3.3	Limitação da pesquisa	54
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	56
4.1	DADOS DE FONTES SECUNDÁRIAS	56
4.1.1	Demonstrativo das unidades prisionais brasileiras	56
4.1.1.1	Casa de Detenção	56
4.1.1.2	Penitenciária	57
4.1.1.3	Casa de Custódia e Tratamento	57
4.1.1.4	Centro de Readaptação	57
4.1.1.5	Hospital Penitenciário	58
4.1.1.6	Penitenciárias compactas	58
4.1.1.7	Centro de Detenção Provisória	58
4.1.1.8	Centro de Ressocialização	59
4.1.1.9	Colônia agrícola ou industrial	59
4.1.2	O processo de ressocialização	61
4.1.3	Divisão de Ocupação e de Produção	63
4.1.4	Trabalho	64
4.1.5	Educação	64
4.1.6	Penitenciária Estadual de Maringá – PEM (Lócus desta pesquisa)	66
4.1.6.1	Histórico e competências	66
4.1.6.1.1	<i>Histórico</i>	66

4.1.6.1.2	<i>Competências</i>	67
4.1.6.2	Canteiros de trabalho e outras atividades desenvolvidas pela PEM	67
4.1.6.2.1	<i>Canteiros de trabalho</i>	67
4.1.6.2.2	<i>Assistência religiosa</i>	68
4.1.6.2.3	<i>Curso de Informática</i>	68
4.1.6.2.4	<i>Cursos profissionalizantes</i>	68
4.1.6.2.5	<i>Desenvolvimento artístico</i>	69
4.1.6.2.6	<i>Educação – ensino regular</i>	69
4.1.6.2.7	<i>Ensino a distância – Canal Futura</i>	70
4.1.6.2.8	<i>Pagamento de PIS e FGTS</i>	70
4.1.6.2.9	<i>Prevenção de DST/AIDS</i>	70
4.1.6.2.10	<i>Terceira idade</i>	70
4.2	DADOS DE FONTES PRIMÁRIAS	73
4.2.1	Presos	74
4.2.1.1	Sobre o significado do trabalho	75
4.2.1.2	Sobre as limitações do trabalho, dentro da PEM	79
4.2.1.3	Sobre a remuneração pelo trabalho	82
4.2.1.4	Sobre as expectativas em relação ao trabalho	83
4.2.1.4.1	<i>Expectativas de mudanças</i>	84
4.2.1.4.2	<i>Cumprir pena sem trabalhar</i>	86
4.2.1.5	Sobre trabalho na prisão – remissão da pena e o preparo para o retorno à sociedade	88
4.2.1.5.1	<i>Trabalhar sem obter remissão de pena</i>	88
4.2.1.5.2	<i>A importância do trabalho como preparo para o retorno à sociedade</i>	91
4.3	AGENTES PENITENCIÁRIOS	93
4.3.1	Sobre o que significa o trabalho do preso e qual a prioridade em viabilizá-lo e pontos positivos e negativos, na perspectiva do agente penitenciário	93
4.3.1.1	O significado do trabalho para presos, na perspectiva do agente	94
4.3.1.2	A prioridade em se conceder trabalho para o preso	96
4.3.1.3	Os pontos positivos e os negativos que o trabalho dos presos proporciona à PEM	98
4.3.2	Sobre a atividade do agente penitenciário e o trabalho do preso	100
4.3.2.1	Acompanhar o trabalho do preso como atividade essencial do agente penitenciário	100
4.3.3	A ausência do trabalho para o preso e a repercussão para a atividade do agente na unidade penal	102
4.3.4	O trabalho do preso e as obrigações funcionais dos agentes	104
4.4	TÉCNICOS	106
4.4.1	Sobre o que significa o trabalho do preso, de que forma atende os objetivos da Instituição, dos técnicos e da direção, perspectivas e limitações do trabalho na unidade prisional	107
4.4.1.1	O significado do trabalho para presos, na perspectiva dos psicólogos	107
4.4.1.2	O significado do trabalho para presos, na perspectiva das assistentes sociais	108
4.4.1.3	O significado do trabalho para presos, na perspectiva da pedagoga	108
4.4.1.4	A ausência de trabalho, para o preso, e a repercussão na atividade do técnico e para os objetivos da Unidade Penal	109
4.4.1.5	Os pontos positivos e os negativos que resultam das atividades de trabalho que os presos realizam na PEM	113

4.4.1.6	As limitações na concessão do trabalho para presos, na PEM	115
4.5	DIRETOR	119
4.5.1	O significado do trabalho para presos, na perspectiva do diretor da PEM	119
4.5.2	A importância do trabalho para presos e os benefícios que proporciona	119
4.5.3	As limitações na concessão do trabalho para presos, na PEM	120
5	CONCLUSÕES	122
	REFERÊNCIAS	125
	ANEXOS	128

INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A inclusão do trabalho no processo de ressocialização e reeducação do preso, hoje em dia, consiste em discussão de relevância como proposta de formação profissional do detento, eliminação da ociosidade e manutenção dos princípios de recuperabilidade em um nível importante de segurança e exeqüibilidade.

Segundo Silva (2001), o principal segmento das prisões é constituído de pessoas provindas dos segmentos mais pobres da sociedade, cujos sujeitos geralmente apresentam baixa escolaridade, célula familiar desestruturada, desqualificação profissional, participação precária no mercado de trabalho, dentre outras.

Portanto, a utilização do trabalho remunerado, não como forma de punição, e sim de recuperação do preso, tem sido discutida e na medida do possível implementada, como no caso da Penitenciária Estadual de Maringá - PEM.

As diferentes formas, no Brasil, de utilização de mão-de-obra carcerária pode advir de quem cumpre pena em regime fechado, a partir de trabalho a ser realizado dentro das unidades penais, ou fora, no caso da realização de obras públicas; e em regime semi-aberto nas penitenciárias industriais, penitenciárias agrícolas e trabalhos externos para empresas privadas e outras entidades, sendo que na PEM isso ocorre na primeira situação, ou seja, para quem cumpre pena em regime fechado.

O que não se pode perder de vista é que na atual concepção da Lei de Execuções Penais - LEP, instituída pela Lei nº 7210, de 11/07/1984, faz parte das diretrizes gerais a questão do trabalho para o preso, não como punição, mas sim como processo de reeducação, geração de renda e produção. Além disso, a cada três dias trabalhados o preso obtém a remissão de um dia de pena. Seguem transcritos abaixo os artigos da LEP que versam sobre o assunto:

Art. 28. O trabalho do condenado, como dever social e condição de dignidade humana, terá finalidade educativa e produtiva.

Art. 29. O trabalho do preso será remunerado, mediante prévia tabela, não podendo ser inferior a $\frac{3}{4}$ (três quartos) do salário mínimo.

Art. 126. O condenado que cumpre a pena em regime fechado ou semi-aberto poderá remir, pelo trabalho, parte do tempo de execução da pena.

§1º A contagem do tempo, para o fim deste artigo, será feita à razão de 1 (um) dia de pena por 3 (três) de trabalho.

Sendo assim, sem que se desvirtue o propósito punitivo da condenação criminal, o que a legislação atual busca é a viabilização de um processo de regeneração do apenado, dando-lhe a perspectiva da formação profissional para que, no futuro, quando do retorno à sociedade, propicie-lhe trabalhar em empresas ou criar seu próprio negócio.

Dada a importância dessa questão, a proposta que se delinea, através desse trabalho de pesquisa, vem ao encontro de três pontos principais que, se identificados e configurados adequadamente, trarão um importante avanço em direção ao entendimento do significado do trabalho, dentro do sistema penitenciário. São eles:

- A visão do preso em relação ao trabalho remunerado por ele desenvolvido;
- A visão da direção da Penitenciária Estadual de Maringá – PEM -, em relação ao trabalho remunerado desenvolvido pelo preso; e
- A visão dos funcionários (técnicos e agentes prisionais), em relação ao desenvolvimento do trabalho remunerado.

A partir disso, o presente estudo utilizou como lócus da pesquisa a Penitenciária Estadual de Maringá, em busca das respostas sobre as múltiplas visões em relação às atividades remuneradas lá desenvolvidas, conforme evidenciadas no problema de pesquisa discriminado no próximo item.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

O problema de pesquisa que contempla a dissertação que se apresenta resume-se no seguinte:

Qual a visão, sobre trabalho, dos sujeitos envolvidos, direta e indiretamente, nas atividades de trabalho remunerado desenvolvidas na Penitenciária Estadual de Maringá?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Compreender as múltiplas visões sobre o trabalho, dos sujeitos envolvidos nas atividades remuneradas desenvolvidas na Penitenciária Estadual de Maringá.

1.3.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos seguem abaixo descritos:

- Identificar de que forma as atividades de trabalho remunerado, na Penitenciária Estadual de Maringá, estão organizadas;
- Identificar os sujeitos envolvidos em atividades de trabalho remunerado na Penitenciária Estadual de Maringá;
- Descrever as visões dos sujeitos envolvidos em atividades de trabalho remunerado na Penitenciária Estadual de Maringá;
- Fazer um paralelo entre as múltiplas visões dos sujeitos envolvidos nas atividades de trabalho remunerado na Penitenciária Estadual de Maringá;

- Verificar se as atividades de trabalho remunerado desenvolvidas pelos detentos da Penitenciária Estadual de Maringá caracterizam-se como *labor*, *trabalho*, ou *ação*.

1.4 JUSTIFICATIVA DO TRABALHO

O presente trabalho de investigação, resultante do projeto de dissertação respectivo, traz em seu escopo informações no sentido de clarificar o papel que o trabalho exerce no contexto penitenciário e de que forma isso é visto pelos sujeitos envolvidos, direta e indiretamente, nas atividades remuneradas desenvolvidas na Penitenciária Estadual de Maringá.

Hannah Arendt (2004), em sua obra denominada “A condição humana”, faz uma importante distinção conceitual entre *labor*, *trabalho* e *ação*, o que dará suporte à proposta que se consubstancia através desta dissertação, a ser realizada na Penitenciária Estadual de Maringá.

Em termos de justificativa teórica, a pesquisa contempla a proposta de multidisciplinariedade entre a literatura de ciências sociais e administração, sobre o conceito do trabalho, utilizando-se de um segmento *sui-generis*, que é a realidade do detento no sistema prisional e seu envolvimento com a atividade de trabalho remunerado.

No que concerne à justificativa prática, ressalta-se que a importância da investigação sobre as múltiplas visões dos atores envolvidos nas atividades de trabalho remunerado desenvolvidas na Penitenciária Estadual de Maringá recai sobre o entendimento da convergência e da divergência sobre o trabalho, labor e ação e a sua organização, no sentido de aparar as arestas existentes que, por vezes, fazem emergir dúvidas e/ou certezas em relação à utilização e remuneração de mão-de-obra carcerária e a consecução dos propósitos de ressocialização e reinserção desses presos à sociedade, quando do cumprimento total ou parcial de suas penas.

É oportuno mencionar ainda que a questão do trabalho, no sistema penitenciário, tem sido responsável por constantes e exaustivas discussões, pelas instâncias superiores, bem como por técnicos responsáveis pelo tratamento penal, à medida que deles dependem a ocupação do

preso e que, além de tudo, funciona como efeito moderador das tensões inerentes ao ambiente prisional, bem como a geração de renda complementar para o preso e seus familiares.

Portanto, esse trabalho justifica-se pela importância que representa para o sistema prisional, nessa questão que envolve as visões sobre o trabalho remunerado para o preso, como também para as demais implicações, tanto na gestão do sistema como também na perspectiva que envolve a vida futura dos egressos das prisões.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A revisão da literatura proposta iniciará abordando sobre as características das organizações, culminando com as definições respectivas, mais incisivamente sobre as instituições totais que, por sua vez, encampam, dentre outras organizações, as prisões. Em seguida, o assunto a ser tratado diz respeito à organização do trabalho, com ênfase na área prisional, por final concluindo com várias abordagens sobre o sentido do trabalho.

2.1 AS ORGANIZAÇÕES E SUAS CARACTERÍSTICAS

Nesse ponto, torna-se oportuno discutir sobre as organizações, apresentando algumas definições, de diversos autores, que acabam por caracterizá-las de forma a traçar um panorama que permita compreender melhor suas finalidades dentro da sociedade. Ênfase especial será dada às instituições totais que abrangem, dentre outras entidades, os presídios que no presente estudo possuem especial importância em busca do alcance dos objetivos que foram propostos mediante esse trabalho de pesquisa.

2.1.1 Definindo organizações

A partir de meados do século XX muito se avançou no que se refere ao estudo das organizações, razão pela qual existem vários posicionamentos e definições sobre elas advindos de uma série de autores, dentre os quais serão destacados alguns deles, na perspectiva de dar maior visibilidade ao assunto.

Não se pode ignorar o fato de que as organizações existem, mas a razão de estarem presentes no mundo atual de forma cada vez mais atuante e inseridas no contexto social aponta para a necessidade de estudá-las tanto em termos de sua dinâmica de funcionamento como também na questão do relacionamento na sociedade. Quando se questiona sobre a razão de se compreender e estudar as organizações, as respostas que se apresentam são cada vez mais evidentes, pois as organizações acabam por envolver o homem, de forma dominadora, em todo o curso de sua existência.

A respeito disso, Hall (2004) fala sobre a intensa presença das organizações na vida do homem, afirmando ser impossível evitá-las, tal qual a morte ou o pagamento de impostos. Nesse contexto, afirma que estudar as organizações não se trata de um simples exercício acadêmico e que estejam elas em que nível for, sempre serão peças importantes nos processos de mudanças sociais, a exemplo do que vem ocorrendo ao longo da história.

As indagações sobre o porquê da existência das organizações têm orbitado sobre a afirmação de que na realização de tarefas, geralmente, o esforço coletivo alcança resultados melhores que o individual. Quanto ao entendimento sobre as organizações, as definições servem para que se tenha uma base referencial em busca da compreensão daquilo que se pretende estudar. A esse respeito, as organizações, já há longo período, têm sido avaliadas e discutidas por autores clássicos como Max Weber, Chester Barnard, dentre outros.

Sobre Weber e Barnard, Hall (2004) faz uma síntese sobre suas respectivas considerações a respeito de organizações, iniciando com Weber, renomado estudioso sobre o assunto, destacando-se pelas suas considerações sobre burocracia e autoridade, além de seu reconhecido empenho na definição de organização. Destaca, então, que Weber, ao apresentar sua concepção sobre organização, exalta o que denominou de Grupo Corporativo, a fim de demonstrar uma relação social fechada, cujo acesso de novos ingressantes está vinculado a uma complexa relação de hierarquia, autoridade e vontade dos membros (chefes/superiores) em suas funções usuais e específicas, inerentes aos objetivos de trabalho.

Além disso, as organizações possuem pessoas interagindo, desenvolvendo relações sociais e a idéia de grupo corporativo é ratificada quando fica claro que sua relação inclui alguns segmentos da população e exclui outros. A visão de Weber, além do Grupo Corporativo, abrange também o fato de que nas organizações nada acontece por acaso e que as interações ocorrem por meio de associações formais, ao invés de associações comunitárias, como

normalmente acontece na sociedade. Portanto, padrões de interação ocorrem entre os membros das organizações de forma legítima, em busca do alcance de objetivos estabelecidos. Sua idéia de que as organizações são criadas para cumprir uma finalidade, fazer algo, é ainda hoje considerada pelos estudiosos e analistas dessa área (HALL, 2004).

Já no caso de Barnard (apud HALL, 2004), mesmo apresentando pontos em comum com o pensamento de Weber, desenha uma perspectiva diferente em que o papel do indivíduo é exaltado, partindo das articulações entre duas ou mais pessoas em busca de um propósito comum. Sua concepção sobre organizações parte do pressuposto de que os indivíduos que a compõem (membros do sistema) é que devem ser focados, pois são os responsáveis em comunicarem-se entre si e tomar decisões, enquanto Weber privilegia o sistema.

Seguindo com algumas outras definições sobre organizações, iniciamos com Srour (1998, p. 108), que diz serem as organizações “agentes coletivos, à semelhança das classes sociais, das categorias sociais e dos públicos [...] são planejadas de forma deliberada para realizar um determinado objetivo”. Nessa perspectiva, o autor referencia ainda como principais organizações formais as públicas, as privadas e as sem fins lucrativos, exaltando o fato de que cada uma delas apresenta características muito peculiares que as diferenciam, inclusive daquelas que pertencem à mesma categoria, no entanto, trazendo em seu escopo objetivos bem definidos e papel importante na sociedade atual.

Argumentam ainda que a organização não é um fim em si; encontra-se apoiada em um processo de planejamento, a fim de atingir os objetivos a que se propõem. No entendimento de Robbins (2000), as organizações possuem propósitos distintos, que normalmente são transcritos em metas. As organizações, invariavelmente, são compostas por pessoas e contam com uma estrutura que se edifica por intermédio da definição de papéis formais e limitadores de comportamento de seus integrantes. Assim, afirma que uma organização “é um arranjo sistemático de duas ou mais pessoas que cumprem papéis formais e compartilham um propósito comum” (ROBBINS, 2000, p. 31). A perspectiva do autor é que um negócio só se torna organização quando estabelece metas formais, contando com um grupo de pessoas que se relacionam entre si, a partir de uma estrutura formal e em busca de satisfazer as necessidades institucionais e não as pessoais, de forma mais eficiente do que se agissem independentemente.

Acabam por ser bastante semelhantes as definições que se encontram sobre organização. Todavia muitas informações a respeito delas, que são veiculadas por diversos autores, ajudam sobremaneira o entendimento da importância dessas entidades, bem como o papel que desempenham na sociedade. A exemplo disso, Lacombe e Heilborn (2003, p. 13) apresentam seu entendimento sobre o papel das organizações, quando dizem que:

[...] são as organizações que executam quase todas as atividades na sociedade moderna. As organizações complexas representam um dos elementos mais importantes da sociedade atual. Em geral as pessoas nascem em hospitais, são educadas em escolas e trabalham em uma organização. Tiram grande parte de sua satisfação material, social e cultural de organizações. O caminho para a compreensão do homem moderno e da sociedade em que vive conduz, portanto, ao estudo das organizações complexas.

São esses mesmos autores que entendem também o desempenho das organizações, em média, como bastante superior às iniciativas dos indivíduos, tornando-os impossibilitados de competir sozinhos em relação ao que está sendo executado por elas.

Vale apresentar aqui a perspectiva de Hall (2004, p. 30), quando afirma que

Uma organização é uma coletividade com uma fronteira relativamente identificável, uma ordem normativa (regras), níveis de autoridade (hierarquia), sistemas de comunicação e sistemas de coordenação dos membros (procedimentos); essa coletividade existe em uma base relativamente contínua, está inserida em um ambiente e toma parte de atividades que normalmente se encontram relacionadas a um conjunto de metas; as atividades acarretam conseqüências para os membros da organização, para a própria organização e para a sociedade.

Na concepção de Bateman e Snell (1998), as organizações não se consubstanciam a partir de um grupo aleatório de pessoas que se encontram ao acaso. O que ocorre é um acordo formal e consciente de pessoas em busca do alcance de objetivos comuns, esforço esse direcionado e potencializado a alcançar bons resultados para o negócio (bens e serviços). Assim definem organização como “um sistema administrado, projetado e operado para atingir determinado conjunto de objetivos” (BATEMAN; SNELL, 1998, p. 33).

Ainda falando sobre organizações, Bernardes e Marcondes (2003) apresentam versão interessante sobre o assunto, comentando sobre a origem das organizações a partir da sinergia (colaboração), buscando maior eficiência na execução de tarefas, em coletividade, que acaba por superar qualquer esforço individual.

A organização é uma coletividade formada por pessoas que: 1) tem a ‘função’ de produzir bens e prestar serviços à sociedade, bem como atender as necessidades de seus participantes; 2) possui uma ‘estrutura’ formada por indivíduos que se relacionam, colaborando e dividindo o trabalho para transformar insumos em bens e serviços [...] (BERNARDES; MARCONDES, 2003, p. 14).

Fazem ainda um paralelo, para ilustrar esta questão, mencionando a experiência dos antigos egípcios, que criavam organizações para controlar a distribuição de água para a irrigação de lavouras, como também utilizá-las na arrecadação de impostos, dentre outros compromissos do Estado.

Dessa forma, Bernardes e Marcondes (2003) buscaram estabelecer alguns motivos que levam um grupo de pessoas a formarem uma organização, conforme a seguir descritos:

[...] para ser obtido resultado específico, em geral, basta um certo número de especialistas, isto é, a quantidade de executores fica entre um limite máximo e um mínimo; 2) tais especialistas tendem a permanecer pelo fato de a repetição das tarefas tornar o trabalho mais rápido e perfeito, ao mesmo tempo em que a substituição dos executores é evitada por acarretar custos adicionais pelo treinamento dos recém-admitidos; 3) a colaboração exige regras de procedimentos, determinando quem faz o quê e como, fato esse que necessita de tempo para sua elaboração por parte dos participantes; 4) tais condições tendem a fazer com que associações se tornem perenes, isto é, duráveis no tempo, quando passam a ser chamadas por organizações (BERNARDES; MARCONDES, 2003, p. 13).

Um outro aspecto que merece destaque é a preocupação que os referidos autores demonstram quando enfatizam que as *organizações* são entes concretos (indústrias, bancos, lojas de varejo, escritórios de serviço, etc.) e não podem ser confundidas com *instituições* que caracterizam com um fenômeno social, constituído por pessoas que possuem comportamentos, valores, crenças comuns e, geralmente, se relacionam baseados em normas e procedimentos estabelecidos.

Blau e Scott (1977, p. 16) abordam essa questão mencionando:

[...] relações sociais entre indivíduos e grupos e a estrutura de posição definida por eles constituem o centro da organização social de uma coletividade, mas não o seu todo. A outra principal dimensão da organização social é um sistema de crenças e orientações compartilhadas que servem como standards para a conduta humana.

O que se pode observar, na atualidade, é que o mundo é formado por organizações e que o homem contemporâneo faz parte dessas organizações que estão incumbidas de realizar grandes projetos e trabalharem em grandes projetos que demandam o envolvimento de milhares de pessoas.

É certo que não se pode desvincular organizações de pessoas, pois são elas que constituem tais organizações, pois um amontoado de equipamentos, materiais e utensílios, com certeza, não teriam muita importância se não servissem de suporte aos homens que delas fazem parte.

Dentro dessas estruturas, o homem figura como centro de atenções e, por conseguinte, é responsável pelos problemas de maior importância na complexa missão de gerir as organizações, ficando as questões relativas a condições materiais relegadas a um plano acessório, todavia também importante para o entendimento da dinâmica de funcionamento das organizações.

Por exemplo, na concepção de Perrow (1972), nas organizações modernas as pessoas são a fonte dos problemas, geralmente oriundos no exercício do trabalho e do relacionamento entre elas.

A vida organizacional, sob o enfoque sociológico, pode ser abordada a partir das organizações formais que possuem as mais variadas características, ou seja, porte, número de pessoas envolvidas, ramo de atividade, enfim, uma série de aspectos que acaba por caracterizá-las e lhes dar identidade própria. É bem verdade que, ao tratarmos as organizações formais também conhecidas como “complexas”, não se pode perder de vista que dentro delas também existe um emaranhado de relações informais que acabam por se incorporar ao todo da organização, pois a diferenciação de tais relações é apenas analítica, não havendo possibilidade de segmentá-las, pois a organização é uma só. Sobre essa questão, Blau e Scott (1977, p. 19), afirmam que:

[...] é impossível compreender a natureza de uma organização formal sem investigar as redes de relações informais e as normas extra-oficiais, assim como a hierarquia formal de autoridade e as regras oficiais, pois os padrões formalmente instituídos e aqueles que aparecem informalmente se entrelaçam inextricavelmente.

Então, a Penitenciária Estadual de Maringá, local de desenvolvimento deste trabalho, encontra-se inserida no rol das organizações complexas, sendo que suas características mais determinantes estão definidas no próximo item, que trata das instituições totais, em que se enquadram os presídios.

2.1.2 Instituições totais

Ao se falar de instituições totais, é preciso enfatizar que, diferentemente do que pode parecer, elas ainda existem na sociedade atual e são cada vez mais aparentes, através das enormes estruturas, como é o caso do sistema penitenciário, dos complexos médicos, através dos hospitais gerais e/ou psiquiátricos, das instituições religiosas que exigem clausura de seus adeptos, dos colégios internos, estabelecimentos esses que variam, em termos de abertura ou fechamento, em relação à sociedade, de acordo com suas realidades específicas.

Portanto, um paralelo interessante a se fazer consiste na avaliação do grau de fechamento das instituições e afirmar que todas apresentam uma tendência natural de fechamento, observando que as estratégias de internação de indivíduos, em nossa sociedade, continua a ser prática constante.

Faz-se mister, antes de quaisquer outras incursões sobre o assunto, ressaltar que a relação social dos indivíduos pertencentes a essas instituições com o mundo externo percorre um caminho que acaba por apontar que, quanto mais fechadas, maiores são os níveis de restrição e nesse extremo é que se encontram as *instituições totais*.

A esse respeito, Goffman (1974) define instituição total como um ambiente de residência e trabalho, onde existe uma concentração de indivíduos, em condições semelhantes, alijados do convívio com a sociedade, por expressivo período de tempo, o que acaba por configurar uma vida fechada e formalmente controlada. O autor afirma ainda que essas instituições acabam por sediar as atividades de trabalho, lazer, dentre outras que podem ser terapêuticas, correccionais, educativas, pedagógicas, profissionalizantes, etc.

Fica evidente que a lógica de funcionamento das instituições totalitárias inibe ou até mesmo extingue a autonomia, a responsabilidade, o espírito crítico dos indivíduos, com o intuito de torná-los inertes, obedientes e submissos. São *estufas* para mudar as pessoas.

Para Perrow (1972), os tipos de organização/instituição podem ser identificados através de critérios que as diferenciam a partir de suas funções manifestas à sociedade ou também pela maneira pela qual elas são controladas. A busca das instituições totais, quando inibem o contato entre o internado e o ambiente externo, é extraí-lo totalmente do mundo de onde se origina, a fim de que o *processo de aprendizagem* ao qual será submetido seja mais

facilmente absorvido, isento de comparações, e mais suscetível às normas internas que lhes serão impostas.

Tais instituições totais podem ser vislumbradas em cinco situações distintas, de acordo com o que segue:

Em primeiro lugar, instituições criadas para cuidar das pessoas que, segundo se pensa, são incapazes e inofensivas; nesse caso estão as casas para cegos, velhos, órfãos e indigentes. Em segundo lugar, há locais estabelecidos para cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas e que são também uma ameaça à comunidade, embora de maneira não intencional; sanatórios para tuberculosos, hospitais para doentes mentais e leprosários. Um terceiro tipo de instituição total é organizado para proteger a comunidade contra perigos intencionais, e o bem-estar das pessoas assim isoladas não constitui o problema imediato: cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra, campos de concentração. Em quarto lugar, há instituições estabelecidas com a intenção de realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho, e que se justificam apenas através de tais fundamentos instrumentais: quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colônias e grandes mansões (do ponto de vista dos que vivem nas moradias dos empregados). Finalmente, há os estabelecimentos destinados a servir de refúgio do mundo, embora muitas vezes sirvam também como locais de instrução para os religiosos; entre exemplos de tais instituições, é possível citar abadias, mosteiros, conventos e outros claustros (GOFFMAN, 1974, p. 16).

No entanto, existe, ainda, algum posicionamento interessante que contribui, sobremaneira, para o entendimento da dinâmica das relações interpessoais e do funcionamento dessas instituições complexas, denominadas de *totais*.

Pois bem, nesse contexto, tais *instituições totais*, classificadas por Etzioni (1974) como *organizações coercitivas*, são aquelas que se utilizam da coerção como meio de controle junto aos níveis inferiores, além de uma característica bastante marcante que consiste no alto grau de alienação dos participantes dessas organizações.

Fica evidente, portanto, que nessas entidades o uso da força é fator importante como meio de consecução de seus objetivos principais. Nesse sentido, Etzioni (1974, p. 57) afirma que:

As organizações coercitivas são entidades nas quais a coerção é o principal meio de controle sobre os participantes dos níveis inferiores e a elevada alienação caracteriza a orientação da maioria deles em relação à instituição. Casos típicos são campos de concentração, campos de prisioneiros de guerra, a maioria das prisões, instituições correcionais tradicionais e hospitais de doenças mentais com internamento. Campos de trabalho forçado e centros de repatriamento são também organizações coercitivas.

Vale salientar que os padrões coercitivos utilizados na manutenção do controle de tais instituições podem variar substancialmente, levando-se em conta as características e

finalidades para as quais foram constituídas. Por exemplo, as prisões possuem características de funcionamento que exigem um padrão coercitivo muito mais acentuado do que em um hospital psiquiátrico ou em uma instituição correcional para menores.

Em relação ao fator denominado grau de alienação, Etzioni (1974) considera que, quanto maior o grau inicial de alienação apresentado por entre os diversos tipos de organizações, maior o padrão coercitivo empregado.

Alguns parâmetros são interessantes, na avaliação de uma organização coercitiva, onde o tipo de punição para faltas semelhantes pode variar substancialmente, dependendo das características da organização onde tais faltas ocorreram.

Para se fazer, então, uma reflexão sobre a posição dessas organizações coercitivas, em relação à questão acima referenciada, tem-se o seguinte:

Uma forma de determinar empiricamente o lugar de uma organização no *continuum* coercitivo é estabelecer a punição típica para o mesmo tipo de ofensas em várias organizações. Por exemplo, a punição por tentativa de fuga de um campo foi freqüentemente morte ou tortura; de prisões, a extensão da sentença era freqüentemente de um ano; em instituições correcionais a duração da sentença era bem menor [...] (ETZIONI, 1974, p. 60).

A realidade das Instituições que fazem parte do Sistema Penal, nesse caso a Penitenciária Estadual de Maringá, merece aqui um parênteses a respeito dessa questão, pois possuem as características que as enquadram no rol das organizações coercitivas. Todavia na atualidade os padrões coercitivos não podem fugir significativamente dos parâmetros estabelecidos e normatizados para os tipos de punição que devem ser aplicados para determinados tipos de faltas, a não ser quando o assunto for tratado na informalidade.

Os hospitais para doenças mentais são difíceis de situar dessa forma, de vez que nessas organizações é dada uma interpretação diferente ao mesmo tipo de falta, e desde que outras formas de punição – algumas vistas como medidas terapêuticas – estão disponíveis, tais como choque elétrico, injeção de insulina e camisa de força. Na medida em que uma comparação pode ser feita sugerimos que os hospitais de doenças mentais se assemelham a instituições correcionais para delinquentes juvenis, mais do que a prisões, comparação que freqüentemente é feita. Parece que a juventude e a insanidade suavizam a orientação punitiva. Os indivíduos estão nos dois tipos de organização contra a sua vontade, mas a mesma falta pode trazer confinamento menos duradouro quando o faltoso é jovem ou legalmente definido como doente mental. Não existe pena capital em qualquer dessas organizações. Reabilitação e terapia, limitadas como possam ser, aparecem mais freqüentemente nesses dois tipos de organização do que em prisões. Ambas recaem na parte relativamente menos coerciva da categoria (ETZIONI, 1974, p. 60).

Não resta dúvida que as organizações coercitivas, hoje mais constantes e estudadas com maior frequência, são as prisões e os hospitais de doenças mentais que representam uma amostra com informações para o entendimento das características e peculiaridades de tais instituições.

A investigação apresentada sobre as instituições penais de Santa Catarina, conforme Vieira (1999), propicia uma reflexão que reforça o fato de que este tipo de organização é extremamente complexa e merece atenção especial no que tange ao relacionamento entre seus colaboradores, internados e a dita impermeabilidade em relação ao ambiente externo, pois este constante isolamento faz com que aqueles que convivem nas instituições prisionais (os internados e os que ali trabalham) fiquem ilhados e dividam as angústias e pressões desse ambiente, quase sempre alheio à sociedade para qual os tais internados algum dia voltarão.

Fica visível também que, na maioria dos casos, o *modus-operandi* dos presídios está em sintonia com o que as sociedades ao longo do tempo idealizaram para essas instituições, ou seja, o exercício do controle e da dominação, cujos efeitos são bastante adversos à proposta declarada de *ressocialização*.

Sobre essa questão, é oportuno o posicionamento de Goffman (1974), quando aborda o que denomina de *ajustamentos secundários*, como prerrogativa para que os internados sintam ainda uma certa autonomia sobre o ambiente em que vivem, atenuando sobremaneira as influências e as pressões que sofrem. Diz o autor que tais ajustamentos secundários são “[...] práticas que não desafiam diretamente a equipe dirigente, mas que permitem que os internados consigam satisfações proibidas ou obtenham, por meios proibidos as satisfações permitidas” (GOFFMAN, 1974, p.161).

Mais um aspecto que merece consideração é a já mencionada questão da impermeabilidade ou invisibilidade das instituições prisionais (e de outras instituições totais), levando-se em conta o fato de que a sociedade se abstrai da dura realidade vivida pelos seus colaboradores e internados, parecendo ser tais instituições ambientes impenetráveis e ilhados em relação à sociedade, ao passo que o ideal seria se pudessem estar inseridas, mormente, no que concerne ao estabelecimento de políticas públicas, em um contexto que privilegiasse uma proposta de *reabilitação para a liberdade*.

No rol das organizações normativas, pode-se encontrar as entidades religiosas, igrejas, conventos, universidades, hospitais gerais, dentre outros, que apresentam como característica

básica o poder normativo como fonte de controle. Para Etzioni (1973), essas organizações trazem em seu escopo o poder normativo como eixo central de controle sobre a maioria dos participantes, especialmente dos níveis mais inferiores, tendo ainda como característica marcante o alto grau de engajamento de seus membros.

Um posicionamento interessante sobre o assunto é feito por Goffman (1974, p. 17), quando afirma que:

Uma disposição básica da sociedade moderna é que o indivíduo tende a dormir, brincar e trabalhar em diferentes lugares, com diferentes co-participantes, sob diferentes autoridades e sem um plano racional geral. O aspecto central das Instituições totais pode ser descrito com a ruptura das barreiras que comumente separam essas três esferas de vida. Em primeiro lugar, todos os aspectos da vida são realizados no mesmo local e sob uma única autoridade. Em segundo lugar, cada fase da atividade diária do participante é realizada na companhia imediata de um grupo relativamente grande de outras pessoas, todas elas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto. Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em tempo predeterminado, à seguinte, e toda a seqüência de atividades é imposta de cima, por um sistema de regras formais explícitas e um grupo de funcionários. Finalmente, as várias atividades obrigatórias são reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender aos objetivos oficiais da instituição.

O que se deve considerar, a partir disso, é que as instituições totais, através de princípios doutrinários, segregam seus ocupantes das influências do ambiente externo, em maior ou menor medida, e entendem que, com isso, irão facilitar o processo de ressocialização, utilizando suas estruturas hierárquicas (normativas, coercitivas etc.) para potencializar os resultados das propostas de reeducação do internado.

2.1.2.1 Os presídios

Dentro da classificação de instituições totais, encontram-se os presídios, também denominados de Instituições Penais, Penitenciárias, etc. Como dito anteriormente, tais instituições totais apresentam características bastante peculiares, variando, entretanto, quanto ao rigor de suas normas, geralmente vinculadas aos objetivos que perseguem e ao papel que desempenham na sociedade.

No caso dos presídios, geralmente existe um grupo numeroso de internados, sendo supervisionado por equipe reduzida de técnicos administrativos e agentes penitenciários, que perseguem o propósito formal de transformação dos presos através da educação, do trabalho e da implantação de um regime disciplinar severo e cerceador do contato e interação com o mundo exterior.

Todavia, esta tão falada impermeabilidade dessas instituições, que deveriam ser modificadoras dos indivíduos que nelas ingressam, acaba por prejudicar a preparação desses indivíduos para o retorno à sociedade, pois os afastam ainda mais dos valores da sociedade da qual foram extraídos e que voltarão, mais cedo ou mais tarde, a fazer parte.

Nesse sentido, Foucault (1982) afirma que tais instituições (as prisões), já desde sua origem, deveriam estar voltadas ao projeto de modificação daqueles que nelas ingressam como internados, mas que isso infelizmente não foi possível, de acordo com o que afirma em sua obra “Microfísica do Poder”:

[...] desde o começo a prisão devia ser um instrumento tão aperfeiçoado quanto a escola, a caserna ou o hospital, e agir com precisão sobre os indivíduos. O fracasso foi imediato e registrado quase ao mesmo tempo que o próprio projeto. Desde 1820 se constata que a prisão, longe de transformar os criminosos em gente honesta, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade (FOUCAULT, 1979, p. 131).

Na Antiguidade, a privação da liberdade não tinha conotação de pena e, sim, de local de custódia e tortura, abrigando prováveis réus que aguardavam julgamento ou execução. Tais lugares, onde permaneciam os delinquentes aguardando julgamento, eram os mais variados possíveis, uma vez que, todavia, não havia estrutura com arquitetura semelhante a das penitenciárias atuais. Dentre eles pode-se destacar os famosos calabouços, torres, porões de castelos, dentre outros locais quase sempre insalubres e de precárias condições (FOUCAULT, 1987).

Já na fase contemporânea, houve uma grande evolução das estruturas penitenciárias, com intuito de atender as demandas que emergem da sociedade atual, vislumbrando, além do cumprimento da pena, a execução de um projeto de ressocialização do apenado.

2.2 A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO – ASPECTOS CONCEITUAIS

A história tem nos mostrado, aqui no Brasil, que investigações sobre a questão da organização do trabalho têm sido intensificadas, nas últimas duas décadas, quando as organizações industriais passaram a ser estudadas com mais frequência, proporcionando condições de retratar melhor a evolução industrial de nosso país.

A organização do trabalho, segundo Fleury e Vargas (1983), é permeada pelas posturas normativa (ciências da engenharia e da administração) e crítica (ciências sociais), cujos enfoques, assumidos, de um lado, por engenheiros e administradores, contemplavam os aspectos normativos, abrangendo as questões mais operacionais advindas das situações reais do trabalho e, de outro lado, os cientistas sociais com uma postura crítica sobre o processo, vislumbrando mais seus aspectos psicológicos, sociais e políticos. Afirma também não existir, em um nível significativo, qualquer tipo de tráfego de experiências e conhecimentos entre as duas posturas, o que torna os estudos sobre a organização do trabalho ainda mais complexos e desafiadores.

Não se pode negar que a obra de Taylor - “Administração Científica” - contribuiu para a construção de um rol de técnicas de organização e gestão do trabalho e da produção. Ao contrário do que muitos pensam, os princípios da Administração Científica continuam a fazer parte integrante da gestão nas indústrias, resguardadas, obviamente, as devidas proporções, bem como suas especificidades às diferentes realidades e demandas.

Conforme Heloani (1994), ao final da I Guerra Mundial, com a volta dos contingentes militares, as indústrias passaram a investir nos processos de gestão de mão-de-obra para a organização do trabalho, permitindo a difusão do taylorismo sobre uma corrente denominada de Administração de Pessoal, que durante a I Guerra Mundial teve uma importante influência. Em termos econômicos, a vitória americana nessa guerra fez emergir a preocupação com a organização do trabalho com vistas ao mercado mundial e a volta da concorrência entre empresas:

A difusão do taylorismo no nível de gestão de pessoal significou a vitória sobre uma outra corrente que havia crescido durante a I Guerra Mundial – a administração de pessoal. Embora possuísse inúmeras divergências em relação a Taylor, essa corrente tinha alguns pontos em comum com o taylorismo: apoiava a racionalidade do trabalho, a redução de custos etc. (HELOANI, 1994, p. 42).

Dessa forma, Taylor, ao analisar a administração tradicional, impulsionada por mecanismos de iniciativa e incentivo, argumentava sobre o fato de que a administração não poderia deixar a cargo do operativo, definir o melhor e mais econômico método de realizar o trabalho e que os incentivos só alcançariam os propósitos quando o operariado exercesse completo controle e conhecimento sobre o trabalho. Portanto, sua crítica residia na dicotomia do investimento à iniciativa do operário em definir o método de trabalho e dar maior rendimento ao patrão frente à forte influência dos métodos tradicionais de trabalho, ainda muito presentes nas grandes corporações.

De acordo com Fleury e Vargas (1983), para Taylor havia sempre um melhor modo de executar o trabalho e com o estudo de tempos e movimentos seria possível identificá-lo e padronizá-lo. Argumentam ainda que os princípios da obra de Taylor versam sobre a organização do trabalho, ou seja, de como ele seria realizado, conhecendo-o e exercendo controle sobre ele, propiciando, assim, melhores condições de identificar o trabalhador com as características adequadas às demandas exigidas pelas respectivas atividades que lhes seriam atribuídas.

O primeiro princípio de Taylor preconizava a execução da análise científica do trabalho, de forma a avaliar a performance dos operários, potencializando seus conhecimentos de forma a aumentar a intensificação do trabalho a partir da avaliação dos tempos e movimentos e da definição do ritmo ótimo de trabalho, cientificamente projetado.

A perspectiva de Taylor demonstrava ainda sua preocupação com a existência de especialistas responsáveis pelas funções produtivas, o que acabou por estabelecer, para as organizações industriais, um padrão de estrutura administrativa a ser seguido:

O Taylorismo não deve ser visto, assim, como um simples estudo de tempos e movimentos, isto porque é orientador de muitas outras técnicas de gestão da produção. Além disso, não se limita somente ao campo de atuação do engenheiro, mas também incursiona nas demais profissões que cuidam de atividade fabril [...] (FLEURY; VARGAS, 1983, p. 23).

Com marcante influência, também, no mundo do trabalho, a obra de Ford exerceu importante papel com a instituição da *Ford Motors Company*, em 1903. Daí em diante, nos dez anos seguintes, consolidou-se o que se denominou de linha de montagem, em que Ford, ao longo dessa experiência, estabeleceu alguns princípios básicos, cujo ponto central era a viabilização do menor esforço mental e físico aos operários, através da racionalização dos movimentos.

Os resultados foram surpreendentes, ao se concluir a sensível redução dos tempos de montagem de chassis e motores e o parcelamento das operações, não mais exigindo funcionários especializados, surgindo então um nova concepção de funcionário com a incumbência de repetir sistematicamente movimentos padronizados, sem, entretanto, possuir qualquer conhecimento profissional especializado sobre o processo.

A proposta desenvolvida por Ford, denominada de linha de montagem, surgiu como um novo método de gestão da produção, passando a ser conhecido como fordismo:

O fordismo reformula o projeto de administrar individualmente as particularidades de cada trabalhador no exercício dos tempos e movimentos. Para tal fim, preconizará limitar o deslocamento do trabalhador no interior da empresa. O trabalho será dividido de tal forma que o trabalhador possa ser abastecido das peças e componentes através de esteiras, sem precisar movimentar-se. A administração dos tempos se dará de forma coletiva, pela adaptação do conjunto de trabalhadores ao ritmo imposto pela esteira (HELOANI, 1994, p. 45).

Portanto, Ford galgou substancial vantagem econômica ao simplificar profundamente o trabalho, a partir do seu parcelamento, não exigindo mais trabalhadores especializados nos processos de montagem e também referenciar que sobre esse aspecto ele pensava influenciado pela lógica do capital, onde se oportunizaria trabalho a uma classe menos favorecida, marcando uma nova fase no mundo do trabalho.

A fim de dar maior ênfase ao que se chama de fordismo, Antunes (1999, p. 64) comenta:

[...] entendemos o Fordismo ‘fundamentalmente’ como a forma pela qual a indústria e o processo de trabalho consolidaram-se ao longo deste século, cujos elementos constitutivos básicos eram dados pela produção em massa, através da linha de montagem e de produtos mais homogêneos; através do controle dos tempos e movimentos pelo cronômetro Fordista e produção em série Taylorista; pela existência do trabalho parcelar e pela fragmentação das funções; pela separação entre a ‘elaboração’ e ‘execução’ no processo de trabalho; pela existência de unidades fabris concentradas e verticalizadas e pela constituição/consolidação do operário-massa, do trabalhador coletivo fabril, entre outras dimensões.

Como resultado das pressões sobre os padrões advindas da sociedade, no final do século XVIII e início do século XIX, no que tange às condições e formas de organização do trabalho, bem como em relação às transformações verificadas na sociedade econômica (passagem do trabalho de subsistência ao trabalho assalariado) é que foram se delineando as novas formas de organização do trabalho de maneira a contemplar, com o decorrer do tempo, as mudanças socioeconômicas que desencadearam a passagem do trabalho artesanal para o trabalho industrial.

Assim, de acordo com a classificação apresentada por Fleury e Fischer (1987), surgem inicialmente dois grandes grupos de modelos de organização do trabalho: o primeiro, denominado de Modelo Clássico, e o segundo, de Novos Modelos de Organização do Trabalho.

No caso da administração científica, que surgiu numa fase bastante complexa porque passara à sociedade norte-americana, nas suas relações de trabalho, a adoção do sistema de Taylor, no âmbito político, alterou significativamente a relação de forças entre patrão e empregado, propiciando ao patronato a prerrogativa da organização do trabalho, baseada em esquema altamente autoritário, que na época gerou conseqüências que mereceram atenção especial, em razão das mudanças que proporcionaram. Tanto é verdade que Fleury e Fischer (1987, p. 52) declaram que:

As conseqüências da implantação do sistema taylorista foram profundas, havendo inclusive alguns focos de comoção social que obrigaram o governo americano a adotar ações, punitivas, contra empresas que chegaram às últimas conseqüências nesse processo de implantação.

No âmbito das condições tecnológicas, a aplicação do sistema de Taylor obteve plena aceitação, mormente por ter surgido na época das grandes invenções e inovações do final do século, que acabaram por potencializar, sob o ponto de vista das organizações, importantes avanços nas áreas de energia, comunicação e informações que por intermédio da administração científica pudessem ser implementados na produção.

A outra proposta, denominada de novos modelos de organização do trabalho, vem de encontro aos princípios e técnicas tayloristas, em busca de intensificar a humanização do ambiente de trabalho, todavia tendo pouca influência sobre os processos de trabalho, pois não contemplaram a dimensão tecnológica como um todo, ou seja, os equipamentos e a conformação física dos sistemas produtivos. Portanto, o alcance de tal proposta foi bastante limitado, não modificando ou adequando os processos de trabalho em si, apenas abrangendo algumas questões relativas ao ambiente de trabalho e a práticas administrativas. Desses modelos emergiram algumas propostas que foram denominadas de Grupos Semi-Autônomos e de Enriquecimento de Cargos, que essencialmente tratavam das necessidades humanas advindas do trabalho (FLEURY; FISCHER, 1987).

No caso dos Grupos Semi-autônomos, a característica principal é a formação de equipe de trabalhadores que, de forma cooperativa, executariam tarefas estabelecidas, sem a pré-

definição de funções para os membros da equipe. Fleury e Fischer (1987, p. 62) argumentam ainda que “[...]do ponto de vista dos trabalhadores, haveria um relativo grau de autonomia para estruturação de tarefas, o uso de habilidades múltiplas e o desenvolvimento de esquemas de grupo baseados em cooperação”.

Assim, esses grupos trazem para si a possibilidade de estabelecer o modo de produção e distribuição de tarefas, o que lhes propicia certa autonomia que a administração científica não concebia. Além disso, inerente a essa conformação de organização do trabalho, ocorre a diversificação de tarefas e, conseqüentemente, a quebra da monotonia típica da organização científica do trabalho, quando isola o trabalhador em seu posto e lhe determina tarefas repetitivas. A busca da automotivação dos funcionários tem sido explorada pelas organizações a partir da oportunidade que lhes é concedida de difundir suas idéias e de desenvolverem seu trabalho, gerando novos conhecimentos (FLEURY; FISCHER, 1987).

Para Fleury e Fischer (1987), a adoção desse esquema, para a organização do trabalho, reduziria o esforço para o planejamento de tarefas, proporcionaria maior flexibilidade aos processos de produção e faria emergir mecanismos de autocontrole entre o grupo. Para os trabalhadores um avanço, em termos de autonomia para a estruturação de tarefas; a possibilidade de utilização de habilidades múltiplas e cooperação entre os funcionários.

Há de se considerar, entretanto, que os grupos semi-autônomos, apesar de sentirem-se mais valorizados e reconhecidos por suas habilidades e versatilidade em desenvolver diferentes tarefas, gerando flexibilidade e maior facilidade em adaptar-se ao trabalho, estavam também inseridos em zona de conflito entre trabalhadores, seja pela insegurança que criaram por terem tornado dispensável, por exemplo, supervisores e encarregados, dentre outros, pelo acompanhamento de tarefas, como também pela inércia causada em atividades que exigem alto grau de especialização, para sua realização, que mesmo sendo efetuadas em grupo, permitiam que o trabalhador acabasse por executar sempre a mesma atividade ou tarefa.

Portanto, em busca de melhores formas de organização do trabalho, centradas na expectativa de tornar o trabalho sempre novo, desafiador e com bons níveis de produtividade, é que surge o que se denominou de Enriquecimento de Cargos ou Tarefas, que Argyris (apud FLEURY; VARGAS, 1983, p. 62) define como “[...] uma ampliação do trabalho de tal forma que isto traga maiores oportunidades para que os trabalhadores desenvolvam um trabalho que os levem a atingir as características de personalidade de pessoas maduras”.

Para Argyris (apud FLEURY; VARGAS, 1983), então, a ampliação do trabalho poderia ocorrer pelos métodos de Rotação de Cargos (rodízio entre pessoas responsáveis por tarefas no processo produtivo); Ampliação Horizontal (agrupar várias tarefas da mesma natureza em um mesmo cargo); Ampliação Vertical (agrupar tarefas diferentes em um mesmo cargo); e Enriquecimento de Cargos (quando ocorrer a combinação entre ampliação vertical e horizontal em um único cargo).

A proposta, intitulada de enriquecimento de cargos ou tarefas, avança no sentido de conceder aos operários uma participação mais efetiva no desenvolvimento do trabalho. Fleury e Ficher (1987, p. 62) consideram que “[...] em relação ao parcelamento das tarefas [...] não mais era entregue a um trabalhador uma parcela elementar do trabalho, mas um conjunto de tarefas que levariam à consecução de um produto completo”.

Pontos discutíveis, inerentes a esta proposta, giram em torno da sobrecarga das tarefas que são atribuídas aos trabalhadores, pois assumem responsabilidades adicionais (controle da produção e do produto), com o propósito de assegurar maior qualidade. Esse fato é evidente nas palavras de Gorz (1980, p. 86), quando diz que “[...] o enriquecimento das tarefas consiste precisamente em devolver ao operário de produção a responsabilidade das tarefas de regulagem, de preparação, de manutenção e de controle de que antes ele tinha sido privado”.

Dentre outros aspectos que merecem crítica no processo, tem-se ainda que, no enriquecimento das tarefas, o trabalhador operacional não está envolvido na definição das formas como tal enriquecimento deverá ocorrer, surgindo uma clara lacuna entre quem planeja e quem executa o processo. Nessa linha, Fleury e Vargas (1983, p. 34) discutem o fato alertando para certa resistência na introdução do método, afirmando que “[...] o cargo é enriquecido para o operário, sem que ele participe do processo”.

Assim, o método de enriquecimento de cargos ou tarefas acaba por induzir o trabalhador a melhorar os níveis de produtividade, contribuindo, entretanto, de forma muito branda para a evolução e melhora das relações de trabalho.

Vale dizer que a evolução das formas de gerir o trabalho foi resultado, geralmente, do aprendizado que se extraiu da relação entre o homem e o trabalho. Portanto, a busca de novas formas de organização do trabalho tem vencido várias etapas, desde a época do trabalho artesão até dos dias de hoje. Em relação ao modo capitalista de produção, surge a divisão do trabalho (o parcelamento de tarefas), que diferentemente da dinâmica do trabalho do artesão

(que tinha pleno domínio de todo o processo produtivo, desde o seu planejamento até sua fase final), submete, com tal divisão do trabalho, a responsabilidade do planejamento e controle para uns e a execução para outros. A propósito da divisão do trabalho, Braverman (1987, p. 70) contempla o assunto afirmando que “[...] o mais antigo princípio inovador do modo capitalista de produção foi a divisão manufatureira do trabalho, e de uma forma ou de outra a divisão do trabalho permaneceu o princípio fundamental da organização industrial”.

A exemplo disso, outras muitas formas de organização do trabalho foram surgindo, quase sempre vinculadas à busca de equilíbrio entre os interesses das organizações e a satisfação dos trabalhadores. Consta-se atualmente que, com os avanços científicos e tecnológicos, os processos produtivos sofreram readequações, repercutindo diretamente na organização do trabalho. Tais readequações vislumbravam, dentre outros aspectos, a aproximação dos trabalhadores aos objetivos da organização, propiciando-lhes participar do planejamento e decisões institucionais.

2.2.1 A organização do trabalho nas prisões

A organização do trabalho nas prisões tem sido matéria em evidência, despertando a atenção de estudiosos de diversas áreas (administração, direito, sociologia, psicologia, etc.), seja pela dimensão que o problema da criminalidade e do crescente número de presos vem assumindo no Brasil, seja pela exigência legal que garante o direito de trabalho ao preso.

A viabilização de ambientes compatíveis e pessoal capacitado para implementar os meios necessários para o desenvolvimento de trabalho pelos presos são tarefa complexa e exigem altos investimentos, pois as estruturas existentes são bastante precárias. Essa é a realidade brasileira.

O trabalho, para o preso, além de contribuir para a manutenção da disciplina e diminuição da tensão e ociosidade dentro das prisões, propicia, através da laborterapia, cumprir a proposta de recuperação do sentenciado. É verdade que atividades voltadas à profissionalização do preso e que estejam sintonizadas com as demandas de mercado apresentam maior

possibilidade de resultados positivos.

Na visão de Pastore (2002, p.2),

As soluções educativas têm mais êxito. É verdade que treinar presidiários é uma tarefa complexa e onerosa, mas é o que funciona. O exercício voluntário de atividades profissionais bem apreendidas tem um efeito positivo na psicologia dos presos. Eles ficam mais seguros para enfrentar um mercado de trabalho que muda a cada dia.

Um outro aspecto que merece consideração, pois demonstra a importância que se tem atribuído ao trabalho de presos, é a questão da remuneração que lhes é destinada, fruto do trabalho que desenvolvem. Para boa parte do trabalho, a remuneração de seu trabalho serve para atender às necessidades de seus familiares ou, em uma outra situação, formar uma reserva que lhes seja oportuna na época em que retornarem à sociedade.

No que concerne à organização do trabalho, nos presídios, Silva (2001) acrescenta que as experiências ainda são bastante acanhadas em vista do que pode ser feito nessa área, e apresenta algumas opções de arranjos, nas prisões, para manter um empreendimento, seja industrial, comercial ou de serviços. É bom lembrar que essa realidade de organização do trabalho considera, em primeiro lugar, as características e peculiaridades da instituição penal e, em um segundo momento, as orientações de mercado.

Portanto, as instituições penais, sejam de regime fechado ou semi-aberto, devem ser avaliadas e, com base nas suas características e finalidades, receberem o projeto ideal de utilização de mão-de-obra de presos. Nesse sentido, Silva (2001, p. 36) apresenta algumas alternativas de atividades que podem ser realizadas dentro dessas instituições:

As atividades mais adequadas à prisão são as que ocupam mais mão-de-obra, com pouca tecnologia agregada; a verticalização da produção, impossível em alguns setores da economia devido aos altos custos, é possível dentro da prisão; o ambiente prisional é adequado para o trabalho manual, metódico e repetitivo, como as linhas de produção que não podem ser automatizadas; atividades que precisam ser realizadas em turnos contínuos, sem interrupção, e que demandam grande volume de operadores podem ser solucionadas com a utilização da mão-de-obra do preso, como serviços de atendimento a clientes, suporte on-line, telemarketing e operação de call center, desde que precedidas de treinamento adequado; máquinas e equipamentos que precisam de operadores contínuos para seu funcionamento, produção e manutenção podem ser instaladas dentro da prisão, como altos-fornos de pequeno porte, caldeiras e geradores; atividades-meios, tradicionalmente terceirizadas, podem ser executadas na prisão, como recebimento e expedição de correspondência, expedição de mailings, elaboração de clippings, prospecção de clientes, produção e impressão de material gráfico, bem como aquelas que envolvam cadastramento, conferência e organização de dados; construções, manutenção e conservação que

exigem grande volume de mão-de-obra podem ser executadas por presos, como abertura, limpeza e conservação de estradas, ruas, bueiros, praças e rios; qualquer uma das atividades de reciclagem e todas as suas etapas podem ser feitas dentro da prisão; serviços técnicos especializados, como restauro arquitetônico, que requerem profissionais cuja formação exige tempo e paciência.

A Penitenciária Estadual de Maringá – PEM -, uma instituição de segurança máxima para quem cumpre pena em regime fechado, faz parte do rol de unidades que mantêm em seu interior o que se denomina de canteiros de trabalho, envolvendo mão-de-obra carcerária, não só para atender suas necessidades internas (canteiros de faxina, limpeza e manutenção de jardins, cozinha, manutenção de computadores, lavagem de veículos, etc.), como também prestando serviços para órgãos do Estado e para empresas atuantes no mercado. Como está organizado o trabalho na PEM, é um dos objetivos a serem respondidos nesta dissertação.

2.3 OS SENTIDOS DO TRABALHO

Ao longo da história, o trabalho e as pessoas sofreram importantes modificações, mas, no entanto, continua sendo o trabalho um ícone de expressão na sociedade em que vivemos pela contribuição que vem prestando na evolução, cultura e formação de identidade dos homens, pois o processo de trabalho e os resultados que são alcançados ajudam o indivíduo nessa direção. Para Antunes (2004, p. 13), o papel do trabalho vai mais além, quando afirma que:

O trabalho é a fonte de toda a riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem.

A natureza do trabalho, nos tempos atuais, tem mostrado seu papel na vida do homem esboçando, entretanto, um panorama confuso para o futuro, pois os conceitos de trabalho de outrora exaltavam sua principal destinação à simples produção de bens e serviços, onde a exigência por produtividade (o que tem gerado o desemprego ou subemprego) e a introdução de tecnologia ainda não eram fontes de preocupação. Harman e Hormann (1997) declaram que o significado do trabalho, na sociedade moderna, está envolto em um turbilhão de outras

demandas que superam, em muito, apenas as questões do desemprego ou subemprego, em busca de um trabalho significativo e satisfatório.

Um trabalho significativo não é necessariamente um trabalho instigante cheio de desafios a todo momento; será suficiente que faça parte de uma iniciativa maior, esta sim, repleta de significados. É principalmente essa iniciativa 'maior' que falta à nossa sociedade moderna (HARMAN; HORMANN, 1997, p. 26).

Uma pesquisa apresentada por Morin (2001), junto a administradores franceses e do Quebec, dentre outros participantes, com o intuito de avaliar se existe ou não influência de diferenças culturais em relação ao que lhes dá sentido no trabalho, surpreendeu os pesquisadores, com respostas semelhantes dos entrevistados, que acabaram por evidenciar suas concepções positivas sobre o trabalho, além daquilo que entendem atribuir sentido no trabalho, como sua realização de modo eficiente; com objetivos definidos; com perspectiva de beneficiar outras pessoas; com afetividade de interesses e competências das pessoas envolvidas; com possibilidade de aprendizado, dentre outros aspectos. O quadro, a seguir, extraído do estudo de Morin (2001), apresenta os resultados (respostas mais frequentes) dos administradores do Quebec e da França, então entrevistados:

	Administradores do Quebec (n2 = 36)	Administradores da França (n3 = 39)
Um trabalho tem sentido se...	<ul style="list-style-type: none"> • Permite atualizar seu potencial, aprender e se ultrapassar • É interessante, dá prazer • Beneficia aos outros • Faz sentir-se útil, valorizado • Feito de maneira eficiente, leva a algum lugar • Feito com outras pessoas 	<ul style="list-style-type: none"> • Feito de maneira eficiente, leva a algum lugar • Beneficia aos outros • Permite atualizar seu potencial, aprender e se ultrapassar • É interessante, dá prazer • Permite se expressar, exercer seu poder
Um trabalho não tem sentido se...	<ul style="list-style-type: none"> • Feito de maneira ineficiente, leva a lugar algum • Rotineiro • Inútil, não beneficia ninguém • Não corresponde às suas competências nem aos seus interesses • É desvalorizador • Não serve para prover as necessidades básicas, trabalhar só pelo salário • Feito em um lugar que prega valores que não são compartilhados por você 	<ul style="list-style-type: none"> • Feito de maneira ineficiente, leva a lugar algum • Rotineiro • Inútil, não beneficia ninguém • Não corresponde às suas competências nem aos seus interesses • Feito em um lugar que prega valores que não são compartilhados por você • Feito sem interesse e sem prazer • Não permite se expressar nem exercer seu poder
O que eu procuro...	<ul style="list-style-type: none"> • Um trabalho interessante, com muita autonomia • A possibilidade de me realizar e desenvolver meus talentos, de exercer minha criatividade e me completar • Boas condições de trabalho • Poder dar um sentido à minha vida 	<ul style="list-style-type: none"> • A possibilidade de me realizar e desenvolver meus talentos, de exercer minha criatividade e me completar • Contatos interessantes com outras pessoas e o sentimento de vinculação • Boas condições de trabalho • A possibilidade de me expressar e exercer meu poder
Do que eu sentiria mais falta...	<ul style="list-style-type: none"> • Sentir-me útil, dignidade pessoal • As relações com os outros, o sentimento de fazer parte de um grupo • Ter algo para fazer • Fazer algo de produtivo • O salário 	<ul style="list-style-type: none"> • Ter algo para fazer • Fazer algo de produtivo • Sentir-me útil, dignidade pessoal • As relações com os outros, o sentimento de fazer parte de um grupo • O salário

QUADRO 1 – Conteúdo das respostas mais frequentes dos administradores do Quebec e da França nas entrevistas

Fonte: Morin (2001).

É indiscutível que a satisfação e motivação de quem trabalha estão atreladas ao entendimento sobre o trabalho que realiza e as características que precisa ter para dar um sentido àqueles que o realizam.

Então, o que atribui significado ao trabalho parece ser o objetivo pelo qual ele é executado, o que acaba por ser individual e específico a cada ser humano. Portanto, é preciso que se visualize que o trabalho e seus significados, ao longo da história, têm exercido papel fundamental na vida dos homens, contribuindo de forma determinante na formação da cultura, identidade e da própria essência humana. A esse respeito Antunes (1999), quando trata sobre

o processo de trabalho, menciona que:

Antes de tudo, o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza [...] Ele não apenas efetua uma transformação da forma da matéria natural; realiza, ao mesmo tempo, na matéria natural seu objetivo, que ele sabe que determina, como lei, a espécie e o modo de sua atividade e ao qual tem de subordinar sua vontade (ANTUNES, 1999, p. 36-37).

O trabalho, assim, deve preencher algumas lacunas, deve enaltecer a razão pela qual o executamos de forma a refletir o que somos e como somos vistos no mundo. Portanto, o trabalho acaba por ter um valor intrínseco e é necessário que seu resultado seja uns produtos úteis, práticos e que proporcione ao homem o sentimento de auto-respeito, dignidade e não algo que signifique apenas a sobrevivência. Sobre o trabalho, como atividade humana, por excelência, Codo e Sorato (1999, p. 111) respaldam essa idéia, quando mencionam:

Estamos falando do trabalho visto não como mera necessidade para a sobrevivência, concreto, objetivo, inserido no mercado de trabalho formal ou informal, mas sim como uma atividade humana nobre e muito especial. E o que tem de especial nesta atividade, o que a diferencia de outras tantas atividades que realizamos no nosso contato cotidiano com o mundo que habitamos? É simples: falamos em trabalho quando, independente da relação financeira definida por vínculos empregatícios, contratos de trabalho, salários, deveres e direitos trabalhistas, uma atividade que resulta em um produto que transforma a natureza e permanece no tempo e no espaço.

Não é incomum que a maioria dos trabalhadores de hoje, não consigam dar sentido ao seu trabalho, porém isso não quer dizer que o trabalho, para simples sobrevivência, baste. O espaço que o trabalho ocupa na vida do ser humano produtivo é exponencialmente maior que o da subsistência simplesmente; ele é a perpetuação do homem na humanidade. E assim menciona Antunes (2004, p. 08), a partir dos escritos de Marx:

O trabalho é também fundamental na vida humana porque é condição para sua existência social. Conforme disse Marx em *O Capital*: 'Como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independentemente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre o homem e natureza e, portanto, vida humana'.

Portanto, dar sentido ao trabalho, dar importância àquilo que faz, torna o indivíduo cômico de sua importância e da importância social do trabalho e isso representa algo muito maior que, inclusive, transpõe a sua própria existência.

É nesse sentido que Codo e Vasques-Menezes (1999, p. 293) enfatizam a importância social do trabalho:

Um trabalhador que apresenta problemas quanto à percepção do produto de seu trabalho é um indivíduo que não vê importância naquilo que faz, não enxerga que seu trabalho tem valor [...] A importância da percepção do próprio trabalho como útil à sociedade tem valor inegável para a auto-estima do trabalhador, para forma como se estrutura sua identidade; sentir que realizarmos um trabalho inútil faz, de alguma maneira, com que nos sintamos também inúteis.

Tudo isso nos remete ao trabalho da filósofa alemã Hannah Arendt, mais especificamente em relação à sua obra denominada “A Condição Humana”, publicada em 1958, quando discute em seus capítulos centrais sobre o Labor, o Trabalho e a Ação, que em muito nos auxiliou para o desenvolvimento da presente dissertação.

2.3.1 Labor, trabalho e ação

Como suporte ao entendimento sobre os sentidos do trabalho, os escritos de Arendt (2004) - A Condição Humana - trazem em seu escopo as características que apresenta como fundamentais à existência do homem, em determinado espaço de tempo. Desta feita, o viver do homem na terra está atrelado, mais especificamente, a três atividades fundamentais que, conjuntamente, dão sentido ao que ela denominou de *Vita Activa*. São elas: o labor, o trabalho e a ação. Portanto, as expressões condição humana e *vita activa* estão diretamente vinculadas à afirmação do homem como ser vivo, conquistando seu espaço, no mundo em que vive e atua.

A condição humana compreende algo mais que as condições nas quais a vida foi dada ao homem. Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita activa* consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas; mas, constantemente, as coisas que devem sua existência exclusivamente aos homens também condicionam seus autores humanos. Além das condições nas quais a vida é dada ao homem na Terra e, até certo ponto, a partir delas, os homens constantemente criam suas próprias condições que, a despeito de sua variabilidade e sua origem humana, possuem a mesma força condicionante das coisas naturais. O que quer que toque a vida humana ou entre em duradoura relação com ela, assume imediatamente o caráter de condição da existência humana (ARENDR, 2004, p. 17).

É nesse sentido que as atividades fundamentais, especificadas como componentes da *vita activa*, merecem destaque especial a fim de que possa haver uma melhor compreensão de como essas atividades fundamentais contribuem para o viver do homem na terra – a condição humana.

Iniciando pelo Labor, os escritos de Arendt (2004) atribuem a essa atividade a própria sobrevivência do ser humano, em busca da satisfação de suas necessidades básicas. Assim, por exemplo, o alimento produzido pelo homem para ser consumido por si ou por sua família, a fim de que consiga dar e somente dar manutenção à vida. Portanto, a condição humana do labor é a vida, o empenho do homem na luta pela sobrevivência.

É nessa perspectiva que Arendt (2004) considera o homem com o “animal *laborans*” e que não consegue dele se desvincular, pois o labor é fruto de uma necessidade biofisiológica, inacabável, ou seja, semelhante aos ciclos biológicos dos organismos vivos, que só se encerram com a morte de tal organismo. Portanto, Arendt (2004) reduz o labor a uma atividade vã que nada produz de durável e que sacrifica o homem a uma vida sem expressão e limitada, buscando apenas a perpetuação da espécie:

[...] o animal *laborans* não foge do mundo, mas dele é expelido na medida em que é prisioneiro da privatividade do próprio corpo, adstrito à satisfação de necessidades das quais ninguém pode compartilhar e que ninguém pode comunicar inteiramente (ARENDR, 2004, P. 131).

Como *Trabalho* a autora entende a atividade executada pelo homem, que nesse momento tem o domínio sobre a natureza, passando da condição de animal *laborans* para *homo faber*, ou seja, aquele que, através do trabalho, cujo resultado é objetivo e pode ser mensurado – um produto, um bem de consumo qualquer - coloca-se um passo adiante do animal *laborans*, e como criativo e fabricante de coisas, objetos que possuem valor de uso ou de troca e, com isso, credenciam-no a permanecer no mundo, não como servos da natureza e, sim, como senhores soberanos da terra (ARENDR, 2004). É interessante mencionar que Lafer (2004, p. 345) reforça a proeminência do trabalho afirmando que:

O trabalho, ao contrário do labor, não está necessariamente contido no repetitivo ciclo vital da espécie. É através do trabalho que o *homo faber* cria coisas extraídas da natureza, convertendo o mundo num espaço de objetos partilhados pelo homem. O habitat do humano é, por isso mesmo, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. É um habitat cercado de objetos que se interpõem entre a natureza e o ser humano, unindo e separando os homens entre si.

Há com isso um transbordo de limites, quando o *homo faber* interfere e atua sobre a natureza, fabricando objetos com a prerrogativa de criá-los e ao mesmo tempo destruí-los, com a segurança de que nenhum desses produtos é tão vital a sua sobrevivência que não possa, à sua vontade, mantê-los ou deles prescindir. “O *homo faber* é realmente amo e senhor, não apenas porque é o senhor ou se arrogou o papel de senhor de toda a natureza, mas porque é senhor de si mesmo e de seus atos” (ARENDDT, 2004, p. 157).

Este comportamento fabril, que degrada o mundo e subverte o valor das coisas em si em valor-utilidade, passa a ser meio para se alcançarem outras coisas. Esta é a característica do *homo faber*. Os bens, de forma geral, passam a ser fins em si mesmos, não se integrando novamente ao homem ou à sociedade. Dividem o mundo com o próprio homem e possuem características de multiplicação, ou seja, características essas inerentes ao trabalho e que não podem ser confundidas com a repetição, que é fruto do labor.

Esse processo, então, recebe o nome de reitificação, que na obra de Arendt (2004) consiste na busca de solidez e valoração dos bens produzidos. A esse respeito, a autora declara que:

[...] a exultação sentida no exercício violento de uma força com a qual o homem se mede contra as forças devastadoras da natureza e que, através da astúcia com que inventou as ferramentas, sabe multiplicar muito além de sua medida natural. A solidez resulta dessa força, e não do prazer ou da exaustão que o homem sente quando provê o próprio sustendo <com o suor de seu rosto>; e não é simplesmente tomada de empréstimo ou colhida como dádiva gratuita da natureza eternamente presente, embora fosse impossível sem o material arrancado da natureza. A solidez já é um produto do homem (ARENDDT, 2004, p. 153).

Essa transição entre o *animal laborans* e o *homo faber* fica evidenciada com o uso da técnica na natureza, para sua formação utilitária, ou seja, para produção de bens que sejam meios e fins.

Como terceira atividade fundamental da *Vita Activa*, temos a Ação, que por sua vez só pode ser exercitada com outros homens. A convivência é condição indispensável para o exercício da ação, impossível de ocorrer no isolamento. Essa é a condição humana da pluralidade (igualdade e diferença), que torna os homens singulares, através do discurso que a ação é revelada, fazendo com que o homem se exponha e participe do mundo. Portanto, a pluralidade humana é responsável pela compreensão entre os homens e com palavras e atos e que estes se transportam para o mundo humano.

A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem duplo aspecto: de igualdade e diferença. Se não fossem iguais, os homens seriam incapazes de compreenderem-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras. Se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender (ARENDETT, 2004, p. 188).

Assim, a ação e o discurso propiciam as relações humanas, semelhantes à Polis grega, onde os homens se desatrelavam de suas necessidades naturais ou animais, para um agir livre que remetia o homem (autogovernado) a uma esfera política que os integrava e dava capacidade de agir e de falar. Este é o *homo sapiens* que transpõe sua condição de trabalhador para a de cidadão, que convive em um espaço plural e marca sua passagem não pela presença física, mas pelo seu modo de ser e agir. Em relação a isso, Lafer (2004, p. 345) pontua bem essa questão quando diz que “[...] ação na obra de Hannah Arendt, é uma das categorias fundamentais e representa não só um médium da liberdade, enquanto capacidade de reger o próprio destino, como também a forma única da expressão de singularidade individual”.

Essa é uma importante contribuição para que se possa ter parâmetros, em busca da compreensão sobre a evolução do trabalho na humanidade. É certo também que as classificações apresentadas para o labor, o trabalho e a ação não são exclusivas ou totais nos atos da vida humana. Todavia representam uma conformação didática, bastante oportuna, para a construção de uma concepção de trabalho para o mundo contemporâneo.

O que a autora procurou mostrar foram as várias manifestações humanas, mediante o trabalho, figuradas a partir do *animal laborans*, que prioriza a sobrevivência de si e de seus familiares, buscando a manutenção sistemática das necessidades biofisiológicas; do *homo faber*, empenhado na construção do mundo, marcando sua passagem como indivíduo, interferindo e atuando sobre a natureza; e o *homo sapiens*, que á a própria ação ou construção da existência, o crescimento intelectual, a busca de si. Portanto, no que espaço de tempo que foi concedido ao homem na terra, deram-lhe a incumbência de sobreviver, de construir o mundo e de existir (ARENDETT, 2004).

Não se pode perder de vista que os conceitos atuais sobre o trabalho estão, ainda, impregnados com uma significativa dose de identidade com sua função social primária, qual seja, a de produzir o necessário e garantir a continuidade da vida. Os estudos de Hannah Arendt (2004), assim, remetem a uma reflexão sobre a questão do trabalho e como essa questão tem evoluído até nossos dias. É fato que o trabalho foi e continuará sendo tema de

reflexão, estudos e divulgação sempre dando a impressão de que tudo já se conhece sobre o assunto. No entanto, surge também o desconforto ao se pensar que muito pouco se sabe ou que é necessário que as transformações ocorridas no mundo do trabalho sejam monitoradas e sirvam de subsídios para a construção de novos conceitos sobre o trabalho.

Sob a perspectiva de Gorz (1982), o mundo do trabalho sofreu significativas modificações e uma das principais causas foi a revolução tecnológica sob o que o capitalismo soube tirar proveito e alavancar um processo de libertação, tanto em relação ao Estado como também com respeito ao conjunto de trabalhadores, pois com a tecnologia supostamente se produz mais, com menos tempo. Essa, também denominada de revolução informacional ou tecnológica, em que Gorz (1982) afirma ter desencadeado a “crise” da sociedade salarial.

Uma outra razão que demonstra a ousadia de André Gorz (1982) sobre seu entendimento a respeito do trabalho é quando trata sobre a atual forma de trabalho, conhecida como emprego, afirmando ser fruto do capitalismo industrial, mais especificamente um conceito contemporâneo advindo da indústria. Enfatiza a importância de se diferenciar conceitualmente o entendimento de emprego e de trabalho. O que está em crise, portanto, segundo o autor em epígrafe, é a forma de trabalho entendida como emprego, pois o trabalho em si é algo que traz em sua essência uma riqueza e amplitude que extrapola o significado do emprego.

Portanto, o trabalho vem adquirindo, ao longo dos anos, a característica de fator importante que impulsiona a economia e a sociedade, à medida que gera renda e permite que os indivíduos sobrevivam (trabalho remunerado), mantendo assim uma relação social fundamental.

A confusão histórica do significado do trabalho é alertada por Gorz (1980), que o trabalho como o conhecemos, que praticamos e posicionamos no centro da vida individual e social é fruto da modernidade advinda do industrialismo. Em busca de uma concepção mais ampla e menos sufocante sobre o trabalho, vale uma incursão sobre o que representou o trabalho na Grécia antiga.

Assim, retornando aos estudos de Arendt (2004), talvez se possa sintetizar, agora, alguns pontos que caracterizam as atividades que constituíam a *Vita Activa* e a marcante diferenciação que o povo grego fazia entre elas. Isso acaba por propiciar uma visão retrospectiva do trabalho e a constatação de que ele ocupou lugares distintos em outras sociedades, ao longo da história, como afirma Gorz (1982).

Para os gregos, o Labor representava a luta pela sobrevivência física, ou seja, realizado para a manutenção da vida e da sobrevivência da espécie humana. Há então uma relação direta entre produção e consumo, ou seja, tudo o que o Labor produzia era imediatamente consumido. Em relação à hierarquia de valores dos ideais gregos, era uma atividade pouco valorizada e a menos importante na *Vita Activa*.

O Trabalho era visto como atividade que exaltava e produzia um mundo de artificialidades. Segundo Arendt (2004), a condição humana do trabalho é a mundanidade. Essa atividade não mais necessita do organismo humano, por inteiro, e o homem passa a ser dependente de suas mãos, ferramenta essencial que o transportou da condição de *animal laborans* para o *homo faber*, aquele que fabrica, que obra.

A Ação, terceira atividade fundamental da *Vita Activa*, condição humana da pluralidade, pois é exercitada entre os homens, sem a necessidade de qualquer outro tipo de matéria. Portanto, suas principais características ficam por conta da pluralidade, da ausência de interferência de coisas ou materiais, do seu exercício na esfera pública, da intransferibilidade, pois nenhum ser humano pode abdicar do discurso e da ação, sem o qual a vida humana sucumbiria. O produto da ação são reflexões, ensinamentos e relações que representam atividade exercida exclusivamente pelo homem.

Essa, portanto, foi a perspectiva na qual os gregos estabeleceram a hierarquia dos componentes da *Vita Activa*, onde a Ação galgava o mais alto conceito e isso contribuiu sobremaneira para clarificar as mudanças que ocorreram, em termos de valores, a visão de mundo e suas atividades humanas a partir do surgimento da sociedade industrial. Uma das principais evidências dessa mudança de valores está no conceito que os gregos tinham do trabalho, atividade que era atribuída ao ser humano como castigo, nocivo à sua imagem e, sobretudo, distante da condição de estabelecer laços sociais entre as pessoas.

Com isso, é oportuno exaltar o que Gorz (1982) diz sobre o trabalho e suas atuais peculiaridades, passando a ser uma atividade realizada na esfera pública, onde todos possam ver distintamente do que ocorria no mundo antigo. O trabalho hoje, reconhecido como importante e útil, trata-se de um esforço remunerado despendido pelo homem; importante elemento de existência e conquista de identidade social; e na atualidade, fator de exclusão social, pois o trabalho ainda não conseguiu se desatrelar da realidade que o envolve, fazendo com que ele se realize em condições e relação e poder ainda bastante desiguais.

Por que trabalhar? Trabalhar é uma necessidade? Ou é apenas um meio de ganhar a vida? Ou a única maneira - por mais imperfeita que seja, na maior parte das vezes - de se inserir na sociedade, de estar em relação com os outros, de escapar ao isolamento e ao sentimento de inutilidade? Ou tudo isso ao mesmo tempo? (GORZ, 1982, p. 173).

2.3.2 O sentido do trabalho para os presos

É oportuno que se faça uma reflexão sobre o trabalho prisional, nesse contexto em que se discutiu o sentido do trabalho. Portanto, o sentido do trabalho, para aquele que está segregado do convívio social, apresenta perspectiva um pouco diferente em relação ao trabalhador livre. No entanto, em essência, a busca do sentido para o trabalho segue, basicamente, os mesmos preceitos de satisfação, adaptabilidade, competência e resultados produtivos e compensadores. Pelo menos, é isso que se espera.

O trabalho bem dimensionado, para o preso, é dignificante, apóia sua família e o municia das condições necessárias ao retorno à sociedade, para uma nova vida. Encontrar o dimensionamento ideal, em busca de tal objetivo, não é tarefa fácil. A formação profissional adequada e os demais itens que aproximem o preso da realidade do mundo externo, no mínimo devem priorizar treinamento de boa qualidade e sobre profissões que estejam num bom nível de demanda no mercado.

Em relação a isso, Pastore (2001), quando fala sobre trabalho prisional, demonstra preocupação com respeito à complexidade e custos dessa proposta. Todavia entende ser necessária essa busca a fim de que se evitem maiores tensões nas cadeias e um colapso social quando do retorno desses indivíduos para a sociedade.

É falsa a idéia comum de que, ao submeter os presos a qualquer tipo de trabalho - em especial os duros e pesados - isso atuará como um castigo para ensinar uma lição e evitar a reincidência no crime. Isso não quer dizer que o trabalho prisional não deve ser realizado. Significa apenas que as soluções simplistas de impor ao preso um trabalho que ele não quer fazer, além de ilegal, não ajuda em nada na reorganização de sua vida depois da pena cumprida (PASTORE, 2001, P. 02).

É fato que o trabalho possui uma importância bastante significativa na dinâmica de

funcionamento da sociedade atual, portanto, inserir o preso nesse contexto e dar-lhe as mínimas condições para que possa sobreviver e retomar sua vida, dentro de uma condição favorável à superação dos efeitos da exclusão social, bem como das tentações de retorno à criminalidade. Nesse sentido, Coutinho (1999, p. 07) diz o seguinte:

Constitui o trabalho um direito e um dever social dos apenados, reeducativo e produtivo, de forma a possibilitar o alcance dos escopos secundários a que se destina a pena e não uma obrigação imputada por sentença. Outrossim, diz-se, poderá preparar-se o preso com formação profissional para o mercado de trabalho que deverá enfrentar o futuro, quando recuperar sua liberdade, pelo cumprimento da pena [...].

Quando Dupas (1999) tratou de estudar sobre o trabalho e a exclusão social, concluiu que o desemprego é um dos principais determinantes da exclusão social, potencializando, sobremaneira, a incidência do crime e que o sentimento de desamparo, proveniente da própria exclusão social, dentre outros aspectos, é das principais causas da criminalidade e pode ser minimizada com o trabalho.

Sem estar tratando especificamente sobre o trabalho prisional, Codo e Sorato (1999) contemplam nossas expectativas sobre o tema quando declaram que:

O trabalho, enquanto atividade criativa e de transformação, modifica não apenas o mundo, mas também o homem que o executa. O homem se reconhece no seu trabalho e se orgulha daquilo que constrói, se orgulha do fruto do seu trabalho e também se transforma nesse processo. Modifica seus hábitos, seus gostos, seu jeito de se vestir, seu modo de comportar-se. O trabalho enriquece o homem e não estamos aqui falando em dinheiro, em acúmulo de bens, estamos falando em conhecimento, experiência, habilidades, enfim, desenvolvimento da forma mais ampla que podemos pensar (CODO; SORATO, 1999, p. 112).

É importante ressaltar que, apesar do Brasil ainda não possuir uma política bem estruturada e clara sobre o trabalho prisional, tem sinalizado, mediante projetos e discussões, propostas voltadas a modificações, na Lei de Execuções Penais-LEP, para que o trabalho do preso tenha finalidade produtiva e educativa e, além disso, sejam remuneradas e em coadunância com a vontade e aptidão do preso.

A Penitenciária Estadual de Maringá, lócus da pesquisa, tem buscado cumprir seu papel na proposta de ressocialização dos presos, estabelecendo canteiros de trabalho que atendam não só às necessidades materiais imediatas desses presos e de seus familiares, como também tentando contemplar a profissionalização desses indivíduos. Um dado que exprime essa realidade é, por exemplo, o número expressivo de cursos profissionalizantes que foram

viabilizados aos detentos da PEM, como pode ser constatado no anexo IV, que traz o histórico dos cursos realizados nos últimos três anos (2003, 2004 e 2005), nesta unidade penal.

3 METODOLOGIA

3.1 PERGUNTAS DE PESQUISA

As perguntas de pesquisa estão em sincronia com o que se estabeleceu nos objetivos específicos, e foram adotadas, ao invés de hipóteses, por serem metodologicamente mais indicadas à natureza do estudo que se pretende realizar, ou seja, descritiva-exploratória e qualitativa. Tais perguntas serão, a seguir, descritas:

1. *De que forma estão organizadas as atividades de trabalho remunerado na Penitenciária Estadual de Maringá?*
2. *Quem são os sujeitos envolvidos, direta e indiretamente, nas atividades de trabalho remunerado desenvolvidas na Penitenciária Estadual de Maringá?*
3. *Quais as visões dos sujeitos envolvidos em relação às atividades de trabalho remunerado na Penitenciária Estadual de Maringá?*
4. *Quais diferenças e semelhanças existem, entre as visões dos sujeitos envolvidos em atividades de trabalho remunerado na Penitenciária Estadual de Maringá?*
5. *Qual a característica das atividades remuneradas realizadas pelos detentos da Penitenciária Estadual de Maringá: labor, trabalho ou ação?*

3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Dessa forma, a pesquisa realizada é do tipo exploratório e descritivo, pois o que se pretende é entender e descrever um fenômeno, sem muita produção teórica ou conhecimento a respeito. Portanto, no que concerne à pesquisa exploratória, o objetivo principal reside na perspectiva de se conhecer e explorar melhor a situação ou problema sobre o qual a investigação está direcionada, a fim de se obterem dados e idéias que permitam uma melhor compreensão sobre o assunto a ser estudado. Para Malhotra (2001, p. 106), “em geral, a pesquisa exploratória é significativa em qualquer situação da qual o pesquisador não disponha do entendimento suficiente para prosseguir com o projeto de pesquisa”.

Na concepção de Triviños (1987), os estudos exploratórios proporcionam ao investigador melhores condições de conduzir a pesquisa, a partir da ampliação da perspectiva e do entendimento que se tem sobre o problema em questão. Uma de suas afirmações, que está em perfeita coadunância com o que foi considerado para a escolha desse tipo de estudo, ou seja, o exploratório, para a condução desse estudo, é a seguinte:

[...] o investigador, baseado numa teoria, precisa elaborar um instrumento, uma escala de opinião, por exemplo, que cogita num estudo descritivo que está planejado. Então o pesquisador planeja um estudo exploratório para encontrar os elementos necessários que lhe permitam, em contato com determinada população, obter os resultados que deseja (TRIVIÑOS, 1987, p. 109).

A posição de Triviños (1987) demonstra que, quando se fala de estudos descritivos, estes têm por objeto descrever criteriosamente os fatos e fenômenos de determinada realidade, de forma a obter informações a respeito daquilo que já se definiu como problema e/ou oportunidade a ser investigada. Segundo Malhotra (2001), a pesquisa descritiva é pré-planejada e estruturada, à medida que deva existir uma elaboração prévia de hipóteses ou indagações acerca do problema a ser estudado, se apresentando de forma clara e propiciando a visualização das necessidades específicas de informações. Isso pode se consubstanciar, como proposto nessa pesquisa, no levantamento de opiniões, atitudes e crenças de uma população em relação a determinado assunto ou temática.

A natureza da pesquisa é qualitativa, pois a intenção foi a de entender as múltiplas visões dos sujeitos envolvidos em atividades de trabalho remunerado exercidas pelos presos na Penitenciária Estadual de Maringá. Para Richardson (1999, p. 90), a pesquisa qualitativa “[...]”

pode ser caracterizada como tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos”. Este enfoque é bastante flexível, facilitando o processo de pesquisa ao tempo que proporciona uma visão mais abrangente e clara das situações ou organizações que os investigadores estão procurando entender.

E, por final, o corte desta investigação é transversal que, segundo Richardson (1999, p. 148), representa que “[...] os dados são coletados em um ponto no tempo, com base em uma amostra selecionada para descrever uma população nesse determinado momento”, o que se pode admitir, fazendo-se um paralelo à realidade da presente proposta de investigação.

3.3 FONTES DE DADOS E INSTRUMENTOS DE COLETA

Afirma Richardson (1999, p. 253) que “[...] uma fonte secundária é aquela que não tem uma relação direta com o acontecimento registrado, senão através de algum elemento intermediário”. Aqui nesta pesquisa os dados secundários foram coletados por meio dos registros internos da Penitenciária Estadual de Maringá e os externos da Secretaria de Justiça e Departamento Penitenciário do Estado.

Os dados primários coletados por meio de entrevistas formais semi-estruturadas foram aplicados aos atores envolvidos na presente pesquisa, ou seja, o diretor da unidade, os funcionários técnicos, os agentes penitenciários e os presos internos que exercem atividades de trabalho remuneradas da Penitenciária Estadual de Maringá, pois, para Richardson (1999, p. 253), “[...] uma fonte primária é aquela que teve uma relação física direta com os fatos analisados, existindo um relato ou registro da experiência vivenciada”. Como é o caso da investigação em tela.

Ressalta-se que, tanto os dados primários como os secundários foram interpretados de acordo com a visão de mundo e do horizonte do autor desta pesquisa, portanto com base na hermenêutica. Para Emerich (1973), o termo hermenêutica, apesar de apresentar uma série de

significados (declarar, anunciar, interpretar, esclarecer, traduzir, dentre outros), todos eles acabam por convergir para a busca de tornar algo compreensível. A respeito das condições da compreensão, ao longo da história, o autor declara ainda que “[...] todo homem possui, a partir de seu ponto de vista histórico, um determinado mundo de compreensão, historicamente condicionado, no qual age, fala e compreende” (CORETH, 1973, p.171).

3.3.1 Unidade de análise, população e amostragem

A unidade de análise da pesquisa, ou seja, a Penitenciária Estadual de Maringá - PEM -, possui canteiros de trabalho para atividades dentro das instalações físicas e fora dela, instalados por empresas da comunidade externa, as quais possuem convênios com o governo do Estado, firmados pela Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania com o intuito de propiciar ao preso a remissão de pena, pois a cada três dias trabalhados reduz-se um dia da pena a ser cumprida e, em contrapartida, as empresas conveniadas são beneficiadas com a isenção de encargos sociais referentes às questões trabalhistas que normalmente incidem sobre o trabalhador.

Atualmente, a PEM possui 360 pessoas cumprindo pena e destas, 180 desenvolvem atividades de trabalho remuneradas em canteiros de trabalho instalados internamente. Fazem parte do quadro funcional: 99 (noventa e nove) agentes penitenciários masculinos; 07 (sete) técnicos responsáveis pelo tratamento penal, sendo eles 03 (três) psicólogos, 03 (três) assistentes sociais; 01(um) pedagogo e; 02 (dois) membros da direção.

Para a amostra foram, em princípio, selecionados, de forma intencional, canteiros de trabalho de acordo com a quantidade de presos e facilidade de acesso. Posteriormente, foram escolhidos de forma aleatória 16 (dezesseis) presos; 08 (oito) agentes penitenciários; 05 (cinco) técnicos, sendo eles 02 (dois) psicólogos, 02 (dois) assistentes sociais e (01) um pedagogo; e o diretor da unidade. As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade de cada respondente e na ocasião foi solicitada autorização para que a conversa fosse gravada em fitas K7, para que posteriormente fossem transcritas.

3.3.2 Definição constitutiva dos termos

A definição constitutiva dos termos se refere aos conceitos entendidos pelo pesquisador que norteiam a análise e interpretação dos dados coletados, que nesta pesquisa são:

Percepção – Aqui significa compreender a realidade vivenciada pelos atores da pesquisa, ou seja, entender o significado das atividades de trabalho remuneradas na Penitenciária Estadual de Maringá.

Labor, trabalho e ação – Estes termos serão aqui entendidos de acordo com os conceitos de Hannah Arendt, sendo que o Labor significa o esforço para produzir o essencial para a subsistência, pois o que se produz é imediatamente consumido; o Trabalho é entendido como aquele realizado com o empenho das mãos, para a transformação de materiais em objetos duráveis de uso, e Ação é utilizada pelos homens para que estes se apresentem ao mundo e revelem suas identidades, representando, então, a pluralidade humana.

Organizações do trabalho – São as mais variadas formas de distribuição das tarefas nos canteiros de trabalho, de acordo com as normas técnicas e de segurança da Penitenciária Estadual de Maringá.

Sentido do Trabalho – Refere-se à dimensão dos benefícios intrínsecos e extrínsecos oriundos das atividades remuneradas de trabalho, atribuídos aos presos de acordo com a visão dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa.

3.3.3 Limitações da pesquisa

Ao concluir a presente pesquisa, verificamos que um dos fatores limitantes consiste na falta de aprofundamento a respeito dos fatores psicossociais que envolvem a vida funcional dos atores participantes da pesquisa. Faz-se necessário esclarecer que este aspecto não fez parte do que foi proposto, inicialmente, como objetivos da presente investigação. Todavia, no

momento em que se procedeu à análise dos dados coletados, mediante entrevista, ficou claro que a inclusão dessa perspectiva ao processo de análise traria uma maior amplitude para o entendimento das visões, sobre as atividades de trabalho remunerado desenvolvidas na Penitenciária Estadual de Maringá, oriundas dos sujeitos participantes desta investigação.

Um outro fator limitante diz respeito à falta de bibliografia específica que trate especificamente sobre o trabalho prisional e como essa atividade encontra-se organizadas nas unidades penais e outras instituições correlatas.

E, finalmente, vale acrescentar que o fato do autor dessa pesquisa ocupar cargo de direção dentro da Penitenciária Estadual de Maringá pode, ter causado afetado na veracidade das respostas dos atores envolvidos na pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Adiante serão dispostos os dados secundários e os dados primários que, após as suas respectivas análises, instruíram as conclusões relativas a esse trabalho de pesquisa.

4.1 DADOS DE FONTES SECUNDÁRIAS

Aqui serão apresentados os dados secundários com o intuito de trazer subsídios para responder a seguinte questão relativa ao problema de pesquisa que foi definido: Qual a visão, sobre trabalho, dos sujeitos envolvidos, direta e indiretamente, nas atividades de trabalho remunerado desenvolvidas na Penitenciária Estadual de Maringá?

O Sistema Penitenciário Nacional é composto pelo Departamento Penitenciário Nacional e o Departamento Penitenciário do Estado do Paraná e, nesse contexto, surge o lócus da pesquisa – a Penitenciária Estadual de Maringá. A partir disso, será possível avaliar o universo de unidades prisionais, hoje existentes, com o propósito de melhor situar as instituições totais, usando como referência o demonstrativo extraído da publicação do Instituto *Ethos*, organizada por Silva (2001), de acordo com o abaixo discriminado:

4.1.1 Demonstrativo das unidades prisionais brasileiras

4.1.1.1 Casa de Detenção

Destina-se à custódia de réus que estejam respondendo a processos perante a justiça criminal e daqueles que tenham sido autuados em virtude de prisão em flagrante.

4.1.1.2 Penitenciária

Destina-se ao cumprimento, por presos do sexo masculino ou feminino, de penas privativas de liberdade, em regime fechado ou semi-aberto, podendo ser de segurança máxima, média e mínima. Todas possuem espaços para instalação de fábricas e oficinas que podem ser exploradas pela iniciativa privada.

4.1.1.3 Casa de Custódia e Tratamento

Destina-se ao cumprimento da medida de segurança e à realização de exames de sanidade mental. Pode ainda receber presos que não se adaptarem ao regime a que estiverem sujeitos, para tratamento, bem como internos dos hospitais de custódia e tratamento, a título de estágio experimental ou por inadaptação ao regime penitenciário.

4.1.1.4 Centro de Readaptação

Destinado a receber, em regime fechado, presos condenados, do sexo masculino, de alta periculosidade, ou que tenham revelado inadaptação ao trabalho reeducativo nos respectivos estabelecimentos onde se encontram.

4.1.1.5 Hospital Penitenciário

Destina-se ao cumprimento de medida de segurança, para inimputáveis, do sexo masculino e feminino, realização de exames de sanidade mental em indicados ou réus de ambos os sexos.

O tratamento ambulatorial de presos geralmente é feito por hospitais próprios que atendem exclusivamente a população prisional.

4.1.1.6 Penitenciárias compactas

Construídas para receber os presos da Casa de Detenção de São Paulo, após sua desativação, são onze estabelecimentos de segurança máxima, com capacidade para 768 presos, localizadas no interior do Estado; possuem espaços próprios para instalação de pequenas, fábricas e oficinas que podem ser exploradas pela iniciativa privada.

4.1.1.7 Centro de Detenção Provisória

Existentes no Estado de São Paulo. São prisões de segurança média, para presos provisórios, com capacidade para 768 presos.

4.1.1.8 Centro de Ressocialização (CR)

Existentes no Estado de São Paulo, são prisões de segurança média, para 210 presos, administrados em parceria entre Estado e sociedade civil. Cada CR possui espaço para quatro oficinas, que podem ser exploradas pela iniciativa privada.

4.1.1.9 Colônia agrícola ou industrial

Destina-se ao cumprimento do estágio final, em regime semi-aberto, da pena de privação de liberdade.

O Sistema Penitenciário Nacional, apesar de abranger todos os Departamentos Penitenciários Estaduais, foi abordado no âmbito do Departamento Penitenciário Nacional e Departamento Penitenciário do Estado do Paraná, por serem os principais focos de interesse a essa pesquisa. Foram relacionados nessa análise os principais órgãos e instituições que fazem parte desses departamentos como forma de contribuir para o alcance e importância que se pretende atribuir ao presente estudo.

Ao se falar de Sistema Penitenciário Nacional, cabe ressaltar a atuação do DEPEN - Departamento Penitenciário do Estado -, que é um órgão do Ministério da Justiça, integrante da Secretaria do Estado da Segurança, da Justiça e da Cidadania, cuja responsabilidade é a de dar suporte administrativo e financeiro ao Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, bem como interagir na definição das políticas penitenciárias em nível nacional.

Por conseguinte, o DEPEN é responsável pela fiscalização e acompanhamento do que se denomina de execução penal, baseado nas normas gerais que abrangem o sistema penitenciário.

O sistema prisional brasileiro tem sido foco de atenções, nos últimos anos, e os estudos em relação às várias áreas que o abrange têm sido intensificados, pela importância que é uma

instituição prisional, no contexto social em que está inserida. O que regulamenta o funcionamento de toda essa estrutura é a Lei de Execução Penal (LEP n.º 7.210, de 11/07/1984) - Anexo II.

Portanto, a LEP determina como deve ser executada e cumprida a pena de privação de liberdade e restrição de direitos, privilegiando, além do pagamento da dívida social do apenado, também a idéia da reabilitação, o que, sem dúvida, demanda uma estrutura composta por pessoas e outros recursos que nem sempre correspondem às expectativas e exigências de tão complexa missão.

Não é segredo que o sistema prisional, de forma geral, apresenta estrutura arcaica e pessoal, nem sempre bem preparado para atuar vislumbrando algo além da custódia, resultando no que se vê constantemente na mídia, o caos do sistema evidenciado sob forma de rebeliões, mortes e depredação. Dessa forma, esses e outros problemas ocorrem pelas (nem sempre ideais) condições de funcionamento da maioria das prisões e também em função da carência de Escolas Penitenciárias para a formação de pessoal com competência para exercer a função, acima de tudo, de educador junto aos encarcerados.

A população carcerária do Brasil é composta, basicamente, por jovens pobres e, geralmente, de baixo grau de escolaridade que, de acordo com informações do Departamento Penitenciário Nacional, em dezembro de 2004 havia cerca de 336.000 pessoas presas no país. DEPEN NACIONAL (2005).

O Sistema Penitenciário do Paraná é composto pelo DEPEN que, por sua vez, abrange várias unidades prisionais, além de outros órgãos afins. No início do século passado (1909), surge a primeira Penitenciária do Estado, o Presídio do AHÚ, em Curitiba, além da existência de inúmeras cadeias públicas. A subordinação dessas instituições ficava a cargo da Secretaria de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública e da Chefatura de Polícia.

Essa situação prevaleceu durante vários anos e ao longo do tempo foi sofrendo variações, tanto de vinculação como também de estrutura, até a criação, em 1987, do Departamento Penitenciário do Estado do Paraná – DEPEN -, atualmente subordinado à Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania – SEJU.

É oportuno mencionar, a título de informação, que faz parte das competências do DEPEN, em relação ao desenvolvimento de suas atividades dentro do Sistema Penitenciário do Paraná, o controle e a supervisão de todas as unidades penais, escola penitenciária e patronatos. Além disso, é responsável pelo integral cumprimento do que estabelece a Lei de Execução Penal, no que tange ao tratamento penal, bem como à custódia, assistência ao interno e ao egresso do sistema.

4.1.2 O processo de ressocialização

Ao se mencionar a Lei de Execução Penal, não se pode perder de vista que sua aplicação encontra-se, também, vinculada à questão do processo de ressocialização daqueles que cumprem pena em regime de privação de liberdade. Portanto, sua finalidade social é proporcionar aos apenados as condições mínimas (os meios) para que se configure uma perspectiva futura de reintegração social para esses elementos, cuja condição de segregação necessita de atenção especial, com o intuito de minimizar a possibilidade da reincidência criminal.

Por essa razão, o Sistema Penitenciário Paranaense não tem medido esforços em busca da viabilização de trabalho para o preso, bem como a educação formal e profissionalizante, a prática do esporte, o lazer e, na medida do possível, o contato com o que acontece no mundo exterior.

A esse respeito o trabalho tem sido de grande importância no processo de ressocialização de presos, pois há uma constante busca, do Sistema Penitenciário Paranaense, em encontrar soluções e alternativas que visem melhorar as condições de dignidade e auto-estima do interno. A Divisão Ocupacional e de Produção – DIPRO -, cuja finalidade é implantar e acompanhar o desenvolvimento de canteiros de trabalho dentro das unidades penais, é o exemplo concreto da importância que se tem atribuído à necessidade de trabalho para o preso.

No que tange à Educação, o DEPEN tem investido na socialização do saber, a fim de proporcionar ao indivíduo preso as condições básicas necessárias para que, um dia, possa

retornar à sociedade como cidadão, utilizando como estratégia a aplicação da educação formal, a partir de convênio com a Secretaria de Estado da Educação, abrangendo o ensino fundamental (1º grau) e médio (2º grau), e da educação profissionalizante, cujo foco principal consiste na formação profissional e conseqüente capacitação de mão-de-obra carcerária, como ferramenta de apoio ao processo de reintegração desse preso à sociedade, após o cumprimento da pena.

Ainda com relação ao trabalho, no Sistema Penitenciário, as alternativas que se tem viabilizado com o empenho da DIPRO, tentam, a partir da viabilização de novas frentes de trabalho, a busca de autonomia em uma série de produtos que são consumidos pelo próprio Estado (uniformes, colchões, vassouras, detergentes, fraldas, dentre outros), além da promoção de cursos profissionalizantes, nas mais diversas áreas, em parceria com o SENAC, SENAI, SESC, SENAR, SESI, UFPR, IAP, CESUMAR, UEM, dentre outros inúmeros organismos que fazem parte do processo de educação integral do preso.

Outras atividades, de igual importância, também fazem parte do cotidiano das unidades prisionais, tais como: atividades religiosas (onde se concede espaço para diversas entidades religiosas que atuam voluntariamente), em busca do desenvolvimento espiritual, moral e cultural do preso; atividades de esporte e lazer, que incluem eventos intelectuais (palestras profissionais, acesso a bibliotecas, salas de áudio e vídeo); atividades artísticas (festivais de música, poesia, pintura, etc.); e desportivas (campeonatos de futebol e xadrez).

É importante ressaltar que, com todas as dificuldades e limitações que são inerentes à realidade predominante no Sistema Penitenciário, existe ainda um forte propósito em torno da manutenção da relação do preso com o mundo exterior, de forma que isso possa se manifestar entre seus amigos e familiares, por intermédio de visitas, correspondências, palestras, reuniões religiosas, contatos com advogados, acesso ao rádio e à televisão, dentre outros, não permitindo, dessa forma, que se sintam totalmente desagregados da sociedade.

Nesse sentido, os Patronatos Penitenciários, cujo objetivo é de atender egressos beneficiados com a progressão para o regime aberto, liberdade condicional, sentenciados com trabalhos externos, liberdade vigiada, prestação de serviços à comunidade, por determinação judicial, têm exercido um importante papel na sensibilização da sociedade, sobre a questão de inclusão social de presos, fazendo parte de seus objetivos a assistência jurídica e psicossocial aos egressos dos Estabelecimentos Prisionais do Estado, bem como aqueles que executam pena

em regime aberto e condenados à prestação de serviços à comunidade. Atualmente, são dois os patronatos penitenciários, localizados em Londrina e Curitiba. O mapa, a seguir, demonstra a localização desses patronatos e suas respectivas áreas de abrangência.



Figura 1 – Mapa de localização dos Patronatos Penitenciários do Paraná

4.1.3 Divisão de Ocupação e de Produção – DIPRO

A pena privativa de liberdade tem também uma finalidade social, que consiste em oferecer ao condenado os meios indispensáveis para sua reintegração social. Com o propósito de atingir esses objetivos, o Sistema Penitenciário Paranaense adota políticas públicas que valorizam o trabalho prisional, a assistência educacional formal e profissionalizante, o esporte e o lazer, e o contato com o mundo exterior.

4.1.4 Trabalho

O trabalho é um dos mais importantes fatores no processo de ressocialização dos presos. Uma das preocupações do sistema Penitenciário do Estado tem sido criar novas alternativas de trabalho como forma de melhorar as condições de dignidade humana dentro das penitenciárias. A demonstração dessa preocupação é a criação das Penitenciárias Industriais, onde quase a totalidade dos presos está trabalhando. Já estão em funcionamento a Penitenciária Industrial de Guarapuava e a de Cascavel.

A mão-de-obra do preso é administrada pela Divisão Ocupacional e de Produção – DIPRO -, responsável pela implantação e implementação de canteiros de trabalho dentro das unidades penais.

4.1.5 Educação

O DEPEN trata a educação do preso como um processo de desenvolvimento global para o exercício consciente da cidadania. Este processo se realiza em duas dimensões: educação formal e formação profissionalizante.

Educação formal - é realizada através de um convênio com a Secretaria de Estado da Educação, consistindo em Ensino Fundamental (1º Grau) e Médio (2º grau). Além da socialização de um saber sistematizado, a educação no Sistema Penitenciário tem a árdua tarefa de tentar (re)construir o indivíduo do ponto de vista social, moral e ético. Esse programa proporciona formação profissionalizante aos presos, visando a capacitação da mão-de-obra e minimizando as dificuldades de reintegração do preso no mercado de trabalho, quando do cumprimento de sua pena. Outro objetivo é, de forma articulada com a DIPRO,

abrir novas frentes de trabalho no âmbito do Sistema Penitenciário, buscando sua autonomia (fábrica de detergentes, fábrica de uniformes, futura fábrica de calções, entre outros).

Este programa funciona por meio de uma parceria com as melhores instituições de formação profissional, tais como SENAC, SENAI, SESC e SENAR, que promovem cursos em diversas áreas. No programa de ressocialização pelo trabalho, todos saem ganhando: a empresa, o Estado, o preso e sua família e a sociedade. O programa oferece trabalho qualificado dentro do presídio, acaba com a ociosidade do preso, diminui a tensão no interior das unidades penais, reduz despesas públicas, melhora o Sistema Penitenciário e, ainda, amplia a atividade das empresas privadas.

Toda pessoa presa poderá trabalhar, podendo estar em unidade de regime semi-aberto ou fechado, sendo que poderá trabalhar para o próprio sistema penitenciário, desenvolvendo tarefas nas áreas de limpeza, manutenção e conservação das unidades penais. Neste caso, percebe mensalmente um pecúlio pago com recursos do FUPEN, para auxiliar na sua manutenção e da família.

O preso poderá trabalhar para outras entidades públicas ou para a iniciativa privada, através de convênio firmado entre as partes, podendo ser remunerado pela produção realizada ou com remuneração fixada em 75% do salário mínimo vigente. Em caso de trabalho com presos do regime semi-aberto, onde as tarefas podem ser executadas na própria empresa, a mesma responsabilizar-se-á pela alimentação durante a jornada de trabalho e transporte dos presos da unidade ao local de trabalho.

Além da remuneração que percebe, o preso reduz sua permanência dentro do sistema penal (cada três dias trabalhados, reduz um dia do total da pena), aprende um ofício, sendo que este contexto irá auxiliá-lo quando do seu retorno à sociedade. Desta forma, a união entre o governo e a iniciativa privada possibilita a diminuição da reincidência e oferece ao egresso uma vida mais digna junto aos seus.

4.1.6 Penitenciária Estadual de Maringá – PEM (Lócus desta pesquisa)

Esta Unidade Penal do Paraná está localizada em Maringá, cidade incluída entre as que possuem o melhor padrão de vida do Brasil. Estabelecimento de segurança máxima, destinado a presos do sexo masculino que cumprem pena em regime fechado, possui capacidade para 360 presos.

4.1.6.1 Histórico e competências

4.1.6.1.1 Histórico

Inaugurada em 10 de abril de 1996, localizada na área agrícola de Maringá-PR, no limite entre os Municípios de Maringá e Paiçandu. Com uma área construída de 5.800 metros quadrados, em um terreno de 24 mil metros quadrados, possui 60 celas com capacidade para 6 presos cada, perfazendo um total de 360 vagas. É dotada de completa infra-estrutura com guaritas, galerias, solários, refeitórios, salas de aula, salas de atendimento, cozinha, panificadora, lavanderia, consultório médico, odontológico e área íntima.

A Penitenciária Estadual de Maringá teve um custo de R\$ 3 milhões, possuindo o mesmo projeto da Penitenciária Estadual de Londrina, com a mesma estrutura de segurança e capacidade de lotação. A sua instalação proporcionou à cidade 202 novos empregos e contempla a região Noroeste do Estado, servindo a 30 cidades.

Caracteriza-se como estabelecimento de segurança máxima, destinado a presos do sexo masculino que cumprem pena de regime fechado. Possui uma capacidade de lotação para 360 presos, mantendo uma média populacional de 345, sendo que, destes, 55% da população carcerária emprega sua mão-de-obra em 24 canteiros de trabalho nas áreas de manutenção, artesanato, agricultura, fábrica de bolas de futebol, marcenaria, dentre outros.

4.1.6.1.2 Competências

A segurança e a custódia dos presos do sexo masculino que se encontram internados no estabelecimento, por decisão judicial, em cumprimento de pena em regime fechado; a promoção da reintegração social dos internos e o zelo pelo seu bem-estar, através da profissionalização, educação, prestação de assistência jurídica, psicológica, social, médica, odontológica, religiosa e material; e a prestação de assistência social aos familiares dos internos.

4.1.6.2 Canteiros de trabalho e outras atividades desenvolvidas na PEM

Este tópico é composto de alguns dos projetos desenvolvidos na PEM que mostram, além das atividades de trabalho remunerado, algumas outras atividades que buscam o desenvolvimento pessoal do preso, como segue:

4.1.6.2.1 Canteiros de trabalho

Os canteiros de trabalho podem ser contemplados no quadro nº 2 e abrangem aqueles que são oferecidos pela própria unidade e que são denominados de **canteiros internos**, bem como os outros que acontecem mediante Convênios entre a Secretaria de Estado da Justiça e da Cidadania e organizações que utilizam mão-de-obra de prisional. Tais atividades fazem parte dos objetivos institucionais em busca da preparação do preso, em cumprimento de pena, para o seu reingresso na sociedade.

4.1.6.2.2 Assistência religiosa

Tendo como objetivo a valorização humana, as entidades religiosas desenvolvem suas atividades direcionadas à evolução moral e cultural do apenado, visando ao crescimento pessoal e a reinserção à sociedade. Dentre as atividades, encontram-se a Igreja Católica; Associação Espírita de Maringá; Igreja Adventista do 7º Dia; Igreja Evangélica Assembléia de Deus; OPEM - Ordem dos Pastores de Maringá.

4.1.6.2.3 Curso de informática

Com equipamentos fornecidos pelo Ministério da Justiça, os presos estão recebendo conhecimentos básicos na área de informática. Os professores são funcionários da Unidade. Os CDs de implantação dos programas foram doados pela Editora Folha de São Paulo e os presos beneficiados são aqueles que estão próximos do cumprimento da pena e que estejam estudando no Centro Estadual de Educação Básica de Jovens e Adultos - CEEBJA/PEM, como forma de incentivo ao estudo.

4.1.6.2.4 Cursos profissionalizantes

Foram realizados diversos cursos profissionalizantes (vide anexo IV), com a participação do SENAR, SENAC, SENAI, SESC e voluntários. Dentre eles, destacam-se:

Derivados do leite; casqueamento de animais; garçom; operador de trator; cozinha alternativa; material de limpeza; cozinha executiva; aplicação de defensivos; conservas caseiras; mecânica de automóveis; jardinagem; cabeleireiro; arte-técnica em relevo.

4.1.6.2.5 Desenvolvimento artístico

Dentre as atividades extracurriculares desenvolvidas pelo CES, destacam-se o Coral, contando com a participação de aproximadamente 30 presos, o Teatro e os trabalhos artísticos.

4.1.6.2.6 Educação - ensino regular

O Centro de Educação Aberta à Distância "Professora Tomires Moreira de Carvalho" foi implantado na PEM, em convênio com as Secretarias da Justiça e Cidadania e da Educação, com o objetivo de propiciar aos presos o Ensino Fundamental 1º e 2º graus para humanização do Sistema Penitenciário e a reintegração social dos indivíduos nele inseridos.

4.1.6.2.7 Ensino a distância – Canal Futura

Canal, via satélite, disponível para presos que estudam ensino regular dentro da Penitenciária, podendo ter acesso a programas didáticos de interesse.

4.1.6.2.8 Pagamento de PIS e FGTS

Atividade realizada em conjunto com a Caixa Econômica Federal, a fim de identificar, junto aos presos da PEM, aqueles que, por ventura, tenham direito ao recebimento do PIS e do FGTS. Este procedimento foi iniciado em Maringá e, em razão dos bons resultados alcançados, foi estendido a todo o sistema Penitenciário Paranaense.

4.1.6.2.9 Prevenção da DST/AIDS

Ciclo de palestras ministradas aos presos por técnicos da Unidade (médico e psicólogos), objetivando alertá-los sobre as conseqüências da doença e modos de preveni-la.

4.1.6.2.10 Terceira idade

Atividades de trabalhos manuais, interação com a comunidade e palestras específicas para os presos com idade mais avançada. Participação de professores do CEEBJA, do SENAC e

profissionais de diversas áreas da comunidade que proferem palestras de interesse a esse grupo de presos.

Mais especificamente sobre os canteiros de trabalho da PEM, um dos principais focos desta Dissertação, o quadro, a seguir, apresenta a relação daqueles que atualmente estão em atividade na Unidade e que são responsáveis pela utilização de uma expressiva parcela de mão-de-obra carcerária. É importante ressaltar que estão divididos em canteiros externos (que representam as empresas que utilizam mão-de-obra de presos e os remunera pelo trabalho executado) e os internos (canteiros que também remuneram o trabalho, todavia em forma de pecúlio, pago pelo Estado pelo trabalho do preso).

Canteiros de trabalho – Organizações Externas			
	CONVÊNIOS	ATIVIDADES	DATA INICIO
1	ANTENAS AIRTRÔNIC LTDA	<ul style="list-style-type: none"> Montagem de Cabos para Comunicação, preparo e colocação de terminais nas extremidades de cabos coaxiais. 	2006
2	ANTENAS AIRTRÔNIC LTDA	<ul style="list-style-type: none"> Montagem de fitas para impressoras 	2006
3	FERREIRA & SCHEFFER LTDA	<ul style="list-style-type: none"> Lixado em Jeans 	2005
4	PLAST MÍDIA IND. E COM. EMB. PLÁST. LTDA.	<ul style="list-style-type: none"> Montagem: Colocação de alças, fundos, ilhó, acabamento e empacotamento de sacolas 	1998
5	PLAST MÍDIA IND. E COM. EMB. PLÁST. LTDA.	<ul style="list-style-type: none"> Serviço de Serigrafia: revelação de telas e impressão nas sacolas. 	1998
6	SAIEZO BICICLETAS DO BRASIL LTDA.	<ul style="list-style-type: none"> Colocação de raios, centragem de aros e montagem completa de bicicletas. 	2000
7	SECRETARIA EST. DE EDUCAÇÃO-CAP	<ul style="list-style-type: none"> Digitação de material didático para deficientes visuais 	2005
8	SECRETARIA EST. DE EDUCAÇÃO-CAP	<ul style="list-style-type: none"> Confecção de Mapas e demais desenhos didáticos em alto relevo, bem como maquetes para deficientes visuais. 	2004
9	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ	<ul style="list-style-type: none"> Restauração de Livros da Biblioteca da UEM 	2001
10	INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ	<ul style="list-style-type: none"> Produção de mudas 	2006
Canteiros de trabalho Internos			
1	BARBEARIA	<ul style="list-style-type: none"> Corte de cabelo dos presos 	1996

2	BIBLIOTECA	<ul style="list-style-type: none"> • Empréstimo de livros • Catalogação de livros • Relatório de livros emprestados e lidos • Faxina nas Instalações da Biblioteca • Restauração dos Livros da Biblioteca • Incentivo à leitura na distribuição de livros nas galerias com acesso limitado 	1996
3	COZINHA	<ul style="list-style-type: none"> • Distribuição da refeição para os presos • Limpeza no interior da cozinha • Distribuição do café da manhã • Serviço de garçom no refeitório dos funcionários (café da manhã, almoço e jantar) • Lavagem de Louças e utensílios da cozinha • Preparo de verduras para saladas 	1996
4	EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS	<ul style="list-style-type: none"> • Conserto de equipamentos eletrônicos da Unidade. • Início das atividades de consertos de computadores das Escolas ligadas à Secretaria de Estado da Educação em Maringá. • Instrução de informática através de curso aos presos com duração de 03 (três) meses, utilizando os computadores do setor de Digitação em Braille. • Restauração de peças eletrônicas • Conserto de equipamentos de informática e montagem de computadores 	2002
5	ALFABETIZAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalho de monitoria auxiliando os professores na alfabetização dos presos 	2003
6	FAXINA	<ul style="list-style-type: none"> • Limpeza, higienização e recolhimento do lixo no interior da Unidade. • Limpar as caixas de gorduras • Limpar e lavar as viaturas da Unidade 	1996
7	FAXINA EXTERNA	<ul style="list-style-type: none"> • Faxina na parte intramuros e reforço no trabalho da horta 	1996
8	HORTA	<ul style="list-style-type: none"> • Plantio, colheita e manutenção das instalações da horta • Separação de verduras e legumes para uso na Unidade e Entidade beneficente (Recanto "Somos Todos Irmãos"). 	1997
9	JARDINAGEM	<ul style="list-style-type: none"> • Manutenção e plantio de plantas ornamentais 	2002
10	LAVANDERIA	<ul style="list-style-type: none"> • Controle do fluxo de roupas no setor • Lavar e passar as roupas dos presos 	1996
11	MANUTENÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • Serviço de consertos da parte elétrica, hidráulica, portões, pintura de paredes, instalação de equipamentos, etc. 	1998
12	PARLATÓRIO	<ul style="list-style-type: none"> • Chamar, listar compras e colher assinaturas de presos. 	1996
13	RECICLAGEM DE LIXO	<ul style="list-style-type: none"> • Separação do Lixo para reciclagem e reforço na Horta 	1998

QUADRO 2 - Canteiros de Trabalho / Atividades - 2006

Fonte: Penitenciária Estadual de Maringá/ Divisão Ocupacional - 2006

As ilustrações sobre os canteiros de trabalho apresentados no quadro nº 2 estão dispostas no Anexo III deste trabalho, na ordem em que foi estabelecida no referido quadro e de acordo com os seus respectivos títulos.

Ao se contemplarem as características da Instituição PEM, sede do desenvolvimento do presente trabalho de investigação e o contexto no qual está inserida, foi possível vislumbrar que, apesar da difícil realidade em que atua, é uma organização necessária à sociedade como qualquer outra e sobre isso Hall (2004) afirma que as organizações estão aí para cumprir uma finalidade, é impossível evitá-las, pois fazem parte da vida do homem e são peças importantes nos processos de mudanças sociais. Acrescente-se o fato de que a PEM, como quaisquer outras organizações, possui objetivos a serem alcançados. Para Robbins (2000, p. 31), a organização “é um arranjo sistemático de duas ou mais pessoas que cumprem papéis formais e compartilham um propósito comum”, o que demonstra não serem as organizações um fim em si mesmas.

4.2 DADOS DE FONTES PRIMÁRIAS

Em busca das respostas para as perguntas de pesquisa que foram estabelecidas nesta dissertação, dentre outros procedimentos metodológicos, adotou-se para coleta dos dados primários, como já mencionado, a entrevista formal semi-estruturada, que respaldada pelo conteúdo levantado na revisão da literatura, tornou possível o desenho da situação que predomina na Instituição PEM (Penitenciária Estadual de Maringá) a respeito das visões existentes sobre o trabalho remunerado, desenvolvido por presos.

Dentre os sujeitos envolvidos nas atividades remuneradas de trabalho na PEM, estão os presos, diretor, agentes e técnicos (psicólogos, assistentes sociais e pedagoga).

Esta pesquisa contou com a participação de presos, técnicos (psicólogos, assistentes sociais, pedagogo), agentes penitenciários e do diretor da unidade, que serão tratados como “E” (entrevistado), seguido de um número que identificará, em todas as questões, a mesma pessoa. Então, por exemplo, quando for mencionado E 2, isto significa que, no grupo em análise, esse

é o segundo entrevistado. O que se pretende é a busca do entendimento da visão desses atores, sobre o trabalho remunerado executado pelos presos da PEM.

Utilizando a entrevista como uma das ferramentas de coleta de dados, foi possível a construção de uma relação bastante próxima entre nós, de modo que a comunicação estabelecida conduziu às informações e se estabeleceu a bilateralidade, necessária aos nossos objetivos e que, aliás, é característica da entrevista. A esse respeito, Richardson (1999, p. 160) afirma que a entrevista é:

A melhor situação para participar na mente do outro ser humano é a interação face a face, pois tem o caráter, inquestionável, de proximidade entre as pessoas, que proporciona as melhores possibilidades de penetrar na mente, vida e definição dos indivíduos. Esse tipo de interação entre pessoas é um elemento fundamental na pesquisa em Ciências Sociais [...].

4.2.1 Presos

Assim, inicialmente, analisando os discursos colhidos, dos presos, mediante entrevista, definiram-se alguns parâmetros, conforme a seguir descritos, que servirão de referência para que se possa chegar à compreensão sobre o que significa o trabalho, para eles, e qual a relação que existe com o que definem autores como Morin e, especialmente, Arendt, dentre outros, sobre o trabalho e seu significado conforme consta da respectiva revisão da literatura.

Dessa forma, quando os presos foram indagados sobre o que significa o trabalho e quais suas características e limitações, dentro da unidade penal, a importância da remuneração, da remissão da pena pelo trabalho e também dos aspectos relativos à profissionalização e reintegração social, apresentaram os seguintes depoimentos:

4.2.1.1 Sobre o significado do trabalho

- **E 1-** “Olha! Pra mim é muito importante, primeiro porque me devolve a cidadania e dá oportunidade de eu poder tá ajudando a minha família financeiramente né? [...] também me dá uma oportunidade de se o canteiro me conduz a uma profissão eu de repente exerço essa profissão lá na rua, pra mim vai ser importante”.
- **E 3-** “[...] a gente procura mostrar pros técnicos, prá todo mundo, que tá procurando regredi, regredi não, Progredi né? [...] e com o dinheiro que a gente recebe do serviço, aqui na casa, é o dinheiro que a gente ajuda nossa família e também o dinheiro que a gente usa pra comprar produtos de higiene, às vezes até alimentos pra gente utilizá”.
- **E 4-** “[...] Quando chega a liberdade, poder progredir mais, ter um futuro melhor né? [...] Trabalho, então, isso que a casa oferece, acho que é muito importante, é o primeiro passo que a gente tem que dar é isso aí”.
- **E 5-** “Consigno realizá-lo da melhor forma possível, ajudando a gente a ganhar o sustento, pelo menos o material higiênico, pessoal, particular né? [...]”
- **E 6-** “[...] não ficar o tempo todo dentro de um xadrez, que nem é no caso de uma comarca, é você muda um pouco sua visão, você expande ela por que você tá trabalhando você não está pensando em coisa ruim, você não tá pensando em fugir e nem agredir ninguém, é como podemos dizer é uma ajuda que a gente tem né? [...]”
- **E 7-** “Trabalho é muito importante né? [...] diz respeito à terapia ocupacional, dignifica e valoriza o interno porque a partir do momento que o interno, ele adquire um trabalho

para ele, dentro do sistema, ele passa a ter uma melhor qualidade de vida, até com a questão da valorização pessoal".

- E 8- "Pra mim significa muito [...] apesar de estar preso, eu tô me sentindo até livre porque trabalho de dia, de noite eu tô cansado, eu descanso, no outro dia, graças a Deus, eu tô pronto de novo pra trabalhar".
- E 9- "É uma perspectiva de futuro né? [...] agente já tá aperfeiçoando nossa mente, quando nós saí lá fora já engrena num mercado de trabalho, já tem um costume né? Coisa que eu não tinha, já trabalhei bastante quando eu tava na rua , mas não tinha o costume de trabalha, mas fazer coisa errada. Agora não, trabalhando tamo firmando nossa mente que se aqui nós consegue vencer trabalhando, lá fora vai ter muito mais espaço".
- E 11- "Pra mim é importante né? É além de eu ajudar minha família, o dinheirinho que eu ganho aí, abaixa minha pena né? A gente não fica pensando bobagem então influencia muito o tempo da gente mesmo, então pra mim é importante".
- E 12- "Ah! Significa muito importante né? A gente tendo uma responsabilidade aqui né! a gente também adquire responsabilidade lá fora, quando a gente sair, a gente tem perspectiva de vida e tudo a gente quer mudar também [...]"
- E 13- "Bom! Pelo menos eu tive uma criação familiar que o trabalho é realmente dignificante [...]. Eu creio que, mais do que em qualquer outro lugar, aqui o trabalho deve ser, não creio que haja esse ou aquele tipo de trabalho que seja mais ou menos importante, mas acho que dentro da instituição penal, como esta, trabalhar é um fator importantíssimo, até pelo salário, pela remissão, isso tudo acaba revertendo em benefício do preso [...]".

- E 14- “É uma grande melhoria aos presos né? Eu penso que os presos começam aqui já conhecendo um trabalho, mas se afastaram do trabalho e aqui dentro eles vem a ter, dá o valor, principalmente ao salário que ganha, o que evita da família dispor do dinheiro da família né? [...] é dá mais valor ao dinheiro, uma das grandes coisas a gente passa a dar mais valor no dinheiro”.
- E 15- “Significa ocupação, terapia, expectativa de uma vida diferente de um amanhã melhor. Significa todas essas coisas, todas as coisas boas que talvez a gente não fez lá fora e tá aprendendo aqui dentro, através do trabalho, através da disciplina e dessas coisas”.

Diante das declarações acima, foi possível estabelecer alguns paralelos com a revisão da literatura apresentada e ao mesmo tempo apresentar a tendência predominante, por entre os entrevistados, sobre o significado do trabalho.

Pois bem, inicialmente é oportuno relatar que em nenhum dos depoimentos colhidos ficou evidenciado o trabalho como parte do cumprimento da pena, ou castigo, e isso nos remete a um outro plano de discussão sobre o trabalho, como algo estruturante, que sustenta a si e a sua família, que ocupa, que profissionaliza, que proporciona crescimento intelectual e que valoriza a pessoa.

Nesse contexto, seria interessante mencionar que, a rigor, a pesquisa de Morin (2001), realizada com administradores da França e do Quebec, sobre o sentido do trabalho, apresenta alguns resultados que são bastante próximos dos que conseguimos aqui, independentemente das diferenças que existem entre os atores envolvidos.

Como pode ser constatado na pesquisa de Morin (2001) - ver quadro nº 1 -, um trabalho tem sentido, dentre outros aspectos, quando permite que você se sinta útil e valorizado, beneficie aos outros, permita o aprendizado e o crescimento pessoal, que afaste a ociosidade, que permita a integração a um grupo de pessoas e que seja remunerado.

Ficou bem claro, mediante as declarações dos entrevistados, que os anseios dos presos ouvidos na PEM apresentam uma identidade muito próxima aos administradores da França e do Quebec, quanto ao que entendem com um trabalho que tem sentido. Assim, foi possível observar que existe uma similaridade bastante acentuada a respeito do entendimento sobre o que significa o trabalho e qual a importância deste para a existência do homem. Isso pode ser constatado em Codo e Vasques-Menezes (1999, p. 293), quando declaram: “[...] A importância da percepção do próprio trabalho como útil à sociedade tem valor inegável para a auto-estima do trabalhador, para forma como se estrutura sua identidade [...]”.

Um outro aspecto que merece consideração, ao analisarmos os depoimentos colhidos, é que existe uma forte relação do que significa o trabalho para os presos e o que Arendt (2004) considera como Labor, atividade exercida pelo denominado *animal laborans*, onde é priorizada a sobrevivência de si e de seus familiares. Assim, quando os entrevistados exaltam a importância do trabalho para subsistência e apoio aos familiares, segundo Arendt (2004), está falando de Labor, que em sua definição de *Vita Activa* consiste em uma das atividades humanas fundamentais: “O Labor é a atividade na qual o corpo se desgasta com a finalidade de atender as necessidades da vida” (ARENDDT, 2004, p. 94).

É interessante mencionar ainda que, além do que expressam sobre o trabalho, que combina com que Arendt (2004) define como Labor, manifestam também suas expectativas sobre como será quando regressarem ao mundo externo e de que forma a instituição PEM poderá contribuir com isso. Sobre esse ponto, Goffman (1974), quando fala das características das instituições totais, alerta para o fato de que, apesar do distanciamento que há entre tais instituições, o trabalho na sociedade externa e a família, enfim, as barreiras que separam o internado e o mundo exterior, existe uma proposta mais ampla sobre as funções sociais dessas instituições, qual seja: “A instituição total é um híbrido social, parcialmente comunidade residencial, parcialmente organização formal; aí reside seu especial interesse sociológico. [...] Em nossa sociedade, são as estufas para mudar pessoas; cada uma é um experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu” (GOFFMAN, 1974, p. 22).

Assim, sobre o significado do trabalho para esse grupo de respondentes, esses são os aspectos que avaliamos oportuno enfatizar em busca da construção de suas visões a respeito do trabalho.

Dando continuidade à entrevista, os sujeitos de pesquisa (nesse caso ainda os presos) apresentaram seus posicionamentos a respeito das características do trabalho, dentro da unidade penal, envolvendo aspectos relativos às expectativas de futuro, a remuneração e as possíveis limitações, além de outros pontos de interesse. Assim os trechos de entrevista que serão listados, a seguir, foram selecionados, por apresentarem importantes esclarecimentos sobre o assunto e poder nos atender em relação as nossas necessidades de informações para avançar nas análises sobre suas visões a respeito do trabalho remunerado, na PEM.

4.2.1.2 Sobre as limitações do trabalho, dentro da PEM

No que tange aos aspectos limitantes do trabalho, dentro da unidade penal, alguns dos depoimentos merecem uma avaliação mais criteriosa, pois, sem dúvida, contribuirão para a definição da visão, sobre o trabalho dos atores aqui em estudo. São eles:

- **E 1-** “A maior dificuldade dentro da unidade assim dentro do sistema pra trabalho, acredito que acho que até pro funcionário, pro interno assim... é a questão da segurança, a ferramenta, é complicado [...] a gente chega no canteiro de trabalho e daí a ferramenta demora um pouquinho pra chegar, ela tem que passar por uma vistoria né? aí dificulta, demora um pouquinho mais pra gente começar a trabalhar e diminui um pouco a produção, só isso !”.
- **E 6-** “Os horário é muito curto, os horário, por exemplo, começa a trabalhar dez horas e pára as quatro horas. Eu acho assim se tivesse um pouco mais de tempo, porque demora para tomar uma geral [...] Eu acho que se tivesse um jeito de diminuir ou ter um outro sistema, eu acho que seria melhor pro desenvolvimento”.

- E 9- “Demora da ferramenta para chegar no setor de trabalho, mesmo que nós tem que ter a visão de que os funcionários solta nós, depois vai soltar o restante da cadeia, pra depois chegar lá, né! mas nesse intervalo emperra um pouco”.

As declarações acima descritas, dentro do que tratamos como limitações, tem algo em comum, ou seja, identificam como limitações ou inconvenientes, inerentes ao desenvolvimento de trabalho na PEM, questões como o controle excessivo sob o uso e o trânsito de ferramentas, nos canteiros de trabalho e em função disso a perda de uma parcela de tempo, que entendem como prejudiciais à produtividade. O que se deve considerar é que esta é uma característica da Instituição Total, nesse caso, um presídio, e de que forma as atividades de trabalho estão organizadas. Em instituições dessa natureza o controle, às vezes excessivo, faz parte do seu *modus operandi*. A esse respeito, Goffman (1974), quando define tais instituições, afirma que os indivíduos que dela fazem parte levam uma vida fechada e formalmente controlada.

Ainda, as declarações abaixo descritas fazem parte de uma outra leitura que os entrevistados apresentaram a respeito de limitações e que acabam por causar um certo desconforto na realização do trabalho, dentro da unidade penal:

- E 7- “Olha! o que mais me incomoda e prejudica no desenvolvimento do trabalho na PEM aqui é a monotonia, muitas vezes, né! a monotonia que incomoda muito, né! é sempre quase o mesmo trabalho né! [...]”.
- E 8- “Bom! por exemplo, o senhor deve de tá vendo eu aqui bastante sujo assim, mas é porque realmente nós tamo num lugar... é um lugar adequado, mas ele tá meio apertado, tá! e se ampliasse um setor daquele ali, se ele crescesse mais, é tudo que uma penitenciária dessa precisa, é crescer, ampliar ele, crescer ele, porque aquilo ali é ... olha! sem palavras”.

- **E 11-** “Olha! pra mim nada, pra mim no momento nada tá me incomodando né! a não ser esse probleminha de falta de ar, questão do pó que é muito né! só isso no momento até agora é o que tá me incomodando”.
- **E 14-** “[...] o sistema prisional deveria ter uma preocupação assim de botar os presos pra trabalhar em obra da instituição. Eu tenho um pensamento assim de fazer um trabalho pra ajudar o próximo, seria bem mais utilizado o trabalho de um detento pra poder dar valor ao seu próprio trabalho, desenvolver trabalho pra instituições carentes, fazer produtos dentro da penitenciária pra ajudar creches, essas coisas”.

É oportuno observar que questões como espaço físico e inadequação do ambiente foram elencadas e devem ser consideradas. Todavia o que mais chamou atenção e que contribui para o entendimento sobre a visão desses atores sobre o trabalho e o que realmente lhe dá sentido foram os argumentos dos entrevistados E-7 e E-14, a respeito do trabalho com finalidades sociais, de ajuda ao próximo e ainda o trabalho criativo que afaste a monotonia.

Isso nos faz, mais uma vez, evocar o estudo de Morin (2001), quando conclui, a partir de pesquisa junto a administradores, que um trabalho tem sentido à medida que beneficia aos outros, é interessante e proporciona prazer ao ser realizado. Faz parte, ainda, das respostas mais frequentes nesse estudo, o fato da procura de boas condições de trabalho como condição importante na realização de um trabalho. Nesse sentido, é extraordinário o alcance de Pastore (*apud* SILVA, 2001, p. 11) sobre o assunto, quando diz que o trabalho prisional não deve ter a conotação de castigo e que não há sentido em se atribuir, ao preso, um trabalho que ele não quer fazer ou que não contribua com nada para a reorganização de sua vida após o cumprimento da pena.

4.2.1.3 Sobre a remuneração pelo trabalho

Com relação à remuneração pelo trabalho prisional, com raras exceções, as respostas ratificam a importância do ganho para a subsistência de quem trabalha, como também em relação aos familiares. Essa questão foi verificada, também, por ocasião da questão inicial que indagava sobre o significado do trabalho. Portanto, os trechos de algumas entrevistas, que serão apresentados, refletem o que foi dito na maioria delas. São eles:

- E 3-“É bom, por causa de que quando a gente trabalha aqui dentro, com nosso suor, a gente vai ganhando nosso dinheiro [...]”.
- E 4- “Acho que o trabalho remunerado acho que ele ajuda muito o interno né! na parte de alimentação, comer alguma coisa diferente, uma fruta, o material de higiene que o preso necessita de cada dia, né? [...]”.
- E 7- “Olha! a remuneração é muito importante [...] com a remuneração que eles adquire, aqui dentro no trabalho, eles conseguem, inclusive é, se supri de alguma necessidade que eles vem a ter aqui dentro e também consegue passar parte dessa remuneração pros seus familiares”.
- E 9- “A remuneração do trabalho, pra mim é bom porque eu como alguma coisa diferente que eu compro na compra, pago a circular, a condução pra poder minha mãe me visitar [...] eu não gosto de ficar pedindo nada pra minha família [...]”.
- E 10-“É, traz uma boa ajuda né! pra meus familiares lá fora, né! sobra um dinheirinho a gente manda [...]”.

- **E 15-** “É importante o trabalho remunerado pelo fato de que a gente pode, através disso, suprir as necessidades básicas [...] a gente pode através disso ajudar a família e procurar de alguma maneira tá contribuindo de alguma forma”.
- **E16-** “Pra mim é importante porque, pra falar a verdade pro senhor, eu não preciso pedir pra minha família, o dinheiro que eu ganho aqui, eu compro algumas coisas pra comer né! então pra mim, é importante o dinheiro”.

Portanto, a busca da satisfação de necessidades de ordem biológica, ou seja, de subsistência, fica mais uma vez anotada nas manifestações dos entrevistados e isso acaba por caracterizar o que Arendt (2004) considera como Labor. A seguir, um dos comentários da autora que explicita a condição de isolamento e comprometimento do trabalhador, em busca da sobrevivência:

É verdade que este isolamento do *animal laborans* em relação ao mundo é inteiramente diverso da fuga voluntária da publicidade mundana [...] O *animal laborans* não foge do mundo, mas dele é expelido na medida em que é prisioneiro da privacidade do próprio corpo, adstrito à satisfação de necessidades das quais ninguém pode compartilhar [...] (ARENDR, 2004, p. 131).

4.2.1.4 Sobre as expectativas em relação ao trabalho

As questões que serão analisadas a seguir tiveram o intuito de verificar quais as expectativas em relação àquilo que o trabalho pode proporcionar ao detento, mudanças que pudessem contribuir com isso e também como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da unidade. Então, inicialmente, estarão listados alguns trechos de entrevistas sobre que mudanças que os entrevistados entendem serem importantes para a melhoria do trabalho na unidade e, em seguida, a questão sobre como seria cumprir a pena, sem trabalho. Deve-se

esclarecer, ainda, que os depoimentos colhidos não estarão transcritos na íntegra, além de alguns deles terem sido omitidos, por serem repetitivos ou não terem contribuído com os objetivos pelos quais as questões foram propostas para a entrevista. São eles:

4.2.1.4.1 Expectativas de mudanças

- E 1- “[...] que bom seria se todo interno pudesse ter a oportunidade de trabalho, né? [...] pra mim, acredito que deveria ter mais canteiro de trabalho e umas profissões assim que desse continuasse dando pro interno ter um seguimento lá na rua [...] oportunidade de eu continuar a exercer essa função lá na rua a oportunidade de não sair de mãos abanando, saí sem um emprego, saí desestruturado [...]”.
- E 2- “Poderia melhorar se abrisse outro canteiro um pouco maior, que nem onde nois trabalha ali é um pouco pequeno né ! Um espaço... mais que entre uma ventilação melhor senhor que ali é meio abafado”.
- E 4- “Eu acho que tem um lugar que dispõe hoje eu acho que deveria colocar um pouco mais, como se fala a dizer, acho que um pouco mais profissionalizante, mais aperfeiçoado né! acho que isso ajudaria muito, não só o trabalho aqui dentro, mas como uma futura vida de trabalho também na sociedade.
- E 6- “Olha! eu acho assim, como poderia falar, se tivesse um pouco mais de compreensão por parte dos agente, na hora do nosso serviço [...]”.

- E 7- “Eu acredito que deveria ter mais bom senso, por parte da sociedade empresarial [...] por que eu acredito que falta um pouco de confiabilidade por parte dos empresários né! em relação ao sistema prisional né! o preso com toda certeza, se a ele for confiado alguma coisa, com certeza ele também retribuirá a altura”.
- E 11- “Ah! que nem aquele setor do jeans, se fosse um lugar mais arejado seria bem mais melhor, seria mais melhor”.

A respeito das possíveis mudanças que tornariam o trabalho na PEM mais favorável ao preso, ou seja, atendessem suas expectativas, a maioria dos discursos incluiu propostas relativas a uma melhora na questão do espaço físico, melhora no relacionamento com os agentes de segurança, trabalhos mais profissionalizantes e também que houvesse uma certa cumplicidade, por parte dos empresários que empregam mão-de-obra carcerária, no sentido de que depositassem mais confiança nesses presos e que, de certa forma, se comprometessem também em oferecer trabalho a eles, quando retornassem à sociedade. A propósito disso tudo, encontramos em Pastore (*apud* SILVA, 2001) o seguinte:

As pesquisas mais recentes mostram que o trabalho só ajuda a recuperar e a reintegrar o preso na comunidade quando contém os ingredientes requeridos pelo mercado em geral. Ou seja, antes de começar a trabalhar, os que assim o desejam precisam receber formação profissional de boa qualidade sobre profissões atualizadas. Além disso, os presos precisam ser ajudados por mecanismos de reintegração, por meio dos quais algum tipo de estímulo é oferecido às empresas que empregarem ex-presidiários. Nessas condições, o trabalho prisional é dignificante, acrescenta capital humano aos presos, ajuda suas famílias e os prepara para uma nova vida (PASTORE *apud* SILVA, 2001, p. 11).

4.2.1.4.2 Cumprir pena sem trabalhar

- E 1- “Seria difícil... seria difícil porque o trabalho livra a gente de muitas coisas, tira essa coisa de cadeia, porque a gente tem muito tempo que é inútil né? então, sem o canteiro de trabalho com certeza a convivência já é difícil até na rua, até na família da gente a gente tem discussões... eu acredito que se não tivesse canteiro de trabalho, haveria muito mais problemas pra segurança [...]”.
- E 2- “Seria porque, aonde a gente... é que nem os outros dizem né? mente parada é a oficina do bicho ruim né, senhor! então, tendo o que fazer não tem o que pensar em coisa errada né, senhor! porque a pessoa parada fica numa conversa de um, de outro ...as vezes nem da vida do crime não é, mas começa a se envolver [...]”.
- E 6- “Olha! é que nem no caso da comarca, fica trancado, vive em revolta, com raiva, agredindo os outros, né! e tentando fuga, eu acho que é isso aí”.
- E 8- “Já vivi, eu tô há muitos anos, sou preso bastante antigo, é e não tenho nem explicação do ruim que é tá num lugar sem nenhum canteiro de trabalho, sem sua cabeça numa atividade, não tem nem explicação é muito ruim, é muito, e dá atraso, dizendo na língua do popular, é que nem dizem, “mente vazia é oficina do diabo”, né! então é isso daí”.
- E 9- “Seria, com certeza muito mais ruim, ficamos um tempo na 7ª galeria ali sem trabalhar sem nada, porque o trabalho, queira ou não queira, a gente tá envolvido no trabalho ali, a mente tá naqueles pontos e já não fica martirizando aquelas neurose de cadeia, aqueles pensamento ruim [...]. A gente ajuda no raciocínio, convive com outras pessoas a gente tem uma terapia, vira uma terapia né?”.

- **E 11-** “Ah! é que você demora muito tempo pra sair do pátio, então quando sai o sol é forte demais, dá uma dor de cabeça, muita conversa sem futuro... então, se houvesse mais trabalho nas penitenciária muitos presos iam saí também diferente, porque fica parado, só pensa coisa má, se reuni todo mundo ali, só sai o que não presta, muitos, às vezes saem da cadeia pior, porque uns tem coragem de matar e outros não tem e fica ali, tudo junto”.
- **E 14-** “Eu acho que teria acarretado muitos problemas entre si, entre os próprios presos muitos atritos, muita conversa, ficaria muito tempo junto e isso seria bem mais problemático pro próprio preso mesmo. Digamos, tem dez presos que tem a mente boa, digamos tem dois ou três que já não tem, aí fica vinte e quatro horas junto[...]”.
- **E 15-** “Seria como se dizer assim, seria muito pesado, seria pesado demais porque é como eu tava dizendo, no tempo que a gente trabalha, o período de trabalho a mente da gente fica concentrada no trabalho [...] dentro de um alojamento a mente de uma pessoa que tá presa ela pensa muito, ela pensa muito porque aumenta a ansiedade dela, então a pessoa se torna ansiosa e isso sinceramente é prejudicial é horrível isso, então acho que essa questão do trabalho, do setor de trabalho é fundamental pra se manter, acredito”.
- **E 16-** “Ah! eu vou falar pro senhor, é muito difícil porque tando fechado já é difícil e se não tem um serviço aí piorou, aí que a gente, o preso, fica mais pensando coisa errada pra fazer [...] então o trabalho é o principal pra gente...pro condenado”.

Quando foram questionados sobre como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM, as manifestações foram muito similares, como pode ser constatado nas declarações apresentadas, quase unânimes em afirmar que cumprir a pena sem a

possibilidade de trabalhar seria problemático e muito custoso para o preso. Em meio a outros aspectos relevantes, um fator que chamou atenção foi o fato do trabalho também estar sendo usado como fuga, em busca de um ambiente melhor e menos contaminado com os assuntos que envolvem o mundo do crime, seja pela convivência com um número menor de pessoas (grupo de trabalho), todos ali reunidos para o mesmo fim, seja pelo menor tempo ocioso e a concentração maior às atividades de trabalho.

Em concomitância com o que se obteve nas entrevistas realizadas, com o universo de presos selecionados, Pastore (*apud* SILVA, 2001, p. 30) relata que “[...]do ponto de vista da administração penitenciária o trabalho tem finalidades essencialmente laborterápicas, com reflexos positivos na disciplina, na diminuição das tensões e da ociosidade. O ideal é que o preso tenha um trabalho desde os primeiros dias da entrada na prisão [...]”.

4.2.1.5 Sobre trabalho na prisão - remissão da pena e o preparo para o retorno à sociedade

No momento em que foram consultados sobre o trabalho na prisão e a possibilidade de continuarem trabalhando, mesmo sem contar com o benefício da remissão de pena (a cada três dias trabalhados, um dia a menos na pena) e também se tais atividades de trabalho remunerado poderiam, de alguma forma, ajudá-los, quando do retorno à sociedade, os principais posicionamentos foram os seguintes:

4.2.1.5.1 *Trabalhar sem obter remissão de pena*

- **E 1-** “Eu trabalharia, independente da remissão de pena, como a gente, como eu mesmo já disse, a remuneração é importante, a oportunidade, de repente a gente tá exercendo

uma profissão que essa empresa tá oferecendo pra gente trabalhar aqui, a gente continua trabalhando nela, lá fora [...].”

- E 3- “Mesmo não havendo remissão eu gostaria de trabalhar, por causa de que, que nem eu já disse antes, com o dinheiro eu posso ajudar a minha família lá fora e também posso comprar os produtos de higiene. Mesmo sem remissão é um trabalho digno e a gente utiliza ele futuramente”.
- E 4- “Minha proposta, acho que é primeiramente é ocupação né! na mente de um interno e colocando na mente também a gente adquirir uma nova profissão, uma ocupação [...] o tempo que a gente tem aqui hoje, pra gente cumprir nossa pena, acho que é o tempo que a gente tem para aprender alguma coisa a mais [...].”
- E 5- “Uma remuneração compatível [...] prá poder tá ajudando a família, honrando o compromisso com a família, com filho, esposa”.
- E 6- “Olha! teria que ser um bom salário pra poder ajudar a família. É, um salário melhor que nem a gente poderia ajudar a família e trabalhar contente [...].”
- E 8- “[...] a gente é bastante, sabe! A gente trabalha também bastante pensando nessa situação porque a gente depende dessa remissão de pena, que é um decreto do presidente, tá no código penal e isso aí ajuda bastante também, viu! Eu não sei nem dizer pro senhor se tirasse essa situação aí...eu..!”
- E 9- “Se não tivesse remissão de pena, ia sobrar a remuneração, pra mim tem um valor a remuneração, eu usufruo dela e pra dignifica a gente [...].”

- E 13- “[...] Eu imagino que, se não houvesse remissão, infelizmente a grande maioria não ia procurar se adequar às condições de trabalho, pelo simples fato de ocupar a sua mente, ocupar seu tempo né! [...]”.
- E 14- “Continuaria, continuaria porque é uma ocupação de tempo pra gente [...] o pouco que a gente ganha, aqui dentro a gente dá o valor que a gente não acredita, não depende da família”.
- E 16- “Se não houvesse remissão de pena não diminuiria a minha condenação, aí não era muito interessante pra mim né!”

Em resposta ao que foi colocado sobre como seria trabalhar, sem receber o benefício da remissão da pena, o que se pode perceber, inicialmente, foi que na ausência do benefício da remissão o trabalho continuaria sendo bem vindo, pela maioria, todavia com algumas menções sobre o salário ser melhor, de forma a compensar a perda de tal benefício, proporcionando, outrossim, o sentimento de capacidade, de ser útil, de atender a família. É oportuna a manifestação de Sennett (2000), quando fala sobre o trabalho, o caráter do trabalhador e de que forma uma situação de fracasso, de derrota, condições essas que geralmente afetam aos presos que estão segregados da liberdade, pode ser minimizada. Portanto, o trabalho e, conseqüentemente, o ganho que dele resulta é dignificante, ocupa a mente e serve de resposta a si próprio e às pessoas com quem se relaciona, principalmente os familiares.

A própria oposição de sucesso e fracasso é uma maneira de evitar aceitar o fracasso. Essa simples divisão sugere que, se temos suficientes indícios de conquistas materiais, não seremos perseguidos por sentimentos de insuficiência ou incompetência [...] (SENNETT, 1999, p. 142).

Portanto, a conquista da dignidade, através do trabalho, é importante na visão do preso. Foucault (1979, p. 133), quando questionado sobre a validade do trabalho penal, disse: “Em sua concepção primitiva o trabalho penal não é o aprendizado deste ou daquele ofício, mas o aprendizado da própria virtude do trabalho”.

Além da ratificação do que já se comentou, anteriormente, sobre a congruência dos posicionamentos dos presos com relação ao que Arendt (2004) define como Labor, o trabalho para o suprimento das necessidades vitais do homem, conforme reforça Braverman (1987, p. 56), quando fala que “[...]o trabalho, como todos os processos vitais e funções do corpo, é uma propriedade inalienável do indivíduo humano”.

4.2.1.5.2 A importância do trabalho como preparo para o retorno à sociedade

- **E 1-** “Ah! sim, com certeza, essas atividades encaminham a gente, pelo menos, pra ressocialização, ajuda a gente a não ficar.... assim porque a gente tendo alguma coisa pra fazer, poder mostrar pra família da gente que a gente tá tendo uma boa intenção pra gente mudá de vida [...]”.
- **E 3-** “Pode, por causa que aqui na casa eu fiz um curso de restauração de livro e restauração de livro é uma atividade, na rua, que não tem muitas pessoas que utilizam [...] lá fora as pessoas que fazem restauração de livro são bastante requisitadas então ajuda a gente aqui dentro, como lá na rua também”.
- **E 5-** “Pode que nem é o caso da serigrafia, o caso do lixamento de jeans, da bicicleta e de outros setores que tem a casa né! e ele pode tá ajudando. Tem o setor de informática, vai profissionalizando o preso de certa forma [...]”.
- **E 6-** “Sim, sim, que nem aqui, eu já cheguei até a conversar com seu Delgado, eu aprendi bordado, eu aprendi muita coisa que eu, por exemplo, se na rua eu sáisse não ia ter profissão, hoje não, hoje eu posso chegar numa fábrica de sacola e falar que eu sei”.

trabalhar, posso chegar numa fábrica de bicicleta e falar eu sei montar uma bicicleta, confiante naquilo que eu aprendi”.

- E 8- “Com certeza, com certeza eu não, porque eu já disse pro senhor que faz poucos dias aí, mas eu se tivesse três ou quatro anos trabalhando num setor, como desse daí, eu teria dado dinheiro pra mim abrir até uma micro-empresa, se eu quisesse lá fora”.

- E 9- “Sim, com certeza, com certeza né! já trabalhei na serigrafia, sei fazer tudo aí, de serigrafia, se eu sair na rua aí, se eu pegar um trabalho de impressor de serigrafia já desempenho o papel [...] a questão da oportunidade lá fora né! chegar lá fora as pessoas acreditar que a gente realmente mudou e quer começar uma nova vida, mas, tem que ter uma oportunidade né?”.

- E 15- “Pode, restaurar livros é interessante, porque livros tem em todo lugar, em todos os lugares tem bibliotecas nas cidades, então foi uma profissão que eu aprendi, que eu posso usar lá fora , desenvolver”.

Nos depoimentos prestados sobressaiu a questão da importância que a remuneração, pelo trabalho, representa para o preso no atendimento de suas necessidades básicas, bem como em relação à ajuda que prestam a seus familiares. Um outro aspecto que merece destaque é o fato de estarem considerando a experiência que adquirem com o trabalho desenvolvido na PEM, como algo importante para o cumprimento dessa proposta que é a de tentar mudar quando do retorno à liberdade. Uma boa síntese sobre isso é o que declara Pastore (2001), em um artigo escrito para o jornal “O Estado de São Paulo”, conforme segue:

Para uma boa parcela dos presos, é desesperador ficar encarcerado, sabendo que sua família está sem renda e passando dificuldades. E que quando sair do presídio cairá num cipóal de problemas que o leva de volta ao crime. São pessoas que se sentem como não tendo nada antes de entrar na prisão e menos ainda quando saem. O desafio para o Estado é saber o que fazer durante o período em que eles ficam presos. O investimento em profissões úteis e contemporâneas é fundamental (PASTORE, 2001).

Tudo isso nos ajuda a compreender que o trabalho oportunizado pela unidade, na opinião da grande maioria, é o que lhes proporciona boas expectativas futuras, é como um passaporte para o reingresso na vida social, após o cumprimento da pena. Essa perspectiva está também atrelada a uma resposta que eles procuram dar a seus familiares, no sentido de que estão empenhados em mudar. Não se pode, entretanto, omitir o fato de que houve algumas considerações sobre o desinteresse pelo trabalho caso não ocorresse a remissão de pena, deixando transparecer que, para alguns, o trabalho não representa fator de mudança.

4.3 AGENTES PENITENCIÁRIOS

Dando continuidade à análise dos dados coletados, mediante entrevista, entram em cena agora as contribuições dos agentes penitenciários, a partir das quais se procurará compreender o que, para esses atores, significa o trabalho remunerado executado por presos e, também, estabelecer uma relação com a revisão da literatura, constante desse trabalho de pesquisa, sobre o assunto.

4.3.1 Sobre o que significa o trabalho do preso e qual a prioridade em viabilizá-lo e pontos positivos e negativos, na perspectiva do Agente Penitenciário

Quando questionados sobre qual o significado do trabalho remunerado que é concedido para os presos e se entendiam isso como prioridade, dentro da unidade penal, apresentaram os seguintes posicionamentos que, a seguir, serão transcritos, não na íntegra, todavia com os trechos que melhor definiram esses aspectos, durante a entrevista.

4.3.1.1 O significado do trabalho para presos, na perspectiva do agente

- E 1- “Seria uma forma de ocupar o tempo que o preso tem [...] ele tanto desenvolve o que ele já sabe como aprende novas coisas”.
- E 2- “Eu acho importante o trabalho para os presos, remunerado, porque é uma forma de ocupar eles, tirar do pátio, a convivência deles no pátio lá entre eles é ruim eles mesmo reclamam né! É só crime, só fala de crime [...] fazer qualquer coisa pra ocupar esse tempo pra não ficar parado lá, né? [...]”
- E 3- “Eu vejo o trabalho como um benefício que ele recebe durante a estada dele, é necessário é importante, porque é uma forma que os presos passam a ver o futuro, diferente daquilo que ele poderia estar na cadeia [...] por outro lado eu vejo com ressalvas porque muitas vezes o trabalho do preso prioriza demais aqui, procura-se dar trabalho de qualquer forma pro preso que acaba a segurança ficando em segundo plano. Eu vejo que o trabalho é importante e necessário desde que não interfira na segurança porque o objetivo principal da unidade, como uma unidade penal, é o preso cumprir a sanção que o poder judiciário impôs a ele, não pra trabalhar mas pra cumprir a pena, o que ele recebe, além disso: trabalho , escola isso aí são benefícios porque se não tiver condição de ofertar pra ele não vai ter, desde que não interfira na segurança, acho que é importante”.
- E 4- “Bom, eu acho que o trabalho remunerado pro preso, na realidade não é muito interessante o que ele ganha de rendimento e sim pra ele o mais interessante é que ele trabalhando ele consegue, a cada três dias, reduzir a pena dele. [...]”
- E 5- “Bem, desenvolvendo a função de agente penitenciário, quando o preso tá trabalhando, tá ganhando pra isso ele se preocupa, principalmente, com a família dele porque ele

sabe que vai ganhar o seu no final do mês ou na data prevista e quando ele receber aquele dinheiro ele é um preso bem mais tranquilo pra nós [...] e esse preso que tem essa remuneração, com certeza, pra nós, na nossa função, ele é um preso que não vai oferecer risco, digo perigo, porque ele estará com a mente ocupada”.

- **E 6-** “Bom, o trabalho do preso, remunerado, no meu ponto de vista é apenas um incentivo, a mais pra ele, por ele já ter um incentivo da remissão de pena que é o que diz a Lei de Execuções Penais [...]”.
- **E 7-** “Significa uma coisa positiva dentro do sistema, né? Todo mundo trabalha remunerado, não é o preso que não vai trabalhar [...] conforme o valor da remuneração é o valor do empenho deles também, no serviço, então eu acho que é válido de todo tipo”.
- **E 8-** “[...] O trabalho ele ajuda muito na segurança, que é a grande visão, porque a partir do momento que ele está trabalhando, eles saem do pátio, que é o local onde ficam os presos que não têm uma função e teria mais tempo pra se preocupar com usar drogas, discussões, brincadeiras de mal gosto entre os presos. [...] o ponto positivo é que tira ele da ociosidade, o segundo é que com trabalho o dia passa mais rápido, o cumprimento da pena se torna mais leve [...]”.

Ao avaliar as declarações dos agentes, sobre o significado do trabalho para presos, verificou-se, como posicionamentos predominantes, duas questões principais, quais sejam: a primeira corresponde à necessidade do trabalho como elemento regulador de tensões dentro da prisão, à medida que ocupa o tempo do preso e auxilia a manter os bons níveis de segurança na Unidade Penal, e a segunda, como forma de auxílio financeiro e remissão da pena pelo trabalho.

É patente que a vinculação do trabalho ao preso serve, principalmente, na perspectiva de boa parte dos entrevistados desse grupo, como elemento acessório para a manutenção de adequados níveis de segurança na unidade penal e facilitador da função do agente penitenciário. Esta é uma realidade pouco animadora ao se pensar na proposta de ressocialização do preso através do trabalho, pois torna frágil a figura do agente penitenciário também como educador nesse processo, em razão de sua visão sobre o assunto. Harman e Hormann (1997, p. 192), quando discutem sobre o trabalho dotado de propósito, acrescentam: “O trabalho pode ser o modo como as pessoas encontram sentido para as suas vidas [...] Talvez o trabalho alcance seu significado máximo quando a pessoa sentir que está fazendo uma valiosa contribuição para a sociedade”. A realidade apresentada torna remota a possibilidade que o agente seja um aliado ao processo de ressocialização, pelo trabalho, pois faz prevalecer o que entendem ser o objetivo do trabalho para o preso dentro da unidade, e isso é claramente perceptível quando o E 3 afirma que a prioridade não seria o preso trabalhar e, sim, cumprir a pena que lhe foi imposta e contribuir para a segurança da unidade.

4.3.1.2 A prioridade em se conceder trabalho para o preso

- **E 1-** “[...] Dentro do sistema penitenciário, principalmente aqui na PEM, eu digo que ele estaria em primeiro, acompanhado juntamente, não em primeiro nem em segundo a educação que seria a escola e acompanharia junto esta questão do trabalho [...] a prioridade, a prioridade em si é a recuperação do preso e o canteiro de trabalho tá incluso nessa recuperação”.
- **E 2-** “Como eu disse na primeira, eu acho que trabalhando vai ocupar a cabeça deles [...] Seria essencial que todos trabalhassem para evitar que fique sempre batendo nessa coisa, sempre planejando alguma coisa, sempre essas idéias negativas. A gente sempre vê que a conversa deles gira em torno disso aí, então trabalhando a cabeça, melhora”.

- E 3- “O trabalho pro preso fica em segundo plano, até mesmo porque o trabalho não é todo o preso que procura o trabalho, não é todo o preso que tem acesso ao trabalho.[...] desde que ele tenha o essencial que é a alimentação, condição de saúde, higiene, escola é importante, o atendimento médico, psicológico tudo que a lei disse que ele tem direito então daí depois o trabalho [...]”.

- E 4- “[...] a pessoa trabalhando ela vai se interessar mais, não vai ficar pensando em algumas atividades fora, em querer fugir, querer fazer qualquer outra coisa ele trabalhando, empenhando naquele serviço que ele faz, ele trabalha e rende bem também”.

- E 5- “[...] o preso ocupado a mentalidade dele estará voltada para outros segmentos, se todos os presos tiverem oportunidade de trabalho, com certeza, o nosso trabalho será reduzido bastante, não tô reduzindo nosso zelo, o nosso cuidado, mas sabendo que eles estando trabalhando a preocupação deles será outra”.

- E 6- “A prioridade inicial, eu acho que seja as condições pra que ele cumpra a pena dele de forma digna [...] se o trabalho ajuda nisso eu acho que tem que ter o trabalho como um complemento [...]”.

- E 7- “Tem coisa mais importante, educação escolar, até prática de esporte, lazer eu acho que aqui dentro da unidade vem antes do trabalho”.

- E 8- “Acho que o trabalho para todos é uma obrigação, chegou na unidade penal já se olha os trabalhos que têm [...] o trabalho é uma obrigação”.

Com relação a esse ponto, mais uma vez, houve uma forte vinculação à questão da manutenção da segurança e remissão de pena, através do trabalho do preso. Em um segundo momento, surgiram algumas manifestações sobre existirem coisas mais importantes, para o preso, do que o trabalho dentro da Unidade. Um terceiro ponto, com apenas uma manifestação, fala sobre o trabalho como forma de dar-lhe condições para que cumpra sua pena de forma digna. Fica, aqui, todavia, mais uma vez referendada a condição do trabalho, executado pelo preso, como ferramenta para o alcance de objetivos instrumentais direcionados ao bom funcionamento da unidade e não como investimento à proposta de ressocialização.

4.3.1.3 Os pontos positivos e os negativos que o trabalho dos presos proporciona à PEM

- E 1- “Ponto positivo ajuda na pressão psicológica dele, recuperação, a questão da valorização do meio material que tá tendo é um serviço remunerado [...] o trabalho dentro do sistema ele vai refletir como se fosse, além da reeducação o interno estaria mostrando que ele não é simplesmente um preso, ele é um ser humano, ele estuda, ele tem condição de trabalhar [...] o ser humano ele tem que trabalhar ele tem que ter um objetivo, além de ir embora ir sabendo alguma coisa, levar algum dinheiro que ele ganha [...]. De forma negativa que poderia acrescentar nisso aí é a necessidade do uso de ferramentas em determinados setores [...]”.
- E 2- “Negativo, a parte física parece que não comporta o canteiro de trabalho, sempre tem que abrir um canteiro de trabalho parece que tem que improvisar é meio improvisado a coisa lá né? [...]”.
- E 3- “Eu acho que o positivo é o preso tá sendo reconhecido, o comportamento dele dentro da penitenciária, desde quando o momento que ele recebe o trabalho ele passa a se comportar melhor, isso a maioria, não todos, tem as exceções né? O preso também

ganha um dinheirinho e ele pode ajudar a família dele, pode comprar as necessidades básicas sem depender da família [...]. Por outro lado, tem a questão que, às vezes, determinados canteiros de trabalho, tem preso que sai lá fora pra cortar ou tem que trabalhar com ferramentas perigosas, coisa que fica transitando dentro da cadeia, serrando, cortando coisas que podem interferir na segurança né? [...]”.

- E 4- “Positivo, ocupa o preso e quando ele é ocupado com o trabalho ele se torna mais, muito mais, recíproco a qualquer outra informação [...], e o inconveniente da segurança e que há setores perigosos que contêm chaves, muitas ferramentas que eles podem usar ou fazer alguma também, tentar ludibriar o guarda isso é negativo [...]”.

- E 6- “Eu não vejo, hoje, pontos negativos [...] quanto mais presos estiverem trabalhando, melhor é pra unidade e dentro disso é melhor para o preso também, que tem a oportunidade de desenvolver uma ocupação, um trabalho que pode tá exercendo lá fora também, então, tudo isso só ajuda a unidade, os agentes, o corpo técnico e também o preso”.

- E 7- “[...] às vezes a segurança enfraquece nesse setor, as vezes chegam três, quatro carros, automóveis, desses aí de empresa, tudo no mesmo tempo e tem que ser revistado, falta funcionário, a revista não é feita direito, como deveria ser feita, o próprio funcionário da empresa, que vem, começa a ter uma intimidade com o pessoal de dentro, entendeu? Já não passa por procedimento que deveria que passar, pega confiança, vai conquistando... então são os pontos negativos que eu acho”.

No momento em que foram solicitados a falar sobre os prós e os contras, com respeito ao trabalho de presos, na PEM, conforme podem ser verificados os discursos apresentados, as manifestações que obtiveram o maior número de ocorrências foram as seguintes: em primeiro lugar, sobre os pontos positivos, evidenciou-se o fato do comportamento tranquilo dos presos que trabalham e, em seguida, a questão do ganho financeiro do preso. Algumas referências

sobre os pontos, a auto-estima e profissionalização do preso apareceram de forma bastante discreta. Sobre os pontos negativos, apontou-se, com certa intensidade, o sentimento de vulnerabilidade na segurança, pela presença de ferramentas nos canteiros de trabalho. Somente um dos entrevistados, o E2, mencionou o espaço físico como uma limitante, ou ponto negativo.

Mais uma vez, os agentes avaliam a situação do trabalho do preso, na Unidade, como um elemento que contribui, de uma forma ou de outra, com a manutenção de bons níveis de segurança e mais nada especificamente.

4.3.2 Sobre a atividade do agente penitenciário e o trabalho do preso

Dando continuidade à entrevista com os agentes penitenciários, esses foram indagados, em termos gerais, sobre até que ponto entendem o acompanhamento do trabalho do preso, como atividade essencial, se eles estariam fazendo algo além de suas obrigações funcionais, e se a ausência desse trabalho causaria algum transtorno à função do agente. A esse respeito, emitiram os seguintes posicionamentos:

4.3.2.1 Acompanhar o trabalho do preso como atividade essencial do agente penitenciário

- E 1- “Sim, uma vez que a principal função de um agente penitenciário é a reeducação dele, preparar ele... que eu na minha opinião não seria uma reeducação, seria uma educação né? E o trabalho, ele vai fazer parte do retorno dele pra vida social, ele vai servir eternamente”.

- E 2-“Não! essencial não, acho secundário, eu acho que a função nossa, é segurança mesmo, né! pra ter cuidado com andamento do trabalho, da disciplina deles mesmo, no trabalho, isso que eu considero essencial”.
- E 3- “Sim, sim porque na verdade o trabalho que eu vejo do agente penitenciário é fazer com que a unidade esteja em segurança pra que as pessoas façam o trabalho, assistente social, médico, professor e o nosso trabalho é a segurança, se o preso tá trabalhando, então cuidar dentro do canteiro de trabalho, mesmo que a contra-gosto tem que fazer da mesma forma que eu vou acompanhar ele no atendimento médico, transporte, escola, não vejo diferença não, é o trabalho do agente”.
- E 4-“É interessante o acompanhamento porque o agente, na realidade, não cuida só da segurança em si, é como um elo, ele trabalhando e você acompanhando o serviço dele sabendo o que ele faz e tal! [...]”.
- E 5-“Bem, eu na formação que eu tive, acadêmica, eu questiono muito em relação a esse acompanhamento do agente penitenciário [...] eu acredito que não, porque nós temos várias funções agora, se o preso tá trabalhando, se ele é remunerado, se ele não é remunerado, pra quem eles estão trabalhando, fazendo isso ou aquilo, se é canteiro da própria unidade, se é canteiro extra pra nós, é indiferente”.
- E 6-“Na verdade a atividade essencial do agente penitenciário é cuidar da manutenção interna da penitenciária, da área de segurança interna e se o trabalho do preso faz parte disso, acredito que ela é parte da atividade essencial do agente [...]”.
- E 7-“Eu acho o agente penitenciário, ele tem que acompanhar o trabalho do preso porque ele tem que ver qual preso está se dedicando realmente no serviço e qual preso está lá

só pra ganhar remissão, sem trabalhar, então eu acho muito necessário isso, é uma atividade essencial”.

- E 8-“É essencial o acompanhamento, porque você tem que ver se tá desempenhando a função, muitos que não vão pro canteiro de trabalho e ficam só enrolando. O trabalho, dentro da unidade penal, traz segurança, a partir do momento que tá no trabalho retira ele da ociosidade [...] teria que o Estado tomar uma atitude e dar emprego pra todos... ninguém no pátio”.

Quando indagados sobre essa questão, apenas um dos entrevistados, o E 1, entendeu ser o acompanhamento do preso, no trabalho, uma atividade de importância para o agente, vislumbrando o fato de que com isso estará contribuindo para a reeducação do preso e seu retorno à sociedade. A grande maioria avaliou essa atividade, às vezes, como essencial, todavia, para justificar o fato de que isso é feito em prol da segurança, a partir da maior facilidade em se controlar os presos. Esse entendimento pode ser exemplificado com a fala do E 2, dentre vários outros, quando exprime sua posição em relação a não ser um trabalho essencial do agente a fiscalização e o acompanhamento dos presos nos canteiros de trabalho.

4.3.3 A ausência de trabalho para o preso e a repercussão para a atividade do agente na unidade penal

- E 1-“Sim, uma vez sendo distribuído em vários setores de trabalho [...] eles não estão reunido tudo no mesmo local, na ociosidade [...] Uma vez que a recuperação do interno se torna maior dentro de um canteiro de trabalho, é viável”.

- E 2-“Causaria, se não tivesse trabalho aqui dentro, o clima seria bem pior, seria bem mais carregado, eles cresceriam, seria mais difícil lidar com eles né? [...]”.
- E 3-“Sim, porque desde quando o preso não tá desenvolvendo uma atividade [...] a ausência de trabalho é ruim por que o preso fica aí... ele tem tempo pra pensar em fazer as coisas. [...]”.
- E 4-“Com certeza, porque preso ele não tando trabalhando ele fica no pátio, ele conversa, ele troca idéias, fica arquitetando alguma coisa [...] fica ocioso, geralmente leva a fazer intrigas, conversas vazias”.
- E 5-“ Sem dúvida, isso aí e sem dúvida como uma seqüência do que eu já disse, o preso ocupado, com certeza, a mentalidade dele estará voltada pra outra coisa”.
- E 6-“Eu acredito que não. Não causa nenhum tipo, a atividade do preso, ela não tem que ser, necessariamente, remunerada pois a própria Lei de Execuções Penais já garante a ele uma diminuição de sua pena, a cada três dias trabalhados um incentivo [...]. Se não tivesse trabalho aí poderia trazer transtorno, porque eles teriam um tempo ocioso, muito maior e uma massa carcerária sem uma atividade laborativa, qualquer atividade que possa ocupar o seu tempo, pode abrir margem pra outras coisas, isso pode pôr em risco a segurança, com certeza”.
- E 7-“Ah! com certeza o fato do preso não tá trabalhando ele automaticamente estaria lá no pátio, sem fazer nada, só pensando besteira né?[...] então seria mais difícil”.

Sobre essa questão da ausência de trabalho para o preso e como isso influenciaria na atividade do agente penitenciário, com exceção do E 1 que, seguindo uma linha de coerência ao tema anterior, reafirmou o acompanhamento do trabalho do preso como atividade essencial do agente, voltou a demonstrar ser favorável à presença do trabalho prisional, vinculando-o ao processo de recuperação do preso. Os demais respondentes, quase totalidade dos agentes entrevistados, concordam com a presença do trabalho, entretanto como elemento apaziguador das tensões existentes no ambiente prisional. Sua ausência, conseqüentemente, demandaria um trabalho mais intenso, por parte do agente.

4.3.4 O trabalho do preso e as obrigações funcionais dos agentes

- E 1-“[...] entrou da porta da penitenciária pra dentro, todos são responsáveis iguais, todos têm a mesma finalidade de mandar esses internos pra rua com a mínima capacidade necessária dele desenvolver seu projeto de vida lá fora, entre ele estar no pátio e ele estar no setor, como eu já disse antes, o tratamento dele é o mesmo, a segurança tem que ser a mesma, então ele não traz maiores problemas não é necessário maior empenho do funcionário, então simplesmente a função e o empenho que ele tem é estar de prontidão para trabalhar da hora que ele entra portão pra dentro [...]”.
- E 2-“Na minha opinião não, acaba sendo parte do serviço, acaba sendo uma função nossa ali de acompanhar, a gente sempre tá acompanhando né? tá no pátio ou não, eu acho que não muda, não altera nada”.
- E 3-“Não, o trabalho nosso é a segurança tem que cuidar do preso de qualquer forma, não é verdade? [...] o preso trabalhando é mais fácil de você lidar com ele, porque ele passa a ter um comportamento mais disciplinado [...]. O trabalho é importante desde que ele não interfira na questão da segurança.[...]”.

- E 4-“Ah! sim [...] a gente tem que trabalhar em cima dele também, ter uma meta de produção do trabalho dele porque não adianta só dar o serviço e fazer, tipo assim, com remuneração ele se empenha mais e a gente também se empenha mais, pra ele produzir também e se beneficiar com isso”.
- E 5-“De maneira alguma, o agente penitenciário, ele tem a obrigação com o cumprimento em manter o preso em atividade, mantê-lo ali na ordem, no trabalho [...] se tiver um funcionário que partir pra esse lado aí ele, com certeza, não está honrando o colete que ele veste [...]”.
- E 6-“Não, eu acredito que não, a nossa atividade ela se dá em torno do que eu já falei anteriormente, se dá em torno de cuidar de um todo, de toda estrutura de uma segurança da unidade [...]”.
- E 7-“Sim, isso que eu acabei de dizer, ele vai ter que revistar aquele material que chega, vai ter..., se tiver ferramenta vai ter que conferir, ele exige mais do funcionário, né? [...]”.

Para os agentes entrevistados, o que predominou, sobre o trabalho dos presos e as obrigações funcionais do agente penitenciário, foi o entendimento de que o acompanhamento do trabalho do preso não consiste em algo além do que cabe ao agente. Todavia existe uma forte tendência em se vincular ou incorporar essa atividade como algo que é realizado visando os objetivos de segurança. Ocorreram também, de forma mais discreta, algumas declarações que contemplam a idéia de que o trabalho do preso exige uma dedicação maior, por parte do agente, tanto em relação à idéia de controle das atividades do preso, nos canteiros, como também com respeito às medidas de segurança que consideram necessárias para viabilizar o trabalho prisional.

Tudo o que se ouviu dos agentes penitenciários, em relação às suas atividades e o entendimento sobre o significado e a importância do trabalho prisional, parece convergir para um certo conformismo sobre a existência do trabalho do preso, todavia como algo necessário e implícito aos objetivos da unidade prisional em prol da segurança. Quando Goffman (1974) discute sobre o mundo da equipe dirigente de uma instituição total (que inclui as unidades prisionais) contempla algumas contradições que normalmente ocorrem quanto aos objetivos que são declarados e aqueles efetivamente são perseguidos:

Quase sempre, muitas instituições totais parecem funcionar apenas como depósitos de internados [...] usualmente se apresentam ao público como organizações racionais, conscientemente planejadas como máquinas eficientes para atingir determinadas finalidades oficialmente confessadas e aprovadas. Já se sugeriu também que um freqüente objetivo oficial é a reforma dos internados na direção de algum padrão ideal. Esta contradição, entre o que a instituição realmente faz e aquilo que oficialmente deve dizer que faz, constitui o contexto básico da atividade diária da equipe de dirigente (GOFFMAN, 1974, p. 69-70).

Além disso, as manifestações dos agentes penitenciários, concernentes ao trabalho do preso, exteriorizam o entendimento desse grupo sobre ser essa atividade de trabalho exercida pelo preso uma das atividades fundamentais da existência do homem, que, conforme Arendt (2004), denomina-se Labor e cuja essência traduz-se na luta do homem pela sobrevivência.

4.4 TÉCNICOS

A análise dos dados coletados agora estará por conta das entrevistas realizadas com alguns membros da equipe técnica da PEM (psicólogos, assistentes sociais e pedagoga). Da mesma forma, os aspectos que foram avaliados dizem respeito às visões que esses atores possuem sobre o trabalho remunerado executado por presos e a partir dessas visões estabeleceram-se algumas relações com o arcabouço teórico, constante desse trabalho de pesquisa.

4.4.1 Sobre o que significa o trabalho do preso, de que forma atende aos objetivos da Instituição, dos técnicos e da direção, perspectivas e limitações do trabalho na unidade prisional

Em relação aos técnicos da Unidade (psicólogos, assistentes sociais e pedagoga), além da busca de como eles entendem o trabalho remunerado exercido pelos presos, dentro da Unidade, procurou-se, também, extrair desses profissionais suas posturas sobre a importância do trabalho para o processo de ressocialização. Nesse contexto, encontram-se ainda entrelaçadas as perspectivas, as limitações, dentre outros aspectos, sobre a realidade em que estão inseridos, que contribuíram na construção das visões, desses atores, sobre o assunto. A seguir, estarão alguns trechos das entrevistas realizadas, foco das respectivas análises:

4.4.1.1 O significado do trabalho para presos, na perspectiva dos psicólogos

E 1- “Bom, na minha área né? em se tratando da psicologia, a importância de uma atividade de trabalho é justamente o que poderia pensar, como é que nós nos reconhecemos como ser humano, naquilo que nós desenvolvemos, nossas capacidades, nossos desafios, então o que a gente aprende, o que a gente conquista e o trabalho é uma das formas que nós temos de reconhecimento social [...] além dele estar socializando com o grupo com o qual ele trabalha né? [...]”.

E 2- “Eu acredito que o trabalho é um forte meio de ressocialização pro preso né? [...] e vejo o trabalho, mais que um meio de ocupação, acho que é uma coisa importante manter a pessoa ocupada é a maneira dele desenvolver e aprender uma nova função, de saber pertencer a um grupo né? [...] eu acho que a importância do trabalho é realmente essa, aprender um ofício, também aprender a convivência, de participar e ter responsabilidade uns com os outros em função de um objetivo comum. [...]”.

Isso combina com o que discute Lobato (2003, p.44) sobre o significado do trabalho, especialmente quando comenta que “[...] é pelo trabalho que se efetua a mediação entre o indivíduo e a sociedade [...] ao se analisar a questão do significado do trabalho, deve-se enfatizar seu papel no provimento da subsistência e no preenchimento de necessidades psicológicas de cada pessoa [...]”.

Da mesma forma, esses posicionamentos oriundos dos psicólogos da unidade apresentam coerência à realidade discutida por Pastore (2002), quando afirma: “É verdade que treinar presidiários é uma tarefa complexa e onerosa, mas é o que funciona. O exercício voluntário de atividades profissionais bem apreendidas tem um efeito positivo na psicologia dos presos: Eles ficam mais seguros para enfrentar um mercado de trabalho que muda a cada dia”.

4.4.1.2 O significado do trabalho para presos, na perspectiva das assistentes sociais

E 3- “Além do trabalho ser considerado como remissão de pena ele também é importante na formação da pessoa para o ingresso no mercado de trabalho”.

E 4- “A importância, junto a família, principalmente da área social é a contribuição que eles dão, na ajuda de custo né? na assistência aos filhos, a sua profissionalização, a ocupação, a disciplina, horário que eles tem que respeitar”.

4.4.1.3 O significado do trabalho para presos, na perspectiva da pedagoga

E 5- “Faz parte da ressocialização do preso [...] no trabalho ele começa a aprender disciplina, horário, ter normas e também aqui, na nossa penitenciária, como todos sabem o que se fala é que o preso não deve trabalhar sem o ganho [...]”.

Iniciando as considerações sobre o que representa o trabalho entre os técnicos responsáveis pelo tratamento penal, na unidade, o que inicialmente pode-se verificar é que os psicólogos, em seus depoimentos, deixaram bem claro que a concessão de trabalho para os presos representa algo mais do que as conquistas materiais.

No que tange aos demais técnicos entrevistados (assistentes sociais e pedagoga), o que ficou referenciado foi que, para os assistentes sociais, a questão da importância do trabalho está relacionada com ocupação, profissionalização e assistência à família. No caso da pedagoga, ficou claro que a importância que atribui ao trabalho está relacionada aos ganhos financeiros, disciplina e aprendizado que acabem por contribuir no processo de ressocialização.

Os discursos colhidos dos assistentes sociais e pedagoga deixam transparecer que eles entendem a necessidade de trabalho, para o preso, como forma de se profissionalizarem e reunirem condições mais favoráveis de, futuramente, quando em liberdade, ingressarem no mercado de trabalho. Além disso, proclamam, com a mesma ênfase, que os ganhos financeiros resultantes do trabalho têm um papel decisivo no atendimento às necessidades dos presos e de seus familiares. Nesse sentido, Pastore (2002) referencia positivamente, ainda falando sobre o trabalho prisional, que

[...] isso tem um efeito psicológico valioso. Para uma grande parte dos presos, é desesperador ficar encarcerado, sabendo que suas famílias estão sem renda e passando dificuldades. E que, quando sair do presídio, cairão num cipoal de problemas que os levarão de volta ao crime. Para eles, passar alguma renda à família tem efeitos muito positivos [...].

4.4.1.4 A ausência de trabalho, para o preso, e a repercussão na atividade do técnico e para os objetivos da unidade penal

E 1- “[...] uma filosofia de que o preso tem que receber atividades de trabalho e escola para seu próprio desenvolvimento né! eu acho que nesse sentido o trabalho vem atingir esse objetivo de uma instituição penal, que haja uma atividade vista como

ressocializadora, como atividade que vai é levar esse sujeito a uma inclusão social futura [...] ele tem um resgate de sua função social na medida que ele tem um trabalho e luta por ele, pela sua permanência nesse local, isso pode proporcionar uma mudança até na posição subjetiva dele [...]”.

E 2- “[...] manter o preso em atividade dá oportunidade pra ele, nesse convívio grupal, dele mesmo se experimentar em relação às responsabilidades no horário, responsabilidade com a tarefa, responsabilidade com o grupo que ele pertence. [...] o trabalho ajuda muito a pessoa se sentir valorizada, ter um objetivo, por esses longos anos que, às vezes, tem que passar dentro do sistema penitenciário [...]”.

E 3 –“Bom, na PEM, eu acredito que ele atenda na medida que ele contribui pro próprio sustento e manutenção do preso né? [...] como técnico responsável, eu acho que esses três fatores também suavizam a permanência do preso aqui, porque contribuindo no orçamento familiar da família, vai fazer com que amenize seus problemas então, pra nós aqui, é imprescindível o trabalho do preso, pena que não é feito pra todos né?”.

E 4- “[...] a disciplina e se dê oportunidade a ele na sua comunidade de origem”.

E 5- “[...] tá faltando muita coisa, infelizmente a estrutura física não permite trabalho que a gente deveria ter, é eu particularmente gostaria que os presos tivessem mais trabalho [...] o Estado deveria começar a pensar no sentido de trabalhar com os presos, através do trabalho do Estado mesmo”.

E 1- “Eu creio que sim né? se a gente fosse pensar assim, este contingente enorme de presos tivesse o tempo inteiro ociosos acho que isso mudaria bastante a característica de nossa instituição eu acho que os problemas disciplinares seriam muito mais freqüentes, o nosso trabalho técnico, com ele, eu acho que ficaria um pouco mais

esvaziado sabe... eu acho que seria um grande inconveniente pra gente aqui, se não tivesse trabalho pro preso, com certeza”.

E 2- “Eu acredito que sim, eu acho que a falta de trabalho, eu acho que tem até um jargão social de que o “o trabalho dignifica o homem”, se nós pegarmos isso no âmbito da psicologia, o trabalho está diretamente ligado à pessoa se sentir valorizada né! eu tenho um objetivo, eu tenho uma função, eu tenho um valor e é a medida que a pessoa fica confinada a um campo de trabalho de atividades sem responsabilidade, eu acho que isso dá um sentido inverso, a pessoa pára de se sentir útil pra alguma coisa e a tendência dela se envolver num grupo de coisas ilícitas são muito maiores, enquanto o trabalho ajuda desviar a atenção pra uma coisa produtiva, pessoal e socialmente, pra nós técnicos, eu acredito que o trabalho e o estudo que a PEM proporciona pro preso é fundamental [...]”.

E 3- “[...] acho que o preso que não desenvolve uma atividade laborterápica ele é mais agitado, ele é um preso que fica mais agoniado, é um preso que não tem tanta auto-estima, ele perde sua auto-estima enfim, ele não é valorizado, ele passa a ocupar parte do seu tempo com pensamentos assim..voltados pro mundo do crime [...]”.

E 4-“Não entendemos como inconveniente, mas o preso ficaria mais... solicitaria mais atendimento, ficaria ocioso, dentro de seu cubículo, dentro de seu xadrez então entendemos que ele ocupado traz mais crescimento e ajudaria no trabalho técnico, também”.

E 5- “Eu acho que não é só do técnico né! causaria um problema pra comunidade toda, porque nós falamos do trabalho escravo eu acho que o mínimo que se deve dar é condição digna pro preso [...] ele vai começar ver que a família tá lá fora precisando de apoio e pouco que ele manda é muito pra ele, ele sente que tá inserido, de certa forma, na família e ele também vai poder comprar alguma coisa pra ele.[...]”.

Na fase da entrevista, em que o assunto era a ausência de trabalho para o preso e como isso influenciaria na atividade do técnico e no alcance dos objetivos da unidade penal, os pontos foram os seguintes:

Para os psicólogos, a ausência de trabalho prejudicaria em face desse contribuir com o processo de ressocialização e inclusão social. Apontam, também, para a importância do trabalho como uma forma de facilitar o convívio em grupo e fazer o preso sentir-se valorizado. Acrescentam ainda que o preso sem ocupação seria um grande inconveniente e um provável aumento de problemas disciplinares e isso, conseqüentemente, tornaria o trabalho do técnico bem mais difícil.

Os assistentes sociais, mais uma vez, deram certa notoriedade ao trabalho, enquanto responsável pelos ganhos materiais que proporcionam aos presos e a seus familiares, auxiliando-os, assim, a abrandar os problemas que enfrentam com a prisão. Acrescentam ainda que o trabalho é um elemento moderador das tensões emocionais, que são naturais em pessoas que perdem a liberdade.

No caso da pedagoga, o importante seria aumentar a possibilidade de trabalho para os presos, além da importância de poder ajudar no sustento próprio e de seus familiares.

A importância que é atribuída à necessidade de ocupação do preso, como meio de sustento e possibilidade de inclusão social e ressocialização, encontra em Cattani (1996) a seguinte consideração que pode contribuir para o entendimento do que pode ocorrer com a falta de ocupação para o preso:

O desempregado interioriza sua fragilidade, considerando-se responsável pelo fracasso pessoal. Frustrado por não contribuir e nem usufruir do mundo de riquezas e ostentação, ele se considera, ao mesmo tempo, vítima de uma injustiça indefinida, não identificada com a organização política e econômica. Pode-se falar de uma espécie de 'amnésia do social e do político'. Poucos meses de precariedade ou de desemprego são suficientes para apagar os registros dos valores, das práticas, dos engajamentos e da dignidade anteriores (CATTANI, 1996, p. 76).

Independentemente da diversidade de pontos que foram elencados pelos técnicos, sobre o que significa o trabalho para o preso, é de consenso que a sua ausência, dentro da unidade penal, não seria bem vinda e causaria transtornos à consecução dos objetivos propostos em torno da preparação do preso para o retorno à sociedade.

4.4.1.5 *Os pontos positivos e os negativos que resultam das atividades de trabalho que os presos realizam na PEM*

E 1- “O que poderia ser negativo nessa atividade de trabalho, não sei se é algo negativo, talvez o tipo de atividade que é realizado que são as vezes atividades muito simples que ocupa muito pouco tempo do preso, depende muito da atividade em si daí, não atividade, a gente não pode generalizar, mas algumas atividades de trabalho específicas é, talvez exige muito pouco do preso, da habilidade, das suas capacidades, de alguma maneira acho que isso diminui um pouco, sabe? a capacidade de realização do preso, agora acho que em outros setores, pelo contrário, são atividades que assim, que melhoram a auto-estima do preso, né? a mente se constitui em situações bastante desafiadoras pra ele, fazem refletir sobre a função social, faz a gente ver aí o trabalho de restauração de livro, o trabalho como o braile, acho que são trabalhos em que os próprios presos podem ver a importância desse trabalho para o social [...]”.

E 2- “Positivo, é justamente isso né? eu acho que a firmeza do tripé família, trabalho, atendimento e estudo que já é mais um item, esses somados acho que juntam, justamente nisso daí, a integração da pessoa, ele como um todo nessas partes todas que fazem parte da gente, eu acredito que pode acontecer no trabalho. O que eu acho errado é a pessoa usar o trabalho como um tipo de moeda, o dinheiro que ganha, o *status* que a gente pode dar a uma determinada liderança dentro de um grupo, num grupo de trabalho e a pessoa usar mal essa liderança, então eu acho que isso pode ser um aspecto negativo [...]. A gente teve muitas situações de presos que tiveram um trabalho e usaram o trabalho de uma maneira errada, teve que ser afastado, por disciplina, por não cumprir a regra e isto é uma boa pista pra nós das pessoas que tão, mais ou menos, preparadas para se socializar né?”.

E 3- “Bom, eu só vejo pontos positivos, olha talvez o único ponto negativo, lembrei, seria o fato de nós não conseguirmos empregar todos os presos, isso é negativo, nós só temos, que eu saiba, em torno de 55 a 60%, no máximo, de pessoas empregadas [...]

os pontos positivos é, eu acho assim, seria a facilidade pra gente trabalhar com o preso, porque o preso produzindo é um preso que você tem mais diálogo, é um preso que consegue refletir. Outro ponto positivo seria a própria formação dele pro ingresso no trabalho [...]. Outro ponto positivo é a auto-estima dele como pessoa, ele se sentir útil, então seria a auto-estima dele”.

E 4- “Quanto aos pontos positivos, já foram apontados, a disciplina, a contribuição junto a família. Entendemos que os negativos seria algum tipo de envolvimento no canteiro de trabalho, utilizasse algum material para fazer estoque ou usá-los de outra maneira não devida”.

E 5- “O que eu já falei né! eu acho assim, enquanto nós temos empresas conveniadas, é bom porque a gente trabalha com presos, mas ao mesmo tempo essa empresa, ele poderia estar dando um emprego pro homem lá fora, pra que amanhã ele não ocupe espaço aqui, né! então, nesse ponto, eu vejo como negativo. Positivo, enquanto tem uma ocupação, o preso, uma profissionalização que lá fora ele pode aproveitar... nós temos empresários que já tão fazendo a colocação do preso na empresa [...]”.

No que concerne aos pontos positivos e negativos resultantes das atividades de trabalho realizadas pelos presos na PEM, o que apontaram os psicólogos, como pontos positivos, foi o resgate da função social, melhora na auto-estima e elemento de ajuda no processo de reintegração do preso; como pontos negativos, o uso do trabalho como moeda de troca, o ganho financeiro e o *status* (por estar ocupando uma posição não disponível para todos), como forma de pressão e também a ocupação do preso com trabalhos sem importância que exigem muito pouco de seu comprometimento.

Já as assistentes sociais, sobre esse aspecto, indicaram como pontos positivos a maior facilidade de diálogo com o preso, poder contribuir, materialmente, com a família e estar se preparando para o reingresso na sociedade; e como pontos negativos, o fato de não haver trabalho para todos e a presença de ferramentas nos canteiros de trabalho, que acaba por trazer preocupações.

A pedagoga da unidade apontou a ocupação e a profissionalização como pontos positivos, e o negativo ficou por conta da situação das empresas que empregam presos e acabam diminuindo a possibilidade de trabalho para quem está lá fora, em liberdade.

Como podem ser constatados, os pontos positivos apresentados pelos técnicos entrevistados indicam que o trabalho pode melhorar a auto-estima do preso, eliminar os maus efeitos da ociosidade, profissionalizar e propiciar-lhes melhores condições de retorno ao convívio social. Em sua concepção sobre o trabalho, Castel (1998) demonstra uma certa cumplicidade com a realidade que envolve o trabalho do preso, quando declara:

O trabalho é reconhecido como a fonte da riqueza social [...] Tem suas raízes na maldição bíblica, e a condenação da ociosidade é uma constante de toda a pregação religiosa e moral, pelo menos para os que dependem desse tipo de trabalho que, literalmente, ‘faz suar’ – ‘ganharás teu pão com o suor de teu rosto’ – o trabalho manual. [...] a obrigação do trabalho é a única maneira pela qual podem pagar sua dívida social todos os que não possuem nada além da força de seus braços (CASTEL, 1998, p. 226).

Em relação aos pontos negativos, foram pontuadas, dentre outras questões, a atribuição de trabalhos de pouca importância, que não envolvem o presos; a inexistência de trabalho para todos; e a sensação de insegurança com a presença de canteiros de trabalho que exijam ferramentas diversas para o seu funcionamento.

4.4.1.6 As limitações na concessão do trabalho para presos, na PEM

E 1- Acho que a primeira coisa é a falta de espaço apropriado para isso né! e isso já se discutiu tantas vezes por aqui, parece que as prisões, pelo menos a nossa, não foi construída com essa preocupação que tivesse um lugar adequado [...] muitos trabalhos não podem ser desenvolvidos, equipamentos e maquinários que podem vulnerar a segurança trazendo certa periculosidade para canteiros na prisão. Então eu acho que isso acaba muitas vezes restringindo esse campo de trabalho pra eles [...]”.

E 2- “Eu acho que nós vemos na penitenciária, à principio, a questão de limitação física de locais adequados, pra trabalhos adequados, protegidos pelas normas de segurança e da segurança não só disciplinar mas da segurança de exercer as atividades em si.[...]”.

E 3- “Bom, a primeira coisa eu acredito que seja o espaço físico aqui [...] a questão da própria segurança mesmo, do setor de segurança que alguns tipos de atividade não podem entrar na unidade e é muito difícil um tipo de trabalho condizer com todas as situações que envolve a segurança, eu acho que isso é uma limitação aqui dentro e em terceiro lugar a falta de uma compreensão maior de um objetivo real da entidade, pros próprios funcionários que deveriam estar voltados pra questão da reintegração na sociedade ou a sua inserção em sociedade, a gente vê que alguns funcionários ainda não tem os mesmos objetivos, pra caminharem juntos, alguns dificultam esse tipo de trabalho ou algum tipo de canteiro de trabalho [...]”.

E 4- “Uma das limitações é não ter canteiro de trabalho, para todos os internos e muitas vezes também, em função da disciplina, a limitação da segurança para esse tipo de trabalho, eu acho que a segurança, às vezes, faz a gente ficar meia limitada né! mas acho que a segurança que inibe o trabalho”.

E 5- “Bom, até agora não tem nada... só o espaço físico que inibe, alguns tipos de trabalho também a gente não pode por [...]”.

E, por final, as indagações sobre as limitações existentes que interferem na concessão de trabalho para o preso, resultaram no seguinte:

No entendimento dos técnicos entrevistados, as questões abordadas, nesse sentido, foram unânimes e consistem tanto na falta de estrutura e espaço físico, adequados, a fim de propiciar trabalho a todos, ou quase todos os presos, como também sobre as limitações que são

impostas pela segurança da unidade com relação ao desenvolvimento de atividades de trabalho.

O que se pode constatar, entre os técnicos, sobre o significado e a importância do trabalho pode ser sintetizado da seguinte forma: o trabalho, dentro da unidade penal, tem contexto educativo, profissionalizante, estruturante e de integração social. Seus resultados financeiros são importantes para contribuir com a subsistência do próprio preso e de seus familiares.

Apontam ainda para o fato de que a ausência de trabalho para os presos seria prejudicial, não somente a eles, mas à atividade do Técnico, do Agente Penitenciário, dentre outros, pois o preso sem ocupação poderia ser a causa de um sensível aumento dos problemas disciplinares e, conseqüentemente, nos níveis de segurança e tranqüilidade da unidade. Abordam, outrossim, a questão da importância de estarem participando e integrando um grupo de trabalho e, com isso, sentirem-se úteis e valorizados.

De acordo com o que especifica Morin (2001), vide quadro nº 1, quando apresenta o conteúdo das respostas mais freqüentes sobre o sentido do trabalho entre administradores do Quebec e da França, no momento em que foram indagados sobre “[...]do que sentiriam mais falta...” em relação ao trabalho, constatou-se que, entre os dois grupos pesquisados, predominaram algumas preocupações. Dentre elas: a necessidade de sentir-se útil; dignidade pessoal; fazer parte de um grupo, receber pelo trabalho, ou seja, ter um salário e ter algo para fazer. Isso vem ao encontro do que declararam os técnicos quando, durante a entrevista, discutiam sobre o significado do trabalho para o preso.

Vale complementar que os aspectos favoráveis da existência do trabalho já foram abordados anteriormente, sobre os negativos e limitações na concessão de trabalho as principais preocupações ficaram por conta da indisponibilidade de espaço físico para atender a demanda total de presos que pretendem trabalhar, como também as características dos locais de trabalho, hoje disponíveis na unidade, que avaliam não ser as mais adequadas para sediar os canteiros de trabalho. Alertaram também sobre o fato da equipe de segurança da unidade inibir a implantação de certos canteiros de trabalho, sobre os quais a equipe técnica tem se mostrado favorável.

Os incômodos que resultam da concessão de trabalho para o preso fazem refletir sobre, até que ponto, tais limitações ou obstáculos acabam por prejudicar o alcance dos resultados que se pretende atingir, quando se viabiliza trabalho para quem está segregado de liberdade e

sobre o qual incorrem uma série de controles, nem sempre são necessários e que acabam por ocasionar um certo desconforto para o preso que trabalha. Abordando a questão do controle sobre o trabalho, mesmo em situação diversa à realidade aqui apresentada, Soratto e Heckler (1999, p. 115) apresentam o seguinte posicionamento:

É certo que as tarefas que pela sua natureza permitem maior ou menor flexibilidade, mas, ainda mais importante que as características intrínsecas das atividades envolvidas no trabalho, é o modo como esse se organiza e as condições do próprio trabalhador frente a esta organização. Uma determinada atividade pode ser executada de várias maneiras, mas se, por exemplo, a organização do trabalho estiver estruturada de tal forma que não permita a flexibilidade, o trabalhador sentir-se-á tolhido na sua liberdade de ação, o que, em grau bastante elevado, também acarretará em sofrimento para este trabalhador.

Para finalizar as análises feitas a partir dos depoimentos colhidos junto aos técnicos da unidade penal, cabe acrescentar que, das atividades humanas fundamentais componentes da *vita activa*, expressão utilizada por Arendt (2004), parece ser o labor o que, na opinião dos técnicos, identifica melhor a realidade de trabalho na qual estão submetidos os presos, apesar de haver alguns posicionamentos, principalmente dos psicólogos, que vislumbrem entender esse trabalho como algo que alcance algo mais que a satisfação das necessidades da vida. A própria condição de clausura parece propiciar o desenho de um cotidiano em que o trabalho se presta a atender as necessidades mais imediatas de consumo. Isso acaba ficando mais evidente quando Antunes (2002) escreve, o seguinte:

O trabalho entendido em seu sentido mais *genérico e abstrato*, como produtor de *valores de uso*, é expressão de uma relação metabólica entre o ser social e a natureza. No seu sentido primitivo e limitado, por meio do ato laborativo, objetos naturais são transformados em coisas úteis. Mais tarde, nas formas mais desenvolvidas da práxis social, paralelamente a essa relação homem-natureza desenvolvem-se inter-relações com outros seres sociais, também com vistas à produção de valores de uso (ANTUNES, 2002, p. 139).

Assim sendo, os principais pontos que puderam ser observados nas entrevistas realizadas com os técnicos foram aqui descritos e comentados a fim de subsidiar a identificação da visão que os atores, envolvidos neste trabalho de pesquisa, possuem sobre a atividade de trabalho remunerado, que é concedida aos presos da PEM.

4.5 DIRETOR

O contato com o diretor da unidade, mediante entrevista, vislumbrou basicamente o que se estabeleceu como proposta para os técnicos, ou seja, a busca de sua visão sobre a importância do trabalho remunerado exercido pelos presos, dentro da Unidade e a contribuição para o processo de ressocialização, dentre outros benefícios. Indagou-se também sobre as limitações e dificuldades que existem para a implementação do trabalho para os presos, na PEM. Adiante, na íntegra, a entrevista com o diretor da PEM, sobre os pontos mencionados:

4.5.1 O significado do trabalho para presos, na perspectiva do diretor da PEM

- E 1- “É, o trabalho para nós tem o aspecto de manter o preso em ocupação, no aspecto pessoal ele poder ter um pequeno sustento para sua família a partir do valor recebido e no aspecto da ressocialização, sua reintegração na sociedade, uma forma que ele, o tempo que ele passou aqui, ele aprenda uma profissão ou saiba, pelo menos, como é a atividade normal de trabalho de uma empresa, quando em liberdade””.

4.5.2 A importância do trabalho para presos e os benefícios que proporciona

- E 1- “Não, é uma medida necessária sim, a ociosidade levaria esse preso, já confinado, já sem liberdade e ocioso, com certeza seu comportamento seria diferente, a sua relação com outros presos seria diferente e sua relação com os funcionários e com a direção também seria diferente. Então a ocupação realmente tem um papel muito importante

pra que ele passe esse tempo aqui de uma forma melhor e que conheça o espaço aqui dentro.

- E 1-“É, a manutenção da ocupação desses presos, a sua preparação para a saída, atividade laboral que aqui ele desenvolve, tudo isso, é fator de tranquilidade, eu acho que no aspecto da segurança representa o tempo de trabalho do preso, para nós, é um tempo precioso que em todo o tempo de existência dessa unidade, nunca tivemos um problema de indisciplina ou de insegurança, em razão do trabalho aqui desenvolvido”.

4.5.3 As limitações na concessão do trabalho para presos, na PEM

- E 1- “Nesse aspecto, o trabalho ele tem algumas limitações em razão, primeiro por questões de segurança, né? Não há como se manter horário fixo, tempo correto para esse trabalho e também essa unidade é uma das últimas unidades do Estado que não foram feitas para que o preso desenvolvesse o trabalho corretamente, ou seja, com pavilhão de trabalho, com estrutura de deslocamento, acesso a esse pavilhão de maneira mais fácil. Então, a improvisação, para se localizar e colocar presos aqui dentro, dificulta e às vezes limita esse trabalho”.
- E 1- “É...há algumas limitações né! mas nesse período de dez anos da unidade, em sua maioria, em quase sua totalidade, o clima foi favorável, as empresas se estabeleceram aqui, algumas não permaneceram em razão de que esperavam um tipo de produção, ou talvez por que não poderiam ter interrupções e algumas porque, realmente, não conseguiram se manter aqui, mas também não se manteriam aí fora, em outra situação, mas no mais o trabalho tem se realizado de forma aceitável”.

No contato com o diretor da PEM, quando consultado sobre o significado e a importância do trabalho do preso, que é realizado dentro da unidade penal, apresentou algumas considerações que exaltaram as questões referentes à ocupação do preso, o sustento para sua família e a necessidade de profissionalização e ressocialização para o retorno à sociedade. Vale a pena salientar que, nesse caso, há possibilidade de se fazer um paralelo com a pesquisa de Morin (2001) realizada entre administradores do Quebec e da França, sobre o sentido do trabalho. Algumas das respostas mais frequentes, sobre quando o trabalho tem sentido para esses administradores (vide quadro nº 1), foram “beneficiar aos outros” no caso dos presos. Isso pode ser entendido como a possibilidade de atender à sua família.

Fica aqui também caracterizada a preocupação do dirigente da instituição em amenizar a angústia que geralmente é característica do preso, próximo a sair em liberdade. Goffman (1974, p. 67), quando fala sobre instituições totais, menciona: “Freqüentemente as instituições totais afirmam sua preocupação com a reabilitação, isto é, com o restabelecimento dos mecanismos auto-reguladores do internado, de forma que, depois de sair, manterá, espontaneamente, os padrões do estabelecimento”.

Na fase de entrevista, em que se indagou sobre as limitações existentes para a concessão de trabalho aos presos da PEM, o diretor da unidade indicou as questões de segurança como um dos pontos que devem ser considerados, levando-se em consideração que a PEM não apresenta características estruturais favoráveis para abrigar canteiros de trabalho de toda sorte, o que exige empenho especial e improvisação.

O diretor da unidade, apesar de deixar transparecer uma visão de trabalho do preso como o Labor de Arendt (2004), em alguns pontos da entrevista vislumbra que o resultado do trabalho prisional deva transcender a simples satisfação das necessidades básicas do preso. É a esse respeito que Braverman (1987, p. 53) comenta que “[...] o trabalho que ultrapassa a mera atividade instintiva é assim a força que criou a espécie humana e a força pela qual a humanidade criou o mundo como o conhecemos”.

Portanto, a presença de atividades de trabalho remunerado, para presos, apesar de todas as limitações existentes, tem sido bem-vindas, sob a ótica do diretor da unidade, todavia com uma forte ênfase à suas finalidades laborterápicas, ou seja, de satisfação às necessidades básicas dos presos e das condições de segurança da unidade.

5 CONCLUSÕES

Os objetivos desta investigação foram alcançados, pois por meio dos dados coletados foi possível obter informações que propiciaram compreender as múltiplas visões sobre as atividades de trabalho remunerado desenvolvidas na Penitenciária Estadual de Maringá, ou seja, dos presos que desenvolvem atividades nos canteiros de trabalho instalados na penitenciária; dos agentes penitenciários responsáveis pela segurança da unidade; dos técnicos que acompanham e orientam os detentos no dia-a-dia, dos quais fazem parte desta categoria os psicólogos, assistentes sociais e pedagogos; e do diretor da penitenciária.

Partindo do pressuposto de que o trabalho pode ser considerado como um elemento estruturador na vida do homem, fomos buscar na literatura argumentos que propiciassem o embasamento necessário para este entendimento. Para tanto, foi realizado um levantamento sobre as formas de organização do trabalho e sobre os sentidos atribuídos ao trabalho realizado nas organizações, principalmente nas instituições totais (ARENDR, 2004; GOFFMAN, 1974).

Então, concluímos que a PEM, assim como todas as instituições totais, são necessárias à sociedade, pois todas as organizações buscam alcançar um objetivo inerente às suas peculiaridades, que neste caso, em particular, as atividades de trabalho desenvolvidas pelos detentos são mais um instrumento utilizado para ressocializá-los e, conseqüentemente, justificar a existência e manutenção desta instituição, pois os detentos trabalham organizados em canteiros internos e externos. O que diferencia um canteiro do outro é que, no primeiro caso, são de empresas que se utilizam de mão-de-obra carcerária, as quais são responsáveis pela remuneração destes. No segundo caso, mesmo que as atividades desenvolvidas sejam remuneradas, esta remuneração vem em forma de pecúlio, pago pelo Estado.

Muito embora os sujeitos envolvidos nesta pesquisa estejam alocados em posições diferentes e buscam alcançar objetivos igualmente diferentes, todos, indistintamente, fazem parte da tessitura que envolve as atividades de trabalho remunerado na PEM. Os presos estão envolvidos diretamente no trabalho executado nos canteiros instalados na PEM; os demais, ou seja, agentes penitenciários, psicólogos, assistentes sociais, pedagogo e diretor da unidade

estão envolvidos indiretamente, pois, embora percebam uma remuneração, esta não advém das atividades desenvolvidas nos canteiros de trabalho instalados na penitenciária.

Em relação às visões dos sujeitos envolvidos de forma direta e indiretamente nas atividades de trabalho remunerado na PEM, concluímos que o trabalho para o preso não representa o cumprimento da pena ou castigo, mas um fator estruturador que lhe permite crescimento pessoal, por meio do desenvolvimento profissional e intelectual, o que significa a esperança de conseguir reconstruir a vida na ocasião de sua volta ao convívio social, o resgate da confiança em si mesmo, a melhora de sua imagem diante dos familiares, de si mesmo e, conseqüentemente, o resgate da auto-estima. Com a remuneração percebida, o detento adquire materiais de primeira necessidade, o que faz com que ele sintam-se bem consigo mesmo e, por vezes, conseguem ajudar suas famílias em pequenas despesas, o que caracteriza a atividade investigada como *Labor*, que, segundo Arendt (2004), são atividades humanas fundamentais exercidas pelo denominado *animal laborans*, as quais priorizam a sobrevivência de si e de seus familiares.

A visão dos agentes penitenciários em relação às atividades de trabalho remuneradas difere um pouco com a dos presos, pois para estes o exercício das referidas atividades possui caráter paradoxal, pois ao mesmo tempo em que facilita o exercício de sua função pelo fato de que quando os internos exercem uma atividade de trabalho costumam apresentar um comportamento tranquilo, por outro lado, o exercício do trabalho dentro da penitenciária causa apreensão devido ao uso de certas ferramentas de trabalho utilizadas nos canteiros que, por vezes, representam perigo, causando tensão entre os agentes.

Para os psicólogos, as atividades de trabalho remuneradas desenvolvidas pelos presos na PEM significam a mediação entre estes e a sociedade, pois contribui para o processo de ressocialização e inclusão social, melhora o convívio do grupo, faz com que estes se sintam valorizados, preenchendo necessidades psicológicas e fisiológicas, melhora a auto-estima e significa também um moderador de tensões. Para as assistentes sociais, significa uma forma de preencher necessidades psicológicas e fisiológicas, auxiliar aos familiares e vetor moderador de tensões. Para a pedagoga, significa possibilidade de auxiliar a família, preencher necessidades fisiológicas, inclusão social e ressocialização. Concluímos, então, que a visão dos técnicos não difere substancialmente da visão dos demais acima mencionados.

Quanto à visão do diretor da PEM em relação às atividades de trabalho remuneradas desenvolvidas pelos presos, significa, além da possibilidade de auxiliar no sustento de sua própria família, formação profissional e ressocialização, culminando com aspectos observados na visão dos demais envolvidos nas atividades de trabalho remuneradas, desenvolvidas pelos detentos.

Concluimos que as atividades de trabalho desenvolvidas pelos detentos da PEM possuem características semelhantes às daquelas denominadas por Hannah Arendt de Labor, pois os benefícios deste trabalho são revertidos para o próprio sustento dos presos, mantendo então o ciclo vital e continuidade da vida. Contudo, o trabalho para o preso na PEM possui significado semelhante à de outros grupos de trabalhadores, mesmo este sendo desenvolvido em uma Instituição Total, pois tanto a instituição como aqueles que desenvolvem as atividades de trabalho remuneradas nos canteiros possuem características peculiares. Concluimos, então, que o trabalho independentemente de possuir características de labor desenvolvido pelo animal *laborans* ou de trabalho desenvolvido pelo *homo faber*, bem como na condição de *homo sapiens*, ou seja, aquele que se empenha na construção do mundo, interferindo e atuando sobre a natureza, o trabalho é um fator estruturante e formador de identidade para o homem.

Por fim, concluimos que os resultados da presente dissertação poderiam ser enriquecidos com outras informações advindas de pesquisas que versassem sobre a situação do egresso, hoje, para averiguar se as atividades de trabalho desenvolvidas pelos presos na PEM ressocializam, de fato, e de que forma isto ocorre, possibilitando então verificar se a PEM vem alcançando seus objetivos, bem como outros aspectos de cunho psicossocial inerentes à peculiaridade desses indivíduos.

Contudo, ressaltamos que em função da escassez de material bibliográfico a respeito do assunto em tela, a presente pesquisa traz contribuições à ciência, principalmente para aquelas referentes à área de ciências sociais aplicadas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho**: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **A dialética do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

_____; SILVA, Maria A. Moraes **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

_____. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Biotempo, 2002.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

BATEMAN, Thomas S.; SNEEL, Scott A. **Administração criando vantagem competitiva**. São Paulo: Atlas, 1998.

BERNARDES, Ciro; MARCONDES, Reynaldo C. **Teoria geral da administração: gerenciando organizações**. São Paulo: Saraiva, 2003.

BLAU, Peter Michael; SCOTT, William Richard. **Organizações formais**. São Paulo: Atlas, 1977.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**: a degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis: Vozes 1998.

CATTANI, Antonio David. **Trabalho & Autonomia**. Petrópolis: Vozes, 1996.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. Educar, Educador. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: Carinho e trabalho** (Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação). Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília: Confederação Nacional dos trabalhadores em educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

CODO, Wanderley; SORATO, Lúcia. Trabalho: atividade humana por excelência. In: CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: Carinho e Trabalho** (Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação). Petrópolis, RJ: Vozes; Brasília, DF: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

CORETH, Emerich. **Questões fundamentais de hermenêutica**. São Paulo, SP: EPU-Universidade de São Paulo, 1973.

COUTINHO, Aldacy Rachid. Trabalho e pena. **Revista da Faculdade de Direito da UFPR**, Curitiba, v. 32, 1999.

DUPAS, Gilberto. **Economia global e exclusão social**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ETZIONI, Amitai. **Análise comparativa de organizações complexas**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1974.

_____. **Organizações complexas**: estudo das organizações em face dos problemas sociais. São Paulo: Atlas, 1973.

FLEURY, Afonso Carlos Corrêa; VARGAS, Nilton. **Organização do trabalho**: uma abordagem interdisciplinar: sete estudos sobre a realidade brasileira. São Paulo: Atlas, 1983.

FLEURY, Maria Tereza Leme; FISCHER, Rosa Maria. **Processo e relações do trabalho no Brasil**. São Paulo: Atlas, 1987.

FOUCAULT, M. Verdade e poder. In: MACHADO, R. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1987.

GLEGG, Stewart R. **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas 1999.

CLEGG, Stewart; HARDY, Cynthia; NORD, Walter. **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1999. v.1, cap. 6.

GOFFMAN, Erving. **Manicônios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GORZ, André. **Crítica da divisão do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

_____. **Adeus ao proletariado**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

_____. **O socialismo difícil**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

HALL, R. **Organizações**: estrutura e processo. Rio de Janeiro: Prentice Hall, 2004.

HARMAN, Willis; HORMANN, John. **O trabalho criativo**: o papel construtivo dos negócios numa sociedade em transformação. São Paulo: Cultrix, 1997.

HELOANI, Roberto. **Organização do trabalho e administração**: uma visão multidisciplinar. São Paulo: Cortez, 1994.

LACOMBE, Francisco; HEILBORN, Gilberto. **Administração**: princípios e tendências. São Paulo: Saraiva, 2003.

LAFER, Celso. A política e a condição humana. In: ARENDT, Hannah. **A condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

MALHOTRA, Naresh K. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MORIN, Etelle. Os sentidos do trabalho. **RAE**, v.4 , n.3, p. 42-43, jul./ago./set. 2001.

PASTORE, José. O alcance do trabalho prisional. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 22 maio 2001.

_____. Trabalho forçado para bandidos? **Jornal da Tarde**, São Paulo, 06 fev. 2002.

PERROW, Charles. **Análise organizacional**: um enfoque sociológico. São Paulo: Atlas, 1972.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

ROBBINS, Stephen P. **Administração**: mudanças e perspectivas. São Paulo: Saraiva, 2000.

SROUR, Robert Henry. **Poder, cultura e ética nas organizações**. São Paulo: Campus, 1998.

SENNET, R. **A corrosão do caráter**: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Roberto da. **O que as empresas podem fazer pela reabilitação do preso**. São Paulo: Instituto Ethos, 2001.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

ANEXOS

ANEXO A – Teste piloto da entrevista – roteiros e conteúdos

ANEXO B – Lei de Execução Penal (parcial)

ANEXO C – Fotos dos canteiros de trabalho – PEM

ANEXO D – Relação de cursos profissionalizantes realizados na PEM

ANEXO E – Roteiros e conteúdos da entrevista

ANEXO A

Teste Piloto da Entrevista – Roteiros e conteúdo

1. CARGO DO RESPONDENTE

Diretor

2. PERGUNTAS

- Em sua opinião, qual a importância das atividades de trabalho remunerado, para os presos, desenvolvidas na PEM?
- A viabilização de trabalho, para o preso, apresenta algum tipo de obstáculo ou limitação, na PEM ou fora dela? Em caso positivo quais são eles?
- Na sua opinião o trabalho para presos é uma medida necessária para o processo de ressocialização, ou apenas para satisfação imediata de suas necessidades materiais e de seus familiares?
- Existe um clima e estrutura favoráveis, para a viabilização de trabalho para presos, dentro da PEM?
- De que forma as atividades de trabalho remunerado, para presos, atendem aos objetivos da Instituição PEM e a seus próprios objetivos como diretor da unidade?

Entrevista Diretor da PEM

- 1) Além de se manter ocupado, se profissionalizar, proporcionando benefícios imediatos no cárcere e para sua vida em liberdade, a remuneração lhe permite atender compromissos pessoais e familiares, tratando-se aqui de respeito à sua dignidade como cidadão e trabalhador. A pena não é um simples castigo, deve servir para propiciar oportunidade de conhecimentos e formação profissional, estando o trabalho remunerado inserido nesse contexto.
- 2) O ideal é difícil de ser atingido, pela falta de espaço e pela forma como os empresários vêem o trabalho para o preso. Naturalmente, o empresário vislumbra lucro com a utilização de uma mão de obra mais barata, e, também existe a possibilidade de se estar reduzindo o emprego para pessoas em liberdade e não criminosas, o que também é um problema social.
- 3) Sim, o trabalho está diretamente relacionado com a ressocialização, pois é também uma forma digna de remuneração, diferente, em muitos casos das formas ilícitas de se conseguir lucro, e que levaram muitos à condenação. Como diz a lei, o trabalho tem uma finalidade educativa e produtiva, assegurando ao preso condições de reabilitação, preparando-os para a inserção no mercado de trabalho quando em liberdade.
- 4) Sim, existem. Apesar do espaço reduzido para a produção, ainda é possível a manutenção de regularidade na produção através do trabalho. Como é uma unidade com razoável segurança, nestes 10 anos de atividade nenhum fato ocorreu que colocasse em risco o clima para o desenvolvimento do trabalho.
- 5) Um bom resultado no retorno do preso à sociedade, após o cumprimento da pena, é atribuído às condições que lhe foram oferecidas no tempo de encarceramento, e nisso se inclui o trabalho, que além das finalidades de laborterapia, influi positivamente na disciplina, reduzindo as tensões naturais de uma unidade prisional de regime fechado.

1. CARGO DO RESPONDENTE

Agente Penitenciário

2. PERGUNTAS

- Você entende o acompanhamento do trabalho do preso, como atividade essencial do Agente Penitenciário?
- Na sua opinião, qual seria a prioridade em conceder de trabalho para o preso, dentro do Sistema Penitenciário? Por que?
- A ausência de atividades de trabalho remunerado para o preso, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do papel do agente na Unidade Penal?
- Na sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que o trabalho remunerado, para presos, pode proporcionar a PEM?
- O trabalho remunerado para o preso, exige maior empenho da parte do agente no cumprimento de suas organizações funcionais?

Entrevista Agente Penitenciário

- 1) Na ordem de prioridades não seria o essencial (numa classificação de 1 a 5 daria 3), pois existem atividades em relação à segurança que entende ser mais importantes.
- 2) Conceder trabalho para o preso seria importantíssimo e assim a segurança teria um trabalho mais condizente e acessível, aproxima o preso da família, mantém um equilíbrio mais favorável para que se mantenha a segurança na Penitenciária.
- 3) Sim, causaria pois os presos desocupados são aqueles, que geralmente causam maiores problemas disciplinares pois estando desocupados tem mais tempo para pensar em bobagens não tendo objetivos e tampouco obrigações a cumprir.
- 4) Iniciando pelos pontos positivos, como já mencionado, os problemas disciplinares provavelmente diminuiriam, haveria maior comprometimento dos presos com a Unidade e além disso se percebe que para presos que trabalham a visita de familiares é mais freqüente. No que diz respeito aos pontos negativos apontaria a falta de estrutura adequada (no que tange aos procedimentos de segurança), para a recepção de materiais e outros itens necessários ao funcionamento do canteiro de trabalho; falta de locais adequados, em termos de segurança, para controle de acesso de presos e fiscalização de funcionamento dos canteiros; falta de experiência na parte de organização dos canteiros o que acaba por prejudicar seu funcionamento.
- 5) Exige, pois demanda uma rotina para o Agente, bem mais complexa e rígida. Se o trabalho para presos não existisse, dentro da Unidade, as atividades do agente se resumiriam em movimentar os presos dos pátios para as celas, para escola e para os atendimentos técnicos (jurídico, social, psicológica e de saúde).

1. CARGO DO RESPONDENTE

Técnico

2 PERGUNTAS

- Em sua opinião, qual a importância das atividades de trabalho remunerado, para presos, desenvolvidas na PEM?
- De que forma tais atividades de trabalho remunerado atendem os objetivos da PEM e aos seus próprios objetivos enquanto técnico responsável pelo tratamento penal?
- A ausência de atividades de trabalho remunerado, para os presos, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do trabalho do técnico, dentro da Unidade Penal?
- Em sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que resultam das atividades de trabalho remunerado, realizado por presos, na PEM?
- Aponte, se houver, algumas limitações que no seu entender prejudicam ou inibem a concessão de trabalho remunerado para os presos da PEM?

Entrevista Técnico – Assistente Social

- 1) Reconhece a figura do cidadão, motivando-o ao ingresso no mercado de trabalho, quando inserido em sociedade.
- 2) Além de ocupar o tempo ocioso profissionalizando os presos, também contribui para sua auto-valorização, na medida em que arca com parte de suas despesas e muitas vezes complementa o orçamento familiar. Realizado profissionalmente e valorizado ele consegue pensar com compromisso nas suas ações e deixa de cultivar pensamentos negativos.
- 3) Depende da forma de como seria feito o processo. É importante lembrar que o preso precisa ser motivado. Teria-se então que buscar novas formas de incentivá-lo a praticar o bem e viver em coletividade.
- 4) Os pontos positivos seriam o de proporcionar a auto-sustentação, complementar o orçamento familiar e a valorização como cidadão. Os pontos negativos poderiam estar por conta da dependência de recursos e o consumismo, ou seja a partir do momento que não haja mais trabalho o preso não ganha e fica com algumas de suas necessidades não satisfeitas. Ocorreria também o inverso do que se relacionou como pontos positivos.
- 5) Por ser um lugar adverso, com questões rígidas de disciplina e segurança, a serem observadas, dificulta a entrada de determinados tipos de trabalho; a falta de qualificação dos próprios presos também é um aspecto limitador para que tenham condições de assumir algumas atividades específicas e; a posse do dinheiro, dentro da prisão, pode ter duplo significado e comprometer pessoas que visam o bem comum ou sua passagem sem problemas, enquanto cumpre pena, no sistema penitenciário.

1. CONDIÇÃO DO RESPONDENTE

Preso

2. PERGUNTAS

- Na sua opinião o que, para você, é mais gratificante no desenvolvimento de atividades de trabalho remunerado na PEM ?
- O que mais lhe incomoda em relação as mesmas atividades acima mencionadas?
- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- O que você incluiria ou excluiria para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, lhe fossem mais favoráveis?
- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, você se candidataria assim mesmo a uma vaga em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem, de alguma forma, lhe ajudar quando do seu retorno à sociedade?
- Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM?

Entrevista Preso

- 1) Sente-se bem trabalhando, pois sempre foi um homem trabalhador e que o crime que cometeu não tem haver com a falta de trabalho. A remuneração é muito bem vinda pois complementa sua necessidade de gastos pessoais e o ajuda a manter-se enquanto cumpri pena. A questão da remissão de pena também é um fator importante que o motiva a trabalhar.
- 2) Acredita que haja uma diferença entre a remissão que é concedida para quem trabalha em canteiros internos e canteiros de empresas, e que isso precisa ser revisto, pois os canteiros de manutenção da Penitenciária são igualmente importantes, pois ajudam a manter a Unidade em boas condições de higiene e funcionamento.
- 3) As condições são favoráveis - ganho para trabalhar e ainda tenho remissão de pena – é mais do que o suficiente para quem cometeu um crime e precisa pagar à sociedade.
- 4) Mesmo que não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, seria candidato ao trabalho, por manter uma ocupação e não permanecer na ociosidade que na prisão acaba resultando em problemas, além de não ter possibilidade de progredir como pessoa e profissionalmente.
- 5) Mesmo não havendo relação com a profissão, antes exercida lá fora, o que faz na PEM terá grande utilidade para quando voltar à sociedade, pois o trabalho ajuda no relacionamento com outras pessoas e a criar responsabilidade.
- 6) Seria péssimo, pois “Cabeça vazia oficina do diabo” e a ociosidade é uma incentivadora de revolta junto a pessoas presas.

Entrevista Preso I

- 1) Considera importante, antes de tudo, o aprendizado, a questão de preenchimento do tempo ocioso e a remissão da pena, sendo que a remuneração nesse caso seria secundária, apesar de suprir as necessidades mais imediatas de complementação das necessidades de manutenção, dentro da prisão. O trabalho dentro da Unidade Penal, faz com que se crie uma perspectiva futura mais cheia de esperança, muito diferente daqueles que saem das prisões sem objetivo estabelecido e sem perspectiva de poder mudar de vida, sair do mundo do crime.
- 2) Em geral nada incomoda, mas talvez a existência de cursos profissionalizantes que prepare melhor o preso para o trabalho lá fora, seja importante, pois nem sempre o que se faz de trabalho dentro da prisão é aquilo que o mercado oferece lá fora. Comenta também que antes de ingressar na Penitenciária, enquanto preso na Delegacia (durante dois anos), não teve possibilidade de trabalhar e isso lhe incomodou profundamente.
- 3) Acharia melhor que houvesse, para trabalhar, uma menor relação ou convivência (no pátio) com aqueles presos que não trabalham. Um outro aspecto que preocupa é a morosidade com a qual as questões de trabalho, para o preso, são tratadas.
- 4) Sem dúvida, se candidataria, por quê mesmo que não houvesse remissão de pena, seria possível o crescimento como homem e como profissional. Tudo isso melhoraria a auto-estima e daria uma melhor perspectiva de enfrentar o mundo lá fora de uma outra forma.
- 5) Acredita que o que faz na PEM, em termos de trabalho, será importante para quando retornar à sociedade e acredita que isso irá abrir portas para que o preconceito com ex-presos seja menor. Conhece casos que as empresas que deram oportunidades para presos trabalharem depois os contrataram, quando saíram da prisão.
- 6) Cumprir a pena sem o trabalho, traria uma sensação de impunidade, pois sem o trabalho não há com preencher o pensamento com coisas boas. A ociosidade, mente vaga traria o sentimento de realmente *estar preso*.

ANEXO B

LEI DE EXECUÇÃO PENAL

LEI Nº 7.210, DE 11 DE JULHO DE 1984.

Institui a Lei de Execução Penal.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

TÍTULO I

Do Objeto e da Aplicação da Lei de Execução Penal

Art. 1º A execução penal tem por objetivo efetivar as disposições de sentença ou decisão criminal e proporcionar condições para a harmônica integração social do condenado e do internado.

Art. 2º A jurisdição penal dos Juízes ou Tribunais da Justiça ordinária, em todo o Território Nacional, será exercida, no processo de execução, na conformidade desta Lei e do Código de Processo Penal.

Parágrafo único. Esta Lei aplicar-se-á igualmente ao preso provisório e ao condenado pela Justiça Eleitoral ou Militar, quando recolhido a estabelecimento sujeito à jurisdição ordinária.

Art. 3º Ao condenado e ao internado serão assegurados todos os direitos não atingidos pela sentença ou pela lei.

Parágrafo único. Não haverá qualquer distinção de natureza racial, social, religiosa ou política.

Art. 4º O Estado deverá recorrer à cooperação da comunidade nas atividades de execução da pena e da medida de segurança.

TÍTULO II

Do Condenado e do Internado

CAPÍTULO I

Da Classificação

Art. 5º Os condenados serão classificados, segundo os seus antecedentes e personalidade, para orientar a individualização da execução penal.

Art. 6º A classificação será feita por Comissão Técnica de Classificação que elaborará o programa individualizador e acompanhará a execução das penas privativas de liberdade e restritivas de direitos, devendo propor, à autoridade competente, as progressões e regressões dos regimes, bem como as conversões.

Art. 6º A classificação será feita por Comissão Técnica de Classificação que elaborará o programa individualizador da pena privativa de liberdade adequada ao condenado ou preso provisório. [\(Redação dada pela Lei nº 10.792, de 1º.12.2003\)](#)

Art. 7º A Comissão Técnica de Classificação, existente em cada estabelecimento, será presidida pelo diretor e composta, no mínimo, por 2 (dois) chefes de serviço, 1 (um) psiquiatra, 1 (um) psicólogo e 1 (um) assistente social, quando se tratar de condenado à pena privativa de liberdade.

Parágrafo único. Nos demais casos a Comissão atuará junto ao Juízo da Execução e será integrada por fiscais do serviço social.

Art. 8º O condenado ao cumprimento de pena privativa de liberdade, em regime fechado, será submetido a exame criminológico para a obtenção dos elementos necessários a uma adequada classificação e com vistas à individualização da execução.

Parágrafo único. Ao exame de que trata este artigo poderá ser submetido o condenado ao cumprimento da pena privativa de liberdade em regime semi-aberto.

Art. 9º A Comissão, no exame para a obtenção de dados reveladores da personalidade, observando a ética profissional e tendo sempre presentes peças ou informações do processo, poderá:

- I - entrevistar pessoas;
- II - requisitar, de repartições ou estabelecimentos privados, dados e informações a respeito do condenado;
- III - realizar outras diligências e exames necessários.

-
-
-

CAPÍTULO III

Do Trabalho

SEÇÃO I

Disposições Gerais

Art. 28. O trabalho do condenado, como dever social e condição de dignidade humana, terá finalidade educativa e produtiva.

§ 1º Aplicam-se à organização e aos métodos de trabalho as precauções relativas à segurança e à higiene.

§ 2º O trabalho do preso não está sujeito ao regime da Consolidação das Leis do Trabalho.

Art. 29. O trabalho do preso será remunerado, mediante prévia tabela, não podendo ser inferior a 3/4 (três quartos) do salário mínimo.

§ 1º O produto da remuneração pelo trabalho deverá atender:

- a) à indenização dos danos causados pelo crime, desde que determinados judicialmente e não reparados por outros meios;
- b) à assistência à família;
- c) a pequenas despesas pessoais;
- d) ao ressarcimento ao Estado das despesas realizadas com a manutenção do condenado, em proporção a ser fixada e sem prejuízo da destinação prevista nas letras anteriores.

§ 2º Ressalvadas outras aplicações legais, será depositada a parte restante para constituição do pecúlio, em Caderneta de Poupança, que será entregue ao condenado quando posto em liberdade.

Art. 30. As tarefas executadas como prestação de serviço à comunidade não serão remuneradas.

SEÇÃO II

Do Trabalho Interno

Art. 31. O condenado à pena privativa de liberdade está obrigado ao trabalho na medida de suas aptidões e capacidade.

Parágrafo único. Para o preso provisório, o trabalho não é obrigatório e só poderá ser executado no interior do estabelecimento.

Art. 32. Na atribuição do trabalho deverão ser levadas em conta a habilitação, a condição pessoal e as necessidades futuras do preso, bem como as oportunidades oferecidas pelo mercado.

§ 1º Deverá ser limitado, tanto quanto possível, o artesanato sem expressão econômica, salvo nas regiões de turismo.

§ 2º Os maiores de 60 (sessenta) anos poderão solicitar ocupação adequada à sua idade.

§ 3º Os doentes ou deficientes físicos somente exercerão atividades apropriadas ao seu estado.

Art. 33. A jornada normal de trabalho não será inferior a 6 (seis) nem superior a 8 (oito) horas, com descanso nos domingos e feriados.

Parágrafo único. Poderá ser atribuído horário especial de trabalho aos presos designados para os serviços de conservação e manutenção do estabelecimento penal.

Art. 34. O trabalho poderá ser gerenciado por fundação, ou empresa pública, com autonomia administrativa, e terá por objetivo a formação profissional do condenado.

§ 1o. Nessa hipótese, incumbirá à entidade gerenciadora promover e supervisionar a produção, com critérios e métodos empresariais, encarregar-se de sua comercialização, bem como suportar despesas, inclusive pagamento de remuneração adequada. [\(Renumerado pela Lei nº 10.792, de 1º.12.2003\)](#)

§ 2o Os governos federal, estadual e municipal poderão celebrar convênio com a iniciativa privada, para implantação de oficinas de trabalho referentes a setores de apoio dos presídios. [\(Incluído pela Lei nº 10.792, de 1º.12.2003\)](#)

Art. 35. Os órgãos da Administração Direta ou Indireta da União, Estados, Territórios, Distrito Federal e dos Municípios adquirirão, com dispensa de concorrência pública, os bens ou produtos do trabalho prisional, sempre que não for possível ou recomendável realizar-se a venda a particulares.

Parágrafo único. Todas as importâncias arrecadadas com as vendas reverterão em favor da fundação ou empresa pública a que alude o artigo anterior ou, na sua falta, do estabelecimento penal.

SEÇÃO III

Do Trabalho Externo

Art. 36. O trabalho externo será admissível para os presos em regime fechado somente em serviço ou obras públicas realizadas por órgãos da Administração Direta ou Indireta, ou entidades privadas, desde que tomadas as cautelas contra a fuga e em favor da disciplina.

§ 1º O limite máximo do número de presos será de 10% (dez por cento) do total de empregados na obra.

§ 2º Caberá ao órgão da administração, à entidade ou à empresa empreiteira a remuneração desse trabalho.

§ 3º A prestação de trabalho à entidade privada depende do consentimento expresso do preso.

Art. 37. A prestação de trabalho externo, a ser autorizada pela direção do estabelecimento, dependerá de aptidão, disciplina e responsabilidade, além do cumprimento mínimo de 1/6 (um sexto) da pena.

Parágrafo único. Revogar-se-á a autorização de trabalho externo ao preso que vier a praticar fato definido como crime, for punido por falta grave, ou tiver comportamento contrário aos requisitos estabelecidos neste artigo.

CAPÍTULO IV

Dos Deveres, dos Direitos e da Disciplina

SEÇÃO I

Dos Deveres

Art. 38. Cumpre ao condenado, além das obrigações legais inerentes ao seu estado, submeter-se às normas de execução da pena.

Art. 39. Constituem deveres do condenado:

I - comportamento disciplinado e cumprimento fiel da sentença;

II - obediência ao servidor e respeito a qualquer pessoa com quem deva relacionar-se;

III - urbanidade e respeito no trato com os demais condenados;

IV - conduta oposta aos movimentos individuais ou coletivos de fuga ou de subversão à ordem ou à disciplina;

V - execução do trabalho, das tarefas e das ordens recebidas;

VI - submissão à sanção disciplinar imposta;

VII - indenização à vítima ou aos seus sucessores;

VIII - indenização ao Estado, quando possível, das despesas realizadas com a sua manutenção, mediante desconto proporcional da remuneração do trabalho;

IX - higiene pessoal e asseio da cela ou alojamento;

X - conservação dos objetos de uso pessoal.

Parágrafo único. Aplica-se ao preso provisório, no que couber, o disposto neste artigo.

SEÇÃO II

Dos Direitos

Art. 40 - Impõe-se a todas as autoridades o respeito à integridade física e moral dos condenados e dos presos provisórios.

Art. 41 - Constituem direitos do preso:

I - alimentação suficiente e vestuário;

II - atribuição de trabalho e sua remuneração;

III - Previdência Social;

IV - constituição de pecúlio;

V - proporcionalidade na distribuição do tempo para o trabalho, o descanso e a recreação;

VI - exercício das atividades profissionais, intelectuais, artísticas e desportivas anteriores, desde que compatíveis com a execução da pena;

VII - assistência material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa;

VIII - proteção contra qualquer forma de sensacionalismo;

IX - entrevista pessoal e reservada com o advogado;

X - visita do cônjuge, da companheira, de parentes e amigos em dias determinados;

XI - chamamento nominal;

XII - igualdade de tratamento salvo quanto às exigências da individualização da pena;

XIII - audiência especial com o diretor do estabelecimento;

XIV - representação e petição a qualquer autoridade, em defesa de direito;

XV - contato com o mundo exterior por meio de correspondência escrita, da leitura e de outros meios de informação que não comprometam a moral e os bons costumes.

XVI – atestado de pena a cumprir, emitido anualmente, sob pena da responsabilidade da autoridade judiciária competente. [\(Incluído pela Lei nº 10.713, de 13.8.2003\)](#)

Parágrafo único. Os direitos previstos nos incisos V, X e XV poderão ser suspensos ou restringidos mediante ato motivado do diretor do estabelecimento.

Art. 42 - Aplica-se ao preso provisório e ao submetido à medida de segurança, no que couber, o disposto nesta Seção.

Art. 43 - É garantida a liberdade de contratar médico de confiança pessoal do internado ou do submetido a tratamento ambulatorial, por seus familiares ou dependentes, a fim de orientar e acompanhar o tratamento.

Parágrafo único. As divergências entre o médico oficial e o particular serão resolvidas pelo Juiz da execução.

próprio condenado. (Redação dada pela Lei nº 10.792, de 1º.12.2003)

§ 2º Conforme a natureza do estabelecimento, nele poderão trabalhar os liberados ou egressos que se dediquem a obras públicas ou ao aproveitamento de terras ociosas.

§ 3º Caberá ao juiz competente, a requerimento da autoridade administrativa definir o estabelecimento prisional adequado para abrigar o preso provisório ou condenado, em atenção ao regime e aos requisitos estabelecidos. (Incluído pela Lei nº 10.792, de 1º.12.2003)

CAPÍTULO II

Da Penitenciária

Art. 87. A penitenciária destina-se ao condenado à pena de reclusão, em regime fechado.
Parágrafo único. A União Federal, os Estados, o Distrito Federal e os Territórios poderão construir Penitenciárias destinadas, exclusivamente, aos presos provisórios e condenados que estejam em regime fechado, sujeitos ao regime disciplinar diferenciado, nos termos do art. 52 desta Lei. (Incluído pela Lei nº 10.792, de 1º.12.2003)

Art. 88. O condenado será alojado em cela individual que conterà dormitório, aparelho sanitário e lavatório.

Parágrafo único. São requisitos básicos da unidade celular:

a) salubridade do ambiente pela concorrência dos fatores de aeração, insolação e condicionamento térmico adequado à existência humana;

b) área mínima de 6,00m² (seis metros quadrados).

Art. 89. Além dos requisitos referidos no artigo anterior, a penitenciária de mulheres poderá ser dotada de seção para gestante e parturiente e de creche com a finalidade de assistir ao menor desamparado cuja responsável esteja presa.

Art. 90. A penitenciária de homens será construída, em local afastado do centro urbano, à distância que não restrinja a visitação.

-
-
-

Art. 204. Esta Lei entra em vigor concomitantemente com a lei de reforma da Parte Geral do Código Penal, revogadas as disposições em contrário, especialmente a [Lei nº 3.274, de 2 de outubro de 1957](#).

Brasília, 11 de julho de 1984; 163º da Independência e 96º da República.

JOÃO FIGUEIREDO

Ibrahim Abi-Ackel

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 13.7.1984

ANEXO C

FOTOS DOS CANTEIROS DE TRABALHO - PEM

Canteiros de Trabalho de Organizações Externas

ANTENAS AIRTRÔNIC LTDA. – Montagem de cabos para comunicação e fitas para impressoras.

1.



2.



FERREIRA & SCHEFFER LTDA. – Lixamento em Jeans

1.



2.



PLAST MIDIA IND. E COM. EMB. PLÁST. LTDA - Sacolas

1



2



PLAST MIDIA IND. E COM. EMB. PLÁST. LTDA – Serigrafia

1



2



SAIEZO BICICLETAS DO BRASIL LTDA

1



2

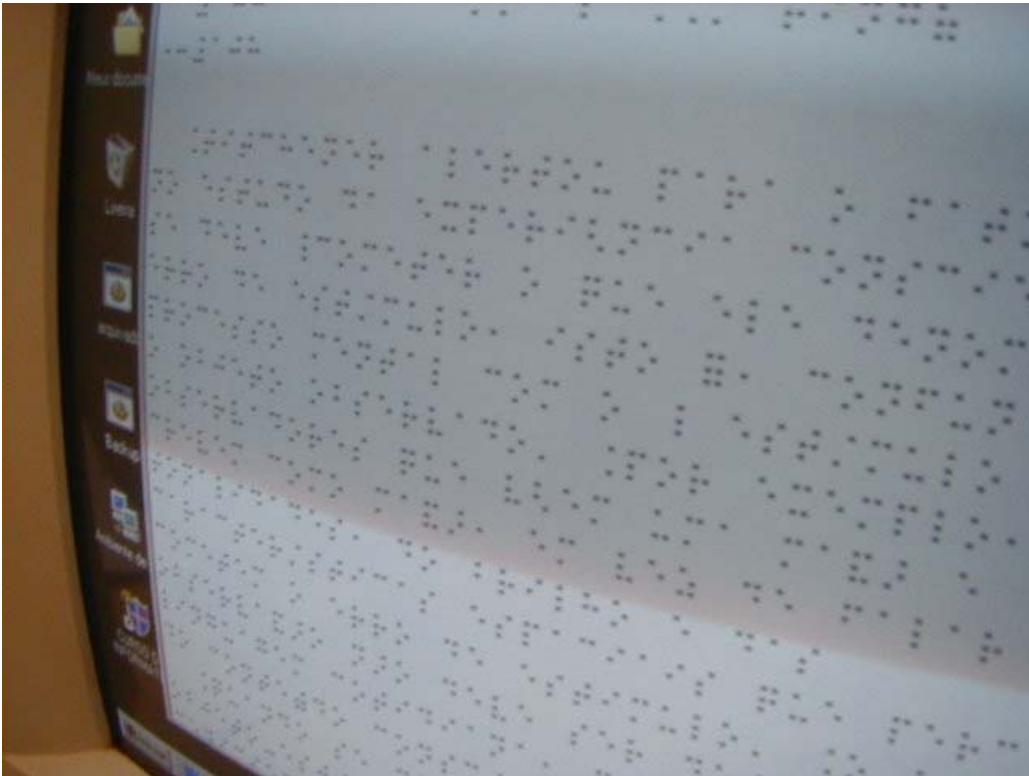


SECRETARIA EST. DE EDUCAÇÃO-CAP – Digitação

1



2



SECRETARIA EST. DE EDUCAÇÃO-CAP – Alto Relevo

1



2



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ

1



2



INSTITUTO AMBIENTAL DO PARANÁ – Produção de Mudas

1.



2.



Canteiros de Trabalho Internos

BARBEARIA

1



2



BIBLIOTECA

1



2



COZINHA

1



2



EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS

1

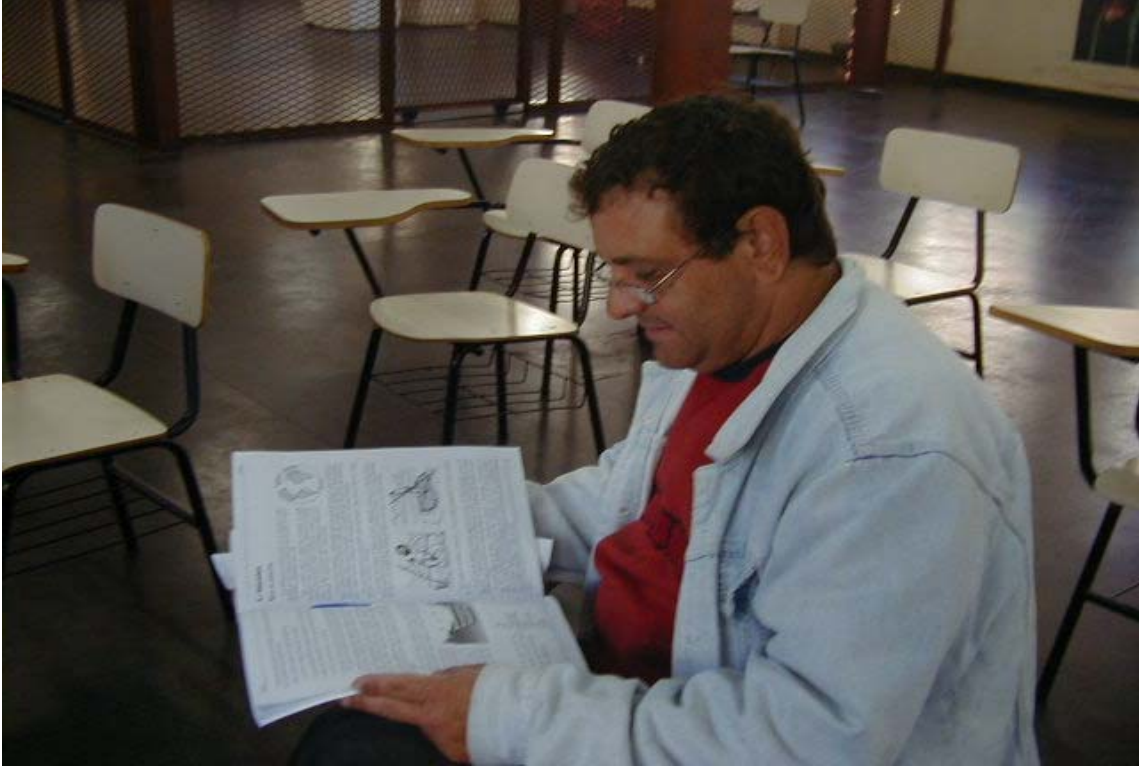


2



ALFABETIZAÇÃO

1



2



FAXINA INTERNA

1.



2.



FAXINA EXTERNA

1.



2.



HORTA

1



2



JARDINAGEM

1



2



LAVANDERIA

1.



2.



MANUTENÇÃO

1.



2.

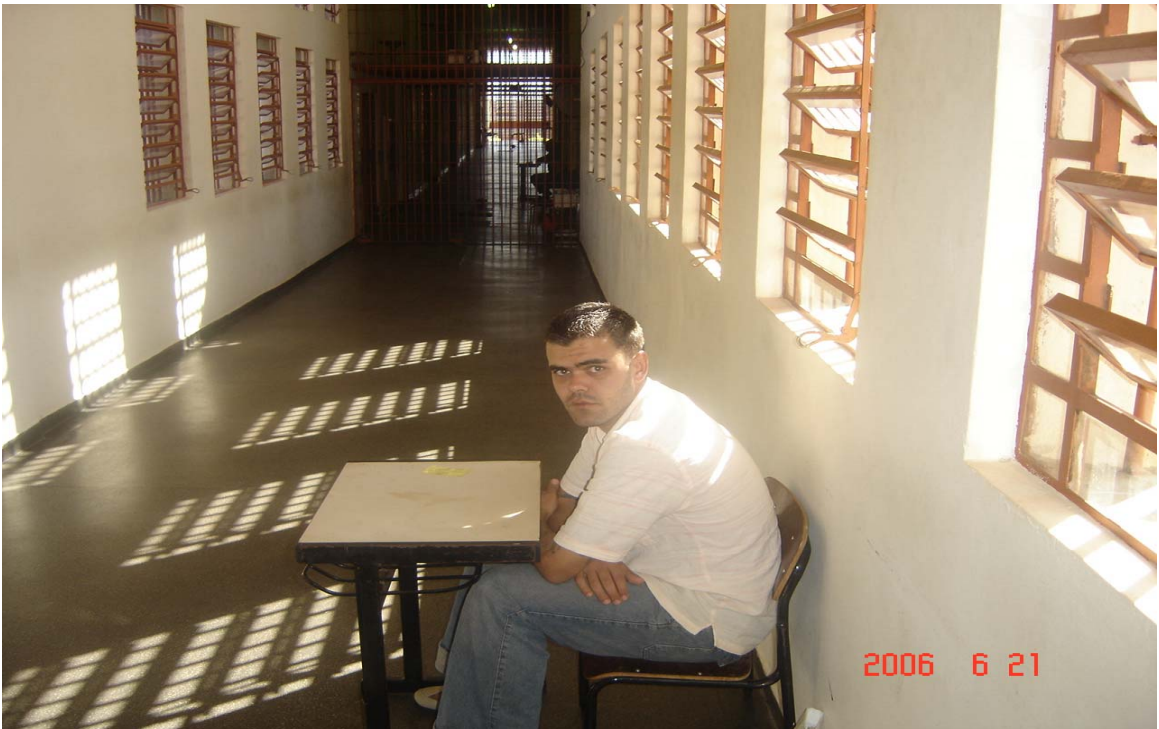


PARLATÓRIO/CHAMADOR

1.



2.



RECICLAGEM DE LIXO

1.



2.



ANEXO D

PENITENCIÁRIA ESTADUAL DE MARINGÁ

Relação de Cursos Profissionalizantes Realizados - 2003/2004/2005

C U R S O S	2003	2004	2005	Nº Alunos
AGRICULTURA ORGÂNICA		1		15
APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS COSTAL	6			90
APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS COSTAL		10		139
APLICAÇÃO DE AGROTÓXICOS COSTAL			1	12
ARTESANATO EM BAMBU			2	27
BORDADO EM PEDRARIAS		1		10
BORDADOS EM PONTO CRUZ	6			65
BRILLE		2		18
BULBOS, TUBÉRCULOS E RAÍZES		1		15
CASQUEAMENTO DE BOVINOS	4			60
CASQUEAMENTO DE BOVINOS		1		14
CASQUEAMENTO DE BOVINOS			1	15
CONFECÇÃO DE MARIONETES			1	25
CONSERVAS CASEIRAS		3		45
CONSERVAS CASEIRAS			1	15
CONSERVAS CASEIRAS DE FRUTAS E HORTALIÇAS	1			15
CORTE DE CABELOS	1			15
CORTE DE CABELOS		1		10
DERIVADOS DO LEITE			1	15
DERIVADOS DO LEITE		7		105
ELETRICISTA PREDIAL			1	12
ELETRICISTA PREDIAL			1	17
FRUTICULTURA DE MAMÃO E MARACUJÁ	1			15
FRUTICULTURA DE MAMÃO E MARACUJÁ		1		15
FRUTICULTURA TEMPERADA - MORANGO	1			15
FRUTICULTURA TEMPERADA - UVA PARA MESA	1			15
FRUTICULTURA TEMPERADA BÁSICA	1			15
FRUTICULTURA TROPICAL	1			15
FRUTICULTURA TROPICAL - ABACAXI E BANANA	1			15
FRUTICULTURA-ABACATE E ACEROLA			1	15
FRUTICULTURA-MAMÃO E MARACUJÁ			2	29
FRUTOS E SEMENTES	1			15
IMPLEMENTAÇÃO E MANUTENÇÃO DE JARDINS			3	43
INFORMÁTICA	1			20
INFORMÁTICA		1		20
INFORMÁTICA			3	13
INFORMÁTICA			1	20
JARDINAGEM		1		15
LAVANDERIA INDUSTRIAL	1			16
MATERIAL PEDAGÓGICO EM RELEVO		1		7
MILHO ORGÂNICO		1		15

MONTAGEM E MANUTENÇÃO DE MICROCOMPUTADORES			1	12
MONTAGEM E MANUTENÇÃO DE MICROCOMPUTADORES			1	18
NOÇÕES DE BRAILLE	1			7
OLERÍCOLAS DE FRUTOS E SEMENTES			1	15
OLERÍCOLAS DE RAÍZES, BULBOS E TUBÉRCULOS			1	15
OLERICULTURA, FRUTOS E SEMENTES, RAÍZES E TUBÉRCULOS	1			15
OLERICULTURA BÁSICA		1		15
OLERICULTURA BÁSICA - PLASTICULTURA	2			30
OLERICULTURA DE ALHO E CEBOLA		1		15
OPERAÇÃO E MANUTENÇÃO DE TRATORES	5			75
OPERAÇÃO E MANUTENÇÃO DE TRATORES			1	15
PINTOR DE OBRAS			2	27
PINTOR DE PAREDES			1	12
PINTURA DECORATIVA			1	15
PINTURA DECORATIVA			1	12
PINTURA EM GESSO		1		40
PINTURA EM GESSO			1	44
PLASTICULTURA	1			15
PLASTICULTURA			1	14
PRODUÇÃO DE OVOS DE CHOCOLATE	1			16
PRODUÇÃO EM RELEVO P DEFICIENTES VISUAIS			1	5
PROGRAMAÇÃO DE INFORMÁTICA			1	5
RAÍZES, BULBOS E SEMENTES	1			15
RAÍZES, BULBOS E TUBÉRCULOS			1	15
RESTAURAÇÃO DE LIVROS		1		19
RESTAURAÇÃO DE LIVROS			1	20
RESTAURAÇÃO DE MATERIAL BIBLIOGRÁFICO	1			21
TIE DYE		1		23
TRABALHADOR NA ADM DE PROPRIEDADE EM REG ECO FAMILIAR			2	30
TRABALHADOR NA ADM DE PROPRIEDADE EM REG ECO FAMILIAR			1	14
TRABALHADOR NA FRUTICULTURA BÁSICA	2			30
TRABALHADOR NA FRUTICULTURA-MORANGO			1	15

Fonte: PEM (Relatório 2005)

ANEXO E

Roteiros e Conteúdos das Entrevistas

ROTEIROS

CARGO DO REpondENTE

Diretor

PERGUNTAS

- Em sua opinião, o que significa e qual a importância das atividades de trabalho remunerado desenvolvidas pelos presos na PEM?
- A viabilização de trabalho, para o preso, apresenta algum tipo de obstáculo ou limitação, na PEM ou fora dela? Em caso positivo quais são eles?
- Na sua opinião o trabalho para presos é uma medida necessária para o processo de ressocialização, ou apenas para satisfação imediata de suas necessidades materiais e de seus familiares?
- Existe clima e estrutura favoráveis, para a viabilização de trabalho para presos, na PEM?
- De que forma as atividades de trabalho remunerado, desenvolvida pelos presos, atendem aos objetivos da Instituição PEM e a seus objetivos como diretor da Unidade?

CARGO DO RESPONDENTE

Agente Penitenciário

PERGUNTAS

- O que significa o trabalho remunerado dos presos, na perspectiva do Agente Penitenciário?
- Você entende o acompanhamento do trabalho do preso, como atividade essencial do Agente Penitenciário?
- Na sua opinião, qual seria a prioridade em conceder de trabalho para o preso, dentro do Sistema Penitenciário? Por que?
- A ausência de atividades de trabalho remunerado para o preso, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do papel do agente na Unidade Penal?
- Na sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que o trabalho remunerado, dos presos, proporciona a PEM?
- O trabalho remunerado para o preso, exige maior empenho da parte do agente no cumprimento de suas obrigações funcionais?

CARGO DO RESPONDENTE

Técnico

PERGUNTAS

- Em sua opinião, o que significa e qual a importância das atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas pelos presos, na PEM?
- De que forma as atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas pelos presos, atendem os objetivos da PEM e seus próprios objetivos enquanto técnico responsável pelo tratamento penal?
- A ausência de atividades de trabalho remunerado, para os presos, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do trabalho do técnico, dentro da Unidade Penal?
- Em sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que resultam das atividades de trabalho remunerado, realizado pelos presos, na PEM?
- Aponte, se houver, algumas limitações que no seu entender prejudicam ou inibem a concessão de trabalho remunerado para os presos da PEM?

CONDIÇÃO DO RESPONDENTE

Preso

PERGUNTAS

- O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM?

CONTEÚDOS

A) ENTREVISTA COM PRESOS

Entrevista nº 1

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- Olha! Pra mim é muito importante, primeiro porque me devolve a cidadania e dá oportunidade de eu poder tá ajudando a minha família financeiramente né? Por que a remuneração é muito importante nesse sentido de ajuda pra preso até material de higiene de manutenção do próprio interno ajuda a gente pra caramba e dá oportunidade de ajudar minha família, também me dá uma oportunidade de se o canteiro me conduz a uma profissão eu de repente exerço essa profissão lá na rua, pra mim vai ser importante.
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- A maior dificuldade dentro da unidade assim dentro do sistema pra trabalho acredito que.. acho que até pro funcionário, pro interno assim... é a questão da segurança a ferramenta é complicado, mas é também o horário também as vezes a gente chega no canteiro de trabalho e daí a ferramenta demora um pouquinho pra chegar ela tem que passar por uma vistoria né? aí dificulta, demora um pouquinho mais pra gente começar a trabalhar e diminui um pouco a produção, só isso !!
- **P 2**- Pra você é só isso?
- **R 2**- Só isso.
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- É de tudo isso aí que agente tá falando a respeito, bom pra mim é o canteiro de trabalho .. o caso da profissão o canteiro de trabalho ele me abre um caminho para uma profissão para eu poder ter uma função lá na rua, pra mim é importante, ajuda também é a parte da remuneração, também é importante também, como eu mencionei.
- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4**- A mudança assim Doutor só se que bom seria se todo interno pudesse ter a oportunidade de trabalho, né? por que eu acho que o espaço também é pequeno mas o canteiro de trabalho, qualquer canteiro de trabalho que tenha dentro de um sistema

penitenciário ajuda o preso a de repente assim a pensar de uma forma mais de socialização então o canteiro de trabalho pra mim, acredito que deveria ter mais canteiro de trabalho e umas profissões assim que desse, continuasse dando pro interno ter um seguimento lá na rua , ter uma oportunidade lá na rua , que no setor que agente ta trabalhando ali, agente trabalha com antena de aparelho celular né !!no geral de telecomunicações isso dá oportunidade de eu continuar a exercer essa função lá na rua, o canteiro de trabalho é bom deveriam , de repente se tivesse condições e a gente sabe que não é tão favorável assim, é difícil até pra o Estado atrair empresas pra dentro do Sistema Penitenciário mas a empresa que desse condições da gente continuar exercendo um trabalho até mesmo para essa própria empresa lá na rua pra gente te a oportunidade de não sair de mãos abanando, saí sem um emprego, saí desestruturado de repente essa empresa oferece uma oportunidade... essa empresa aqui que eu to trabalhando que é a SICAL, não sei de pode mencionar né? Então ela diz ... o empresário diz que se a gente quiser continuar um trabalho com eles, de repente eles contratam a gente pra trabalhar lá fora lá, isso ajuda muito.

- **P 5-** Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- **R 5-** Eu trabalharia independente da remissão de pena, como agente, como eu mesmo já disse a remuneração é importante a oportunidade.. de repente a gente ta exercendo uma profissão que essa empresa tá oferecendo pra gente trabalhar aqui, agente continua trabalhando nela, lá fora, como eu já mencionei. Pra gente a maior a dificuldade pro preso é saí e não tê uma estrutura lá fora a gente não consegue trabalho e tal, isso aí é difícil pro preso embora o pessoal diz que não tem preconceito mas existe um preconceito muito grande né!! isso aí que mais importante do seguimento.
- **P 6-** As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6-** Ah !! sim, com certeza, essas atividades encaminham a gente, pelo menos, pra ressocialização, ajuda a gente a não ficar.... assim por que a gente tendo alguma coisa pra fazer, poder mostra pra família da gente que a gente ta tendo uma boa intenção pra gente mudá de vida... por que a família da gente também tem uma expectativa pessoal da gente, por que nem um pai nem uma mãe quer ver um filho preso também, então isso aí ajuda muito também no caso assim social, por que a família da gente vê, a gente também, pô !! meu filho também não qué sabe mais dessa vida que a gente leva e a gente também, é difícil a gente reconhece assim que a gente erra mas o ser humano erra com frequência ... mas a parte mais importante também do trabalho é visão da própria família da gente como o que a gente quer desenvolver, o que a gente quer lá na rua de repente ser integrado novamente à sociedade né!! então as atividade daqui nos ajudam, com certeza, por que ta encaminhando a gente pra uma profissão. Aqui também tem escola também que eu acredito que dentro do sistema penitenciário o que mais deveria ser investido em educação, por que o senhor mesmo quando o senhor trabalha com a gente aí o senhor sabe que a maior parte das pessoas que estão dentro do sistema penitenciário são semi-analfabetas ...é pouca as pessoas que tem um nível de, pelo menos, ensino médio, eu mesmo quando eu comecei a cumprir pena minha escolaridade era só o ensino fundamental, hoje eu tô cursando o ensino médio e foi a unidade que me proporcionou isso aí. Então eu não posso dentro dessa unidade

aqui, sem demagogia eu não posso reclamar de nada, por que foi oferecido condições pra que eu ganhasse pelo menos uma melhora, pelo menos pessoal, pra mim mesmo...essa mudança é pra mim mesmo. No campo de atividades dos canteiros também, pra mim, tá sendo o trabalho que eu tô exercendo, eu acho que no meu ponto de vista, excelente.

- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM?
- **R 7-** Seria difícil...seria difícil por que o trabalho livra a gente de muitas coisas, tira essa coisa de cadeia, por que a gente tem muito tempo que é inútil né!! então sem o canteiro de trabalho com certeza a convivência já é difícil até na rua, até na família da gente agente tem discussões... eu acredito que se não tivesse canteiro de trabalho haveria muito mais problemas pra segurança. O canteiro de trabalho com certeza ele mostra uma oportunidade, por exemplo, as pessoas que querem realmente aproveitar essa oportunidade do canteiro de trabalho pra de repente ter a oportunidade de seguimento lá na rua, profissional, na escola, qualquer canteiro que esteja dentro da unidade, qualquer coisa que tivé automaticamente tá desmarginalizando a gente. Essa oportunidade de trabalho é excelente por que o tempo inútil é que faz acontecer as coisas de ruim assim dentro da cadeia o cara fica sem tempo pra fazer, fica ali !! fica chateado e de repente um companheiro ta do lado, daí acontece muita confusão, mais por causa do tempo, tem um monte de tempo não tem nada pra fazer...até a ressocialização sem um trabalho, sem um canteiro de trabalho, de estudo dentro de uma unidade penal eu acho que é complicado e a prova disso é a própria PEM né !! aqui sempre tive escola, sempre tive canteiro de trabalho, aqui a confusão é mínima aí o senhor pega e faz comparação com uma penitenciária que não tem canteiro de trabalho, que a população carcerária é muito grande... fica ruim até, acredito, pra segurança.

Entrevista nº 2

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- Muito bom ! muito bom !, é interessante que aqui o preso pode trabalhar , tem o estudo pra fazer.. é muito bom !
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- É seria bom se tivesse uns novos canteiros, né senhor? por que tem uns canteiro que são meio difíceis né ! são umas coisas meio difíceis de fazer, mas seria bom novos canteiros né !essa oportunidade a gente acha que é muito bom, é interessante.
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- Traz muito, de volta a sociedade, nós aprendemo muito isso daí com os técnico da casa, isso é muito interessante são muito educados ensina a gente como a viver no meio da sociedade entendeu? ..é muito bom.
- **P 3**- E a questão da remuneração ajuda ?
- **R 3**- Ajuda muito..muito!, eu mesmo tenho prisão de quatro meses que to aqui na Penitenciária, aprendi muitas coisas disso, hoje em dia eu penso totalmente diferente, sair na rua e reconstruí minha família ... viver a vida dignamente.
- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4**- Poderia melhorar se abrisse outro canteiro um pouco maior, que nem onde nois trabalha ali é um pouco pequeno né !
- **P 4**- Pouco espaço?
- **R 4**- O espaço... mais que entre uma ventilação melhor senhor que ali é meio abafado.
- **P 4**- E na questão do relacionamento tanto do técnico como da segurança, alguma coisa que poderia melhorar?
- **R 4**- Não, não há problema não, tranquilo, graças a Deus !
- **P 5**- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?

- **R 5-** É de ajudar minha família né ! o pouco que a gente ganha aqui já ajuda muito, uma passagem, uma coisinha aí né !
- **P 5-** Mesmo que não houvesse remissão você continuaria?
- **R 5-** Continuaria, que a gente tem que tá completamente ligado na liberdade né senhor! liberdade é isso aí , dia a dia da pessoa muitas pessoas humilde executa o serviço, o trabalho tal.. dedica a uma família.
- **P 6-** As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6-** Sim, sim... sim por que aqui a gente já ta tendo uma oportunidade né! por que o serviço que a gente tem aqui já é uma oportunidade, aprende a fazer esse tipo de serviço e isso aí tem muitos canteiros na rua, tem muitas firmas que precisa, então seria um modo mais fácil de arrumar um serviço no meio da sociedade pela experiência que a gente aprende aqui, de adquirir um serviço e tal.. tem vários outros setor também, tem serigrafia, sacola são coisas muito interessante, é muito, tem muito no mundo hoje nosso né! que é muito ocupado.
- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?
- **R 7-** Seria por que aonde a gente ...é que nem os outros dizem né! mente parada é a oficina do bicho ruim né senhor! então tendo o que fazer não tem o que pensar em coisa errada né senhor! por que a pessoa parada fica numa conversa de um, de outro ...as vezes nem da vida do crime não é mas começa a se envolver. Tendo um setor dentro do sistema penitenciário o que acontece, a gente não tem tempo, não perde tempo da gente, o tempo é bem usado, a gente tá aprendendo uma coisa certa que é trabalhar, ter uma vida dignamente honesta, acho muito interessante.

Entrevista nº 3

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- Com a oportunidade que a gente tem na casa, com essa oportunidade a gente procura mostrar pros técnicos, prá todo mundo, que tá procurando regredi, regredi não !, progredi né! com o sistema ..procurando progredi na sociedade e esse é um meio também da gente diminuí a nossa pena e com o dinheiro que a gente recebe do serviço, aqui na casa, é o dinheiro que a gente ajuda nossa família e também o dinheiro que a gente usa pra comprar produtos de higiene, as vezes até alimentos pra gente utilizá.
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- É, o que pode incomodar é se eu tiver trabalhando num setor e nesse setor não tivé tudo bem com o outro interno.. eu chegá num agente , num funcionário superior e explicá a situação pra ele e aí ele não poder me ajudar, não poder trocar de setor. Se pudesse trocar de setor ajudaria bastante por causa que não teria nenhum contato entre eu e o outro interno, não haveria briga, não haveria discussão e os dois trabalharia sossegado.
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- Como assim remunerado?
- **P 3**- Trabalho que você recebe, você trabalha aqui e recebe por isso, você acha isso importante pra você? Quais os benefícios que esse recebimento te traz?
- **R 3**- É bom, por causa de que quando a gente trabalha aqui dentro, com nosso suor, a gente vai ganhando nosso dinheiro e através disso a gente vai aprendendo que não é só aqui dentro que a gente pode trabalha pra ter nosso dinheiro, lá fora também. Então a gente deve usá o mesmo sistema que a gente usa aqui dentro, trabalhando dignamente, ganhando nosso dinheiro esforço. Lá fora também, na sociedade, na empresa que a gente arruma.
- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4**- Não... por causa de que do jeito que tá as coisa já tá bom né! agente tem oportunidade , o pessoal dá a chance pra gente, as vezes nós por ser ignorante, meio arrogante também que, a gente perde a oportunidade
- **P 4**- Não só no meio de trabalho, também ambiente, a demora, relação com o agente, com funcionário da empresa...alguma coisa que você acha que poderia melhorar ou, tá tudo Ok?

- **R 4-** Da minha parte ta Ok! a única coisa que podia melhorar...que nem quando a gente é desemplantado, pra gente entrar na fila de espera pra outro setor é que demora bastante né! essa parte podia melhorar.
- **P 4-** Você acha que o tempo é muito longo?
- **R 4-** Sim senhor.

- **P 5-** Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- **R 5-** Mesmo não havendo remissão eu gostaria de trabalhar, por causa de que, que nem eu já disse antes, com o dinheiro eu posso ajudar a minha família lá fora e também posso comprar os produtos de higiene. Mesmo sem remissão é um trabalho digno e a gente utiliza ele futuramente.
- **P 6-** As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6-** Pode, por causa que aqui na casa eu fiz um curso de restauração de livro e restauração de livro é uma atividade, na rua, que não tem muitas pessoas que utilizam, que não tem essa oportunidade de fazer restauração de livro e lá fora as pessoas que fazem restauração de livro são bastante requisitadas então ajuda a gente aqui dentro, como lá na rua também.
- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?
- **R 7-** Seria mais constrangido, tanto que na maioria do tempo a gente fica sem fazer nada, fica com o tempo vago e não ajudaria em nada por causa que o trabalho, além dele ajudar a gente, faz a gente distrair a mente, pensar em outras coisas.

Entrevista nº 4

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- Significa uma opção que o preso terá né! quando chega a liberdade, poder progredir mais, ter um futuro melhor né! e dentro da unidade também ter uma ocupação da mente, que sita a ressocialização de uma pessoa, acho que começa aí, né! trabalho, então isso que a casa oferece acho que é muito importante é o primeiro passo que a gente tem que dar, é isso aí.
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- O que mais me incomoda, em todos os canteiros que eu trabalhei até hoje eu acho que nada me incomodou, tudo que eu pretendia fazer eu fiz, fiz com responsabilidade, profissionalismo, adquiri uma profissão e contribuí no trabalho com os estudos, dividi as tarefas, sempre quis ter meu objetivo, pra mim eu acho que não atrapalhou em nada.
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- Acho que o trabalho remunerado, acho que ele ajuda muito o interno né! na parte de alimentação, comer alguma coisa diferente, uma fruta o material de higiene que o preso necessita de cada dia, né! então acho que isso é muito importante , a parte remunerada.
- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4**- Eu acho que tem um lugar que dispõe hoje eu acho que deveria colocar um pouco mais , como se fala a dizer, acho que um pouco mais profissionalizante, mais aperfeiçoado né! acho que isso ajudaria muito, não só o trabalho aqui dentro mas como uma futura vida de trabalho também na sociedade.
- **P 4**- Você entende que os canteiros deveriam auxiliar mais o preso a se profissionalizar e não só a prestar serviço
- **R 4**- Não prestar serviço pra ganhar remissão, né! acho que dar ao preso um profissionalismo, uma chance de um mercado futuro.
- **P 5**- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- **R 5**- Minha proposta acho que é primeiramente é ocupação né! na mente de um interno e colocando na mente também a gente adquirir uma nova profissão, uma ocupação com uma nova profissão.

- **P 5-** Mas mesmo que não houvesse remissão de pena, você acha que continuaria trabalhando?
- **R 5-** Eu acho que seria muito importante continuar trabalhando, por que o tempo que a gente tem aqui hoje, pra gente cumprir nossa pena, acho que é o tempo que a gente tem para aprender alguma coisa a mais, não só valorizá só o dinheiro.
- **P 6-** As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6-** Eu acho que sim, eu acho que ajuda bastante sim.
- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?
- **R 7-** A palavra mais falada no sistema, acho que seria uma tortura sem trabalho, eu acho que sem trabalho seria uma tortura.

Entrevista nº 5

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- Consigo realizá-lo da melhor forma possível, ajudando a gente a ganhar o sustento, pelo menos o material higiênico, pessoal, particular né! ele tem sido bem desempenhado né! no meu modo de ver, com empresas terceirizadas a unidade hoje, no Paraná é que tem o maior número de empresas terceirizadas dentro do sistema.
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- É aquilo que eu disse pro senhor né! tipo assim a unidade como um todo deveria reuni e conversar com o mestre nesse setor pra ter um porta voz pra ta colocando o que tá acontecendo em cada setor, todos os dias pra segurança e pros técnicos.
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- Ah! Deve ter o que eu já disse pro senhor, é alimentação o que a gente pode comprar com ela, a gente desenvolve nela uma maneira de ocupar a cabeça , tá entendendo? tá ocupado, tá desempenhando o serviço da melhor forma né!.
- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4**- É que nem eu já disse pro senhor eu sugeriria, tipo assim, que toda vez que houvesse uma desocupação de cada setor as pessoas que já tivessem na fila, na vez no momento, ela deveria entrar para mostrar um pouco das qualidades que ela tem também.
- **P 5**- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- **R 5**- Uma remuneração compatível com o salário né! pra poder tá ajudando a família, honrando o compromisso com a família, com filho, esposa.
- **P 5**- Então, se não houvesse remissão de pena o salário deveria ser melhor?
- **R 5**- Olha! eu acho que sim, a remuneração deveria ser , não compatível com um salário, hoje, da sociedade, um pouco menos mas que fosse razoável que desse razoavelmente bem.
- **P 6**- As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?

- **R 6-** Pode que nem é o caso da serigrafia, o caso do lixamento de Jeans, da bicicleta e de outros setores que tem a casa né! e ele pode tá ajudando. Tem o setor de informática, vai profissionalizando o preso de certa forma, tem os cursos também que a casa ministra, uma vez por semana, que tá capacitando pelo menos um conhecimento.
- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?
- **R 7-** Seria difícil né! não teria forma de ocupar a cabeça, não teria forma de começar a caminhar, tentar se ressocializar né! por que o preso em si, ele já tá preso por um delito cometido mediante a vadiagem, vadio a cabeça ficou vazia ele vai e comete um delito hoje é provado cientificamente e estatisticamente, é assim.

Entrevista nº 6

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- Olha! é como podemos dizer assim é um desenvolvimento que a gente tem aqui dentro aqui a gente já tem um pouco mais de noção de calma, de não ficar o tempo todo dentro de um xadrez , que nem é no caso de uma comarca, é você muda um pouco sua visão, você expande ela por que você tá trabalhando você não está pensando em coisa ruim, você não tá pensando em fugir e nem agredir ninguém, é como podemos dizer é um ajuda que a gente tem né! de passar o tempo, é um desenvolvimento muito bom mesmo, na cabeça de uma pessoa.
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- Os horário, é muito curto os horário, por exemplo começa a trabalhar dez horas e para as quatro horas, Eu acho assim se tivesse um pouco mais de tempo, por que demora para tomar uma geral , pra gente chegar no “X” e pra chegar no serviço, demora muito esse percurso que a gente tem. Eu acho que se tivesse um jeito de diminuir ou ter um outro sistema eu acho que seria melhor pro desenvolvimento.
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- Olha! por que a gente tá trabalhando, eu acho que ninguém gostaria de tá trabalhando sem receber alguma coisa, como a gente recebe, o dia em que a gente assina o pecúlio, todo mundo fica contente, o que que acontece? Todo mundo se junto dentro do “X” que a gente trabalha, todo mundo ali, a gente faz um compra, passa a semana inteira comendo bem, né! compra um material de limpeza, produto pessoal e muitas vezes como o serviço, que nem no caso do jeans, que tem uma remuneração maior que as outras dá pra gente ajudar a família lá fora.
- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4**- Olha! eu acho assim, como poderia falar, se tivesse um pouco mais de compreensão por parte dos agente, na hora do nosso serviço, muitas vezes, que nem no caso do cigarro por exemplo, a gente ter que ir no banheiro fuma, larga a produção parada, eu acho que se tivesse um pouco mais de consciência de um e de outro também, ficar fumando toda hora ali, fazendo fumaceira. Tudo bem, eu acho que fumar todo mundo fuma, eu acho que minha opinião sobre isso aí, é que me prejudica na produção.
-
- **P 5**- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?

- **R 5-** Olha! teria que ser um salário pra poder ajudar a família.
- **P 5-** Seria um salário melhor?
- **R 5-** É, um salário melhor que nem a gente poderia ajudar a família e trabalhar contente, a gente já trabalha contente por causa da remissão, né!
- **P 6-** As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6-** Sim, sim, que nem aqui eu já cheguei até a conversar com seu Delgado, eu aprendi bordado, eu aprendi muita coisa que eu por exemplo se na rua eu sáisse não ia ter profissão, hoje não, hoje eu posso chegar numa fábrica de sacola e falar que eu sei trabalhar, posso chegar numa fábrica de bicicleta e falar eu sei montar uma bicicleta, confiante naquilo que eu aprendi.
- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?
- **R 7-** Olha! é que nem no caso da comarca, fica trancado , vive em revolta, com raiva, agredindo os outros, né! e tentando fuga, eu acho que é isso aí.

Entrevista nº 7

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- Trabalho é muito importante né! especialmente no que diz respeito a terapia ocupacional, dignifica a valoriza o interno por que a partir do momento que o interno, ele adquire um trabalho para ele, dentro do sistema, ele passa a ter uma melhor qualidade de vida até, com a questão da valorização pessoal.
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- Olha! o que mais me incomoda e prejudica no desenvolvimento do trabalho na PEM, aqui é a monotonia, muitas vezes né! a monotonia que incomoda muito né! é sempre quase o mesmo trabalho né! todos os dias né! eu acredito se tivesse uma espécie de trabalho mais diversificado né! em termo técnicos, em termos de cursos assim, eu acredito que melhoraria muito.
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- Olha! a remuneração é muito importante no trabalho aqui dentro do sistema, mesmo porque muitos né! com a remuneração que eles adquire, aqui dentro no trabalho, eles conseguem, inclusive é, se supri de alguma necessidade que eles vem a ter aqui dentro e também consegue passar parte dessa remuneração pro seus familiares.
- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4**- Eu acredito que deveria te mais bom senso, por parte da sociedade empresarial, é, principalmente com relação as penitenciarias por si próprias né! por que eu acredito que falta um pouco de confiabilidade por parte dos empresários né! em relação ao sistema prisional né! o preso com toda certeza, se ele for confiado alguma coisa, com certeza ele também retribuirá a altura.
- **P 5**- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- **R 5**- Apesar da remissão de pena ser essencial, é que a remissão de pena adianta um pouco né! o processo de liberdade do interno, mas isso não é tão relevante também. Assim né! a remuneração também, de certa forma, é importante né! eu acho que a mudança que eu poderia sugerir, nesse caso, seria mais cursos profissionalizante né! pra que essa pessoa também, apesar de não ter, poder contar com essa remissão de pena e contar só com a remuneração mas daí pra compensar essa questão da remissão é mais qualidade nos canteiros de trabalho, contando com cursos profissionalizantes né! assistência técnica mais avançada.

- **P 6-** As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6-** Com toda certeza porque, não somente a mim pessoa, mas muitas outras pessoas n'! conseguiram juntar uma somatória razoável, do pouco que eles ganham aqui, do pouco que eles ganham nos setores de trabalho e com certeza eles adquiriram aqui dentro né! dessa forma né! pode ajudar sim, sem dúvida e muito né! quando eles ingressarem pra liberdade.
- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?
- **R 7-** Olha! eu particularmente acho que seria muito difícil né! e muitos também né! teriam a mesma opinião que a minha porque eu acredito que o interno, sem uma atividade, sem uma atividade propriamente dita né! sem um trabalho por assim dizer, ele se sentiria desvalorizado né! e de até uma certa forma mais enclausurado ainda.

Entrevista nº 8

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- Pra mim significa muito o setor que eu tô hoje, eu tô lisonjeado com a situação que eu tô vivendo, graças a Deus, apesar de estar preso, eu tô me sentindo até livre porque trabalho de dia, de noite eu tô cansado, eu descanso, no outro dia, graças a Deus, eu tô pronto de novo pra trabalhar.
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- Bom! por exemplo, o senhor deve de tá vendo eu aqui bastante sujo assim, mas é porque realmente nós tamo num lugar... é um lugar adequado mas ele tá meio apertado, tá! e se ampliasse um setor daquele ali, se ele crescesse mais, é tudo que uma penitenciária dessa precisa, é crescer, ampliar ele, crescer ele, porque aquilo ali é ... olha! sem palavras.
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- Ah! Eu acho que, tanto preso como na liberdade, o benefício que nós ganhamos, cada uma, é pra se manter, pra gente poder fazer alguma coisa que a gente, né! a remuneração ajuda bastante eu posso no dia de amanhã, por exemplo, até hoje eu quase não ajudei a minha família, vou falar a verdade, porque eu trabalhei em setor eu ganhava menos, mas agora faz uns três ou quatro meses que eu tô no setor que eu tô ganhando uma remuneração já mais boa, que eu posso até ajudar alguém que já me ajudou bastante ou, até mesmo, guardar pra mim, pra hora que eu sair lá fora poder dá uma continuação na minha vida né! bastante...
- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4**- Bom! como eu já disse que lá só depende de uma ampliação maior, só isso mesmo, graças a Deus tá todo mundo trabalhando, como o senhor já foi lá, como o assistente social, todos já foi lá, já viram ali não temo nem como ficar conversando com outro e contato com o guarda, o guarda tá sentado lá, ele só conversa com a gente memo se a gente for lá pedir um remédio ou alguma coisa parecida. Mas graças a Deus, quanto a isso aí tá perfeitamente.
- **P 5**- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- **R 5**- Outra coisa, outra questão que a gente é bastante, sabe! A gente trabalha também bastante pensando nessa situação porque a gente depende dessa remissão de pena, que é um decreto do presidente, tá no código penal e isso aí ajuda bastante também, viu! Eu não sei nem dizer pro senhor se tirasse essa situação aí...eu...!!!

- **P 6-** As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6-** Com certeza, com certeza eu não, porque eu já disse pro senhor que faz poucos dias aí mas eu se tivesse três ou quatro anos trabalhando num setor, como desse daí, eu teria dado dinheiro pra mim abrir até uma micro-empresa, se eu quisesse lá fora.
- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?
- **R 7-** Já vivi, eu tô a muitos anos, sou preso bastante antigo, é e não tenho nem explicação do ruim que é tá num lugar sem nenhum canteiro de trabalho, sem sua cabeça numa atividade, não tem nem explicação é muito ruim, é muito e dá atraso, dizendo na língua do popular, é que nem dizem mente vazia é oficina do diabo, né! então e isso daí.

Entrevista nº 9

- **P 1-** O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1-** É uma perspectiva de futuro né! agente tá na unidade aqui, só tira cadeia, agente não vamo passa... é só uma passagem aqui nesse lugar, agora agente faz um curso, faz um trabalho, agente já tá aperfeiçoando nossa mente, quando nós saí lá fora já engrena num mercado de trabalho, já tem um costume né! coisa que eu não tinha, já trabalhei bastante quando eu tava na rua , mas não tinha o costume de trabalha, mas fazer coisa errada. Agora não, trabalhando tamo firmando nossa mente que se aqui nós consegue vencer trabalhando, lá fora vai ter muito mais espaço.
- **P 2-** O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2-** A demora da ferramenta para chegar no setor de trabalho.
- **P 2-** É?
- **R 2-** Demora da ferramenta para chegar no setor de trabalho, mesmo que nós tem que ter a visão de que os funcionários solta nós, depois vai soltar o restante da cadeia, pra depois chegar lá, né! mas nesse intervalo emperra um pouco.
- **P 3-** O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3-** A remuneração do trabalho, pra mim é bom porque eu como alguma coisa diferente que eu compro na compra, pago a circular, a condução pra poder minha mãe me visitar, então eu tenho que controlar dessa forma, né! eu preciso de um calçado, de uma roupa, eu não gosto de ficar pedindo nada pra minha família e tando trabalhando pode até comprar a prestação e ficar pagando mensalidade né!.
- **P 4-** O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4-** Tô encantado né! senhor mas se fosse pra minha expectativa da minha empresa particular...
- **P 4-** A sua expectativa, não exatamente nesse canteiro que você está, o que você acha que poderia melhorar, nessa relação?
- **R 4-** Uns curso mais atualizado né! uns curso mais atualizado, nós tem um curso de electricista pra mim vai ser de grande serventia, mesmo que eu não trabalhe na área de electricidade , mas vai ser de grande serventia, uns curso mais atualizado, curso de computação.
- **P 5-** Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?

- **R 5-** Se não tivesse remissão de pena, ia sobrar a remuneração, pra mim tem um valor a remuneração, eu usufruo dela e pra dignifica agente, pra pegar o ritmo do trabalho, entendeu?
- **P 5-** Mesmo sem remissão você continuaria trabalhando?
- **R 5-** Eu, com certeza, mas a remissão é de grande valor.
- **P 6-** As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6-** Sim, com certeza, com certeza né! já trabalhei na serigrafia, sei fazer tudo aí, de serigrafia, se eu sair na rua aí, se eu pegar um trabalho de impressor de serigrafia já desempenho o papel. Gosto desse serviço que eu tô fazendo aí, , também de cabo de antena também, é uma coisa que eu tô aprendendo ainda, mas se na rua eu tiver uma oportunidade, também, a questão da oportunidade lá fora né! chegar lá fora as pessoas acreditá que a gente realmente mudou e quer começar uma nova vida mas, tem que ter uma oportunidade né!.
- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?
- **R 7-** Seria, com certeza muito mais ruim, ficamos um tempo na 7º galeria ali sem trabalhar sem nada, porque o trabalho, queira ou não queira, a gente tá envolvido no trabalho ali, a mente tá naqueles pontos e já não fica martirizando aquelas neurose de cadeia, aqueles pensamento ruim. Todo mundo tem problema e você fica ali focalizando os pensamento naquilo ali, a gente acaba prejudicando a gente mesmo acaba atraindo as coisa ruim pra gente e tando trabalhando, não. Trabalho, estudo, chega a tarde faço um lição, quer dizer é uma válvula de escape sobre a neurose de cadeia, né!. Agente ajuda no raciocínio, convive com outras pessoas agente tem uma terapia, vira uma terapia né!.

Entrevista nº 10

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- Significa uma ajuda pra nós mesmo né! uma distração, porque a gente, muitas vezes, quando não tem muito o que fazer, fica pensando em fuga né! pensando nos familiares lá fora então, é de bastante ajuda pro preso.
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- Possa melhorar? Ah! Isso aí, pra mim, tá de bom tamanho não tem o que falar não.
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- Os benefícios, aí...
- **P 3**- O trabalho remunerado é você receber pelo trabalho, que benefícios ele te traz?
- **R 3**- É, traz uma boa ajuda né! pra meus familiares lá fora, né! sobra um dinheirinho a gente manda, agente faz compras aqui também, dentro do presídio, é higiene, essas coisas que a família da gente deveria gastar lá fora pra mandar pra gente. A gente compra aqui mesmo, até facilita bastante.
- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4**- Mais espaço seria melhor, só isso.
- **P 5**- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- **R 5**- Ah! Se não tivesse remissão, a minha proposta seria um salário que nem eles pagam pra gente mesmo, que é uma grande ajuda que eles dão pra gente.
- **P 6**- As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6**- Ah! sim e muito, é de grande ajuda, as vezes tem gente que entra aí e não tem nenhuma profissão né! aí aqui eles já tira uma profissão, aprende a fazer uma coisa útil pra seguir em frente lá fora.
- **P 7**- Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?

- **R 7-** Ah! seria dificultoso, seria muito difícil pra nós mesmo.
- **P 7-** Por que?
- **R 7-** Ah! pelo fato de você tá trabalhando, você tá...você não vai tá pensando em nada, você vai tá ali, como é que se diz essa palavra aí? com atenção naquilo lá, então você não vai tá pensando em nada lá na rua, nem em outro local, você vai tá pensando no serviço que você tá fazendo.

Entrevista nº 11

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- Pra mim é importante né! é além de eu ajudar minha família, o dinheirinho que eu ganho aí, abaixa minha pena né! a gente não fica pensando bobagem então influencia muito o tempo da gente mesmo, então pra mim é importante.
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- Olha! pra mim nada, pra mim no momento nada tá me incomodando né! a não ser esse probleminha de falta de ar, questão do pó que é muito né! só isso no momento até agora é o que tá me incomodando.
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- É! ele me proporciona, em vários motivos, ir embora mais rápido né! então é que nem eu já falei, ajudar minha família eu tô ajudando minha família, esse dinheiro pra mim tá sendo bom, pra mim tá sendo ótimo até agora.
- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4**- Pra mim tá... pra mim tá bem eu não tenho nem o que falar muito né! pra mim tá suficiente.
- **P 4**-Mas a mudança pode ser também de ambiente, no funcionamento, no relacionamento enfim, não tem nada que você ache que poderia mudar para melhorar?
- **R 4**- Ah! que nem aquele setor do jeans, se fosse um lugar mais arejado seria bem mais melhor, seria mais melhor.
- **P 5**- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- **R 5**- Olha! se não tivesse a remissão da pena, pelo dinheiro a gente ia, agente não fica pensando muitas coisa, não tá envolvido, muito, com o pátio e desde quando eu tô aqui trabalhei um ano na lavanderia, freqüentava o pátio, por causa do trabalho que era meio puxado, faltei bastante na aula, , mais seria uma boa assim aas pessoas não pensa muita maldade, muita coisa ruim.
- **P 5**- Então! pelo salário, só, mesmo que não houvesse remissão você trabalharia?
- **R 5**- Eu trabalharia senhor!

- **P 5-** Te alivia, né?
- **R 5-** É, não fico pensando tanto na rua, na minha família, então...toma o meu tempo.
- **P 6-** As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6-** Com certeza, com certeza é que nem esse trabalho nesse setor de jeans aí, se eu quiser trabalhar com eles, as porta tão aberta, vou trabalhar uns seis meses até arranjar outro serviço, outro trabalho pra mim.

- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?
- **R 7-** Seria ruim, por que veja bem, a gente fica o dia inteiro naquele pátio ali e no setor a gente só desce no sábado ou quando chove e as horas que fica ali já atrapalha bastante.

- **P 7-** Por quê?
- **R 7-** Ah! é que você demora muito tempo pra sair do pátio então, quando sai o sol é forte demais, dá uma dor de cabeça, muita conversa sem futuro....então se houvesse mais trabalho nas penitenciária muitos presos saem iam saí também diferente, porque fica parado só pensa coisa má, se reuni todo mundo ali, só sai o que não presta, muitos as vezes saem da cadeia pior, porque uns tem coragem de matar e outros não tem e fica ali tudo junto.

Entrevista nº 12

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- Ah! significa muito importante né! a gente tendo uma responsabilidade aqui né! a gente também adquire responsabilidade lá fora, quando a gente sair, a gente tem perspectiva de vida e tudo a gente quer mudar também. A gente vive aqui, bom! tem uns que querem trabalhar, tem uns que vai pro outro caminho né! mas o senhor pode ter certeza que a gente também quer adquirir um conhecimento pra poder agir lá fora também.
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- Sobre o trabalho...?
- **P 2**- É! trabalho, ambiente, relacionamento, nessa proposta de trabalho de vocês tanto no relacionamento com os agentes, com os funcionários do canteiro, espaço físico, o que você acha que incomoda e poderia melhorar?
- **R 2**- Melhorar! bom, alguns sistemas ali na informática, trabalho com digitação, como correção de texto, que facilitaria só isso mesmo e no restante não tenho nada a adicionar.
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- Quais os benefícios? Quais os principais? Bom a gente trabalho né! a gente também tem o nosso dinheirinho então, talvez nem precise vir da família, no caso em questão de dinheiro, para comprar material higiênico e tal, alguma coisa que ser comer diferente vai lá e compra, é muito importante isso.
- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendessem melhor sua expectativa?
- **R 4**- Quanto a isso não tenho nada a questionar.
- **P 5**- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- **R 5**- Se não houvesse remissão de pena, mas daí a remissão de pena é muito importante para nós, então...
- **P 5**- Você não sabe se continuaria trabalhando se não houvesse remissão?
- **R 5**- Não, por isso a agente fica.

- **P 5-** Mas é um aspecto importante?
- **R 5-** É muito importante para nós.
- **P 6-** As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6-** Sim.
- **P 6-** Por que?
- **R 6-** É, como pode! pelo fato mesmo do conhecimento, o conhecimento que a gente vai adquirindo, pelos cursos que a gente vai fazendo também aqui, quer queira quer não o curso é um trabalho também, dentro da penitenciária, então é uma coisa muito importante pra nós, o conhecimento e a profissionalização.
- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?
- **R 7-** Ah! seria horrível, seria muito ruim ficar trancado assim sem nada, sem uma ocupação, sem nada pra fazer, seria horrível.

Entrevista nº 13

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- Bom! pelo menos eu tive uma criação familiar que o trabalho é realmente dignificante, ele é realmente dignificante, no meu modo de entender, qualquer tipo de trabalho ou atividade porque ela te ensina muitas coisas como, especificamente aqui, como ocupar o seu tempo, como é que se diz? cabeça sem nada pra fazer, sem nada pra pensar, sem mãos trabalhando tudo vira uma oficina do diabo né!. Eu creio que, mais do que em qualquer outro lugar, aqui o trabalho deve ser , não creio que haja esse ou aquele tipo de trabalho que seja mais ou menos importante, mas acho que dentro da instituição penal, como esta, trabalhar é um fator importantíssimo, até pelo salário , pela remissão, isso tudo acaba revertendo em benefício do preso e eu mais do que ninguém sei o quanto o benefício da remissão acaba pesando no número de anos que se diminui, eu tive a grata satisfação, quando ao ser preso, no outro dia já poder trabalhar. Até hoje eu tenho trabalhado e não me arrependo disso e tenho visto que a luz no final do túnel ela é mais próxima, realmente, do que tá. No meu ponto de vista o trabalho é fundamental pro homem e numa instituição prisional, mais importante ainda né!.
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- Embora, no meu ver, embora estando na condição de preso, eu não compactuo muito com o preso em si é, eu nunca tive uma atividade, não vivi para o crime, nem do crime, cometi um crime e não concordo muito com o pensamento da massa carcerária, porque muitas vezes é um pensamento destrutivo, criminoso e não aceitam comando, não aceitam limitações e isso é próprio de pessoas que não tem uma... não foram criados, não aceitaram na sua criação as limitações impostas da vida, que é normal, que é natural e que é benéfica pra se viver na sociedade. Então eu fico muito incomodado com situações assim de vivência comum o despreparo higiênico, o despreparo alimentar, julgam cada coisa importante na alimentação, informações totalmente erradas, a falta de cultura, assim é muito grande, o nível de analfabetismo é gritante então, realmente, falta muita cultura pra esse povo, uma cultura inclusive primária e isso acaba me incomodando muito né! temos a biblioteca aqui, eu leio sempre livros e é difícil você ver presos lendo livro, então eu creio que me incomoda muito é a deficiência cultural que se tem né! do preso.
- **P 2**- Isso é perguntado em relação a atividade de trabalho. Você acha que isso repercute na postura e no trabalho também?
- **R 2**- Com certeza.
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?

- **R 3-** Acho muito válido, acho importantíssimo, eu reconheço o trabalho como transformador, você acaba criando acesso a pagamento, assinatura, recebimento do salário, eu fico muito contente quando eu vejo pessoas que tão mandando, pra casa, trinta reais, vinte reais, quarenta reais eu fico contente, assim, quando podemos comprar, as pessoas tem dinheiro pra suas manutenções de suas necessidades, aquilo que ele julga necessário, aquele extra que a instituição não fornece, ele tem um desejo e tem essa possibilidade então eu vejo, como fatos assim, extremamente positivos eu mesmo me benefico disso, também trabalho, também ganho, fico muito contente em poder usar aquele dinheirinho, naquela semana, também é uma coisa muito importante pro preso.
- **P 4-** O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4-** Eu acho que nada pois o valor , na minha opinião, o valor que se paga é um valor suficiente para que se compre aquilo que... na verdade é luxo para o preso. Estou aqui a sete meses eu tenho visto que se recebe o que se precisa para sobreviver, agora o salário, quando vem, são mais pra fazer alguma... é uma mordomia, isso mesmo, passa-se a comprar um pasta de dente diferente mas tem aqui, ele passa a comprar doces, coisa que não quer dizer nada com a questão de sobrevivência alimentar, mas é um luxo.
- **P 5-** Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- **R 5-** Eu acho que a remissão é um fator primordial, porque ela determina realmente um pagamento muito expressivo e extremamente importante pro detento que é saber, eu estou trabalhando, estou ganhando a remissão à média de cada três dias que eu trabalho estou ganhando a remissão de um dia , mas eu creio assim , mais importante até do que isso é você tá tendo alguma atividade que mantém você, por algumas horas, fora do que todos chamam de tranca, isso é importantíssimo, você tá trabalhando, você tá diminuindo sua pena, você tá ganhando dinheiro, tá sendo pago além da remissão e não tá trancado em quatro paredes olhando pro teto, você tá fazendo alguma coisa, o tempo tá passando mais rápido enfim é uma alavanca que empurra o detento para fora dos muros da PEM. Eu imagino que, se não houvesse remissão, infelizmente a grande maioria não ia procurar se adequar as condições de trabalho, pelo simples fato de ocupar a sua mente, ocupar seu tempo né! embora muito eu creio que independente de tar ganhando remissão, ou não, trabalhariam da mesmo maneira, né! mas a grande maioria eu penso que não.
- **P 6-** As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6-** Essa questão não foi formulada, ao preso, por tratar-se de um profissional liberal, médico.
- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?

- **R 7-** Seria mais difícil, porque o trabalho gera a remissão e ela é muito importante, é uma maneira é um carinho que o preso recebe por ele estar fazendo alguma coisa que ele pensa, que ele julga ser útil pra alguém, mesmo que seja pra instituição, ele se sente útil fazendo alguma coisa. Assim ele pensa: estou fazendo alguma coisa boa, eu não sou tão mal assim, eu não sou tão inútil assim, eu sirvo, eu sirvo para alguma coisa. Eu acho que a ausência da remissão seria assim...castrante, mesmo na questão do cumprimento da pena, até porque realmente ela seria mais longa, aquela imagem da visão do fim do túnel, ficaria muito mais longínqua muito mais longe do alcance das mãos, isso é ruim.No meu ver é isso.

Entrevista nº 14

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- É uma grande melhoria aos presos né! eu penso que os presos começam aqui já conhecendo um trabalho, mas se afastaram do trabalho e aqui dentro eles bem a ter, dá o valor , principalmente ao salário que ganha, o que evita da família, dispor do dinheiro da família né! então você passa a ter você mesmo, tem sua despesa né! e dá mais valor ao dinheiro, uma das grandes coisas a gente passa a dar mais valor no dinheiro.

- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- Eu pensaria assim, no meu modo de pensar , também não sei se tô pensando certo também, mas acho que o sistema prisional deveria ter uma preocupação assim de botar os presos pra trabalhar em obra da instituição. Eu tenho um pensamento assim de fazer um trabalho pra ajudar o próximo, seria bem mais utilizado o trabalho de um detento pra poder dar valor ao seu próprio trabalho, desenvolver trabalho pra instituições carentes, fazer produtos dentro da penitenciária pra ajudar creches, essas coisas.

- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- Eu trabalho no setor de serigrafia, comecei na montagem de sacolas. Hoje já mudei de setor de impressão aonde eu vi u valor muito grande desse trabalho, coisa que eu não via lá fora. Eu passei a ver o trabalho de serigrafia por outros lados onde talvez, eu montar um trabalho desses pra minha nova vida lá fora é muito útil, você tem outra visão realmente, muitas vezes que nem eu vivi na área da agricultura então, sempre trabalhei naquilo ali, mas nessa área eu aprendi muitas coisas.

- **P 3**- A questão da remuneração também te ajuda?
- **R 3**- Ajuda muito.

- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4**- Eu, pelo tempo que eu tô de trabalho eu acho que o sistema tem que tá bem desenvolvido né! poucos que nem a gente, eu não tenho acompanhamento de outras penitenciárias, mas o que se vê é uma das penitenciárias que o trabalho tá bem desenvolvido a respeito do preso nesse sistema de vários setor, então no meu ponto de vista tá ótimo.

- **P 5**- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?

- **R 5-** Seria os curso né! os curso é muito útil também, a gente também tem como utilizá lá fora, muitos curso eu mesmo fiz, tive a oportunidade de fazer três curso, gostei muito e penso até em amplia esse meu conhecimento, lá fora, a respeito do que eu já aprendi aqui dentro.
 - **P 5-** Então você acha que mesmo não sendo remunerado o trabalho , você continuaria trabalhado?
 - **R 5-** Continuaria, continuaria porque é uma ocupação de tempo pra gente, então, que nem o senhor sabe, a gente fica muito tempo, a gente escuta muita coisa que não quer e acaba falando o que não quer também. Se a gente tá trabalhando, a gente tá direcionando o pensamento lá no trabalho.
 - **P 5-** Então, mesmo se não houvesse remissão de pena, nem remuneração você, assim mesmo, continuaria trabalhando?
 - **R 5-** Continuaria, porque que nem eu já disse no começo pro senhor, o pouco que a gent ganha , aqui dentro a gente dá o valor que a gente não acredita, não depende da família.
 - **P 6-** As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
 - **R 6-** Olha! ajuda, não só eu, como vários presos, a gente conversando a gente vê o aspecto que é saí lá fora e seguir a vida honestamente, na maneira...no pouco do conhecimento que ele teve dos trabalhos que a gente fez aqui, entendeu! A restauração fica no mesmo setor, a gente conversa com alguns presos né! a maioria tem aquilo ali como uma profissão no futuro.
- P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?
- **R 7-** Eu acho que teria acarretado muitos problemas entre si, entre os próprios presos muitos atritos, muita conversa, ficaria muito tempo junto e isso seria bem mais problemático pro próprio preso mesmo. Digamos tem dez presos que tem a mete boa , digamos tem dois ou três que já não tem aí fica vinte e quatro horas junto. No trabalho já não, lá no nosso setor fica lá média de sete a oito horas, que a gente trabalha então a gente tá tendo aquela visão do trabalho e não conversando coisas erradas, conversa fiada, ajuda muito, é bom mesmo o trabalho no sistema.

Entrevista nº 15

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- Significa ocupação, terapia, expectativa de uma vida diferente de um amanhã melhor. Significa todas essas coisas, todas as coisas boas que talvez a gente não fez lá fora e tá aprendendo aqui dentro, através do trabalho, através da disciplina e dessas coisas.
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- Acredito que nada prejudica, nenhuma das atividades, não prejudica, em parte, nenhuma, melhoraria sim é claro que sempre quanto mais canteiros tiver mais possibilidade de aprender e também canteiros com trabalhos que visam o mercado lá fora, trabalhos na área de comunicação ou coisa semelhante.
- **P 2**- Tem alguma que está atrapalhando ou não?
- **R 2**- Está Ok!
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- É importante o trabalho remunerado pelo fato de que a gente pode, através disso, suprir as necessidades básicas, certo que a unidade, ela na medida do possível, procura suprir essas necessidades mas, é essa remuneração que ajuda ainda mais complementar algumas outras coisas e também a gente pode através disso ajudar a família e procurar de alguma maneira tá contribuindo de alguma forma.
- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4**- A respeito dos cursos e alguns meios de trabalho, de aprendizado mais moderno, mais evoluído acho que é isso.
- **P 4**- Você quer dizer que as atividades de trabalho fossem relacionadas com algo mais requisitado no mercado, lá fora?
- **R 4**- Exatamente, por exemplo, até mesmo confecção de roupa, alguma coisa assim de confecção, várias outras coisas relacionada a informática, tecnologia enfim.
- **P 5**- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- **R 5**- Ocupação, mesmo da mente, pra se livrar da ociosidade, isso faz bem pro físico e pro mental, também é muito importante por que acho que o físico e o mental é o

fundamental pra que a gente consiga manter um certo padrão, uma certa qualidade de vida mesmo estando aqui dentro pra poder sair lá fora, ressocializar e tá bem fisicamente e mentalmente.

- **P 6-** As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6-** Pode, restaurar livros é interessante, porque livros tem em todo lugar, em todos os lugares tem bibliotecas nas cidades, então foi uma profissão que eu aprendi, que eu posso usar lá fora , desenvolver.
- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?
- **R 7-** Seria como se dizer assim, seria muito pesado, seria pesado demais porque é como eu tava dizendo, no tempo que a gente trabalha, o período de trabalho a mente da gente fica concentrada no trabalho, nas atividades de trabalho, no local, de repente dentro de um alojamento a mente de uma pessoa que tá presa ela pensa muito, ela pensa muito porque aumenta a ansiedade dela, então a pessoa se torna ansiosa e isso sinceramente é prejudicial é horrível isso, então acho que essa questão do trabalho, do setor de trabalho é fundamental pra se manter, acredito.

Entrevista nº 16

- **P 1** - O que significa, para você, o trabalho desenvolvido nos canteiros da PEM?
- **R 1**- pra mim significa muita coisa, né! a gente aprende muito mais coisa que a gente não sabia, trabalhava na horta colhendo verdura, essas coisas, agora trabalho no canteiro da estufa né! com uma pessoa lá, o mestre, pra mim foi um grande coisa, se eu soubesse que aqui é desse tipo, tinha vindo mais antes pra cá, porque trabalha muito, tem trabalho tem uma ocupação na mente e pra mim o estudo que eu tava fazendo não tava certo né! pra mim a melhor coisa foi vim pra cá, por que a gente aprende, o que eu não sabia tô aprendendo aqui, fiz curso e tudo.
- **P 2**- O que mais lhe incomoda ou prejudica no desenvolvimento das atividades de trabalho na PEM?
- **R 2**- Olha! pra mim tá bom.
- **P 3**- O que você acha do trabalho remunerado dentro da prisão e quais os principais benefícios que lhe proporciona?
- **R 3**- Pra mim é um benefício muito grande porque quando eu sair daqui já tem alguma coisa pra eu fazer lá fora, por exemplo, eu fiz curso de trator, já sei mais né!
- **P 3**- A remuneração é importante pra você? Tô falando de dinheiro!
- **R 3**- Pra mim é importante porque, pra falar a verdade pro senhor, eu não preciso pedir pra minha família, o dinheiro que eu ganho aqui eu compro algumas coisas pra comer né! então pra mim é importante o dinheiro.
- **P 4**- O que você sugeriria como mudança para que o desenvolvimento das atividades de trabalho remunerado na PEM, atendesse melhor sua expectativa?
- **R 4**- Pra mim tá bom do jeito que tá, né!.
- **P 5**- Caso não houvesse remissão de pena, pelo trabalho, qual seria sua proposta para continuar participando em um dos canteiros de trabalho da PEM? Por Quê?
- **R 5**- Se não houvesse remissão de pena não diminuiria a minha condenação, aí não era muito interessante pra mim né!
- **P 6**- As atividades de trabalho remunerado, que executa na PEM, podem de alguma forma lhe ajudar quando retornar à sociedade, após o cumprimento da pena?
- **R 6**- Pode, pra mim, o que eu aprendi aqui eu não sabia né! se eu não acha nada eu posso plantar um semente, planta e vender né! porque o serviço que eu faço ali uma cestinha

daquela ali, vale cinquenta centavos aí eu posso vender, fazer uma estufa e trabalhar eu mesmo.

- **P 7-** Como seria cumprir a pena sem a possibilidade de trabalhar, dentro da PEM? Seria mais difícil? Por que?
- **R 7-** Aí ! eu vou falar pro senhor, é muito difícil porque tando fechado já é difícil e se não tem um serviço aí piorou, aí que a gente, o preso, fica mais pensando coisa errada pra fazer, então ele tendo um trabalho, que nem ele tem aqui, ele tá com a mente ocupada ele tá só trabalhando, ele não pensa em outra coisa, então o trabalho é o principal pra gente...pro condenado.

CONTEÚDOS

B) ENTREVISTA COM AGENTES

Entrevista nº 1

- **P 1** - O que significa o trabalho remunerado dos presos, na perspectiva do Agente Penitenciário?
- **R 1**- Seria uma forma de ocupar o tempo que o preso tem , o tempo ocioso que ele tem ele teria uma ocupação onde ele iria desenvolver tanto habilidades que ele tem como aprender novos ramos que acontecem nos canteiros aqui, ele tanto desenvolve o que ele já sabe como aprende novas coisas.
- **P 2**- Você entende o acompanhamento do trabalho do preso, como atividade essencial do Agente Penitenciário?
- **R 2**- Sim, uma vez que a principal função de um agente penitenciário é a reeducação dele, preparar ele... que eu na minha opinião não seria uma reeducação, seria uma educação né! e o trabalho ele vai fazer parte do retorno dele pra vida social ele vai servir eternamente.
- **P 3**- Na sua opinião, qual seria a prioridade em conceder de trabalho para o preso, dentro do Sistema Penitenciário? Por que?
- **R 3**- Seria a prioridade em níveis né? Dentro do sistema penitenciário, principalmente aqui na PEM, eu digo que ele estaria em primeiro, acompanhado juntamente, não em primeiro nem em segundo a educação que seria a escola e acompanharia junto esta questão do trabalho, eu acho que a soma desses dois objetivos, aí fecha. Seria primeira também, porque a atividade do agente, eu calculo que não tenha o que seja primeira, segunda ou terceira é tudo um foco só em prol da segurança e recuperação do interno pra colocar na rua novamente, tudo que vem a ser favorável pra essa reestruturação dele pra jogar ele na rua novamente, são prioridades que caminham juntas né! a escola, os setores, seja o atendimento deles no nível técnico, eu acho que é a prioridade, a prioridade em si é a recuperação do preso e o canteiro de trabalho tá incluso nessa recuperação.
- **P 4**- A ausência de atividades de trabalho remunerado para o preso, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do papel do agente na Unidade Penal?
- **R 4**- Sim, uma vez sendo distribuído em vários setores de trabalho, vários canteiros, como funciona hoje, facções menores, eles não estão reunido tudo no mesmo local, na ociosidade, uma vez eles estando nesses canteiros o que vai acontecer, uma é as

divisões, cada qual com sua habilidade, cada qual com seu interesse, vai tá desenvolvendo diversos e a gente vai ter que trabalhar tando no pátio ou tando nesse setor indiferente, a função dentro do pátio, nesses setores, é a mesma, a disciplina, o atendimento é sempre o mesmo não tem diferenciação dentro do pátio e do setor. Uma vez que a recuperação do interno se torna maior dentro de um canteiro de trabalho, é viável.

- **P 5-** Na sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que o trabalho remunerado, dos presos, pode proporcionar a PEM?
- **R 5-** Ponto positivo ajuda na pressão psicológica dele, recuperação, a questão da valorização do meio material que tá tendo é um serviço remunerado, a questão de um dia ele vem receber uma visita na unidade ele pode falar “eu sou importante também”, ele tá trabalhando, o trabalho dentro do sistema ele vai refletir como se fosse, além da reeducação o interno estaria mostrando que ele não é simplesmente um preso, ele é um ser humano, ele estuda, ele tem condição de trabalhar, ele tem condição de receber a visita dele, sendo íntima ou social e o trabalho ele vai preencher uma das lacunas disso aí, ele tá preenchendo o ser humano ele tem que trabalhar ele tem que ter um objetivo, além de ir embora ir sabendo alguma coisa, levar algum dinheiro que ele ganha aqui, eu digo que preenche. De forma negativa que poderia acrescentar nisso aí é a necessidade do uso de ferramentas em determinados setores, na minha opinião há setores que tem as ferramentas que são necessárias e sem isso não desenvolve o serviço dele, porém em todo caso nós nunca tivemos problema em setor nenhum, por questão de ferramenta, agora está evidente está ali, está a vista o uso de ferramentas e traz esse risco só que não teve problema e ali vai estar o agente presente, o interno que tiver que desrespeitar um agente com ferramenta ou sem ferramenta ele vai desrespeitar, eu diria que não tem ponto negativo quanto ao trabalho do interno o que poderia ter seria a questão de ferramentas, uma vez que a dez anos estamos caminhando aí, com todos os setores atuando e eles não querem perder o setor, o setor traz certos favorecimentos pra eles e não teve problema até hoje eu digo que esta questão, entre aspas aí! o risco de um setor com ferramentas que podem trazer a lesão a um funcionário, até mesmo aos internos, ele deixa de ser um problema eu não encontro problema dentro desse trabalho.
- **P 6-** O trabalho remunerado para o preso, exige maior empenho da parte do agente no cumprimento de suas obrigações funcionais?
- **R 6-** Se eu responder essa questão, que sim, eu estaria menosprezando um companheiro de serviço que está aqui na PEM né! diríamos que quem trabalha no setor lá embaixo tem maior ocupação, tem maior empenho, eu digo que entrou da porta da penitenciária pra dentro, todos são responsáveis iguais, todos tem a mesma finalidade de mandar esses internos pra rua com a mínima capacidade necessária dele desenvolver seu projeto de vida lá fora, entre ele estar no pátio e ele estar no setor, como eu já disse antes, o tratamento dele é o mesmo, a segurança tem que ser a mesma, então ele não traz maiores problemas não é necessário maior empenho do funcionário então, simplesmente a função e o empenho que ele tem é estar de prontidão para trabalhar da hora que ele entra portão pra dentro, tanto que não é os mesmos funcionários que trabalham nos setores, então indiferente de estar num setor ou estar numa guarita de sol, estar numa guarita de rua, o desempenho e a necessidade de segurança é a mesma.

Entrevista nº 2

- **P 1** - O que significa o trabalho remunerado dos presos, na perspectiva do Agente Penitenciário?
- **R 1**- Eu acho importante o trabalho para os presos, remunerado, porque é um forma de ocupar eles, tirar do pátio, a convivência deles no pátio lá entre eles e ruim eles mesmo reclamam né! é só crime, só fala de crime, que vai fazer não sei o quê! então muitos deles preferem trabalhar mesmo né! fazer qualquer coisa pra ocupar esse tempo pra não ficar parado lá né! que eu acho que eles mesmo recebem essa carga negativa, a grande maioria sente isso aí, ocupando o tempo vai ficar longe desse clima né!.
- **P 2**- Você entende o acompanhamento do trabalho do preso, como atividade essencial do Agente Penitenciário?
- **R 2**- Não! essencial não, acho secundário, eu acho que a função nossa é segurança mesmo né! pra ter cuidado com andamento do trabalho, da disciplina deles mesmo, no trabalho, isso que eu considero essencial.
- **P 3**- Na sua opinião, qual seria a prioridade em conceder de trabalho para o preso, dentro do Sistema Penitenciário? Por que?
- **R 3**- Como eu disse na primeira eu acho que trabalhando vai ocupar a cabeça deles com outras coisas, coisas positivas, outra oportunidade lá fora, talvez né! vai tar ocupando aquele tempo ocioso evitando tá falando de crime, de assalto, crime mesmo né! seria essencial que todos trabalhassem para evitar que fique sempre batendo nessa coisa, sempre planejando alguma coisa, sempre essas idéias negativas. Agente sempre vê que a conversa deles giram em torno disso aí, então trabalhando a cabeça, melhora.
- **P 4**- A ausência de atividades de trabalho remunerado para o preso, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do papel do agente na Unidade Penal?
- **R 4**- Causaria, se não tivesse trabalho aqui dentro o clima seria bem pior, seria bem mais carregado, eles cresceriam, seria mais difícil lidar com eles né! tempo ocioso acho que isso acaba com qualquer pessoa ficar muito tempo sem fazer nada, ainda mais aqui dentro né!.
- **P 5**- Na sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que o trabalho remunerado, dos presos, pode proporcionar a PEM?
- **R 5**- Negativo, a parte física parece que não comporta o canteiro de trabalho, sempre tem que abrir um canteiro de trabalho, parece que tem que improvisar é meio improvisado a coisa lá né! positivo é tudo que eu falei antes.
- **P 6**- O trabalho remunerado para o preso, exige maior empenho da parte do agente no cumprimento de suas obrigações funcionais?

- **R 6-** Na minha opinião não, acaba sendo parte do serviço, acaba sendo uma função nossa ali de acompanhar, a gente sempre tá acompanhando né! tá no pátio ou não, eu acho que não muda, não altera nada.

Entrevista nº 3

- **P 1** - O que significa o trabalho remunerado dos presos, na perspectiva do Agente Penitenciário?
- **R 1**- Eu vejo o trabalho como um benefício que ele recebe durante a estada dele, é necessário é importante, porque é uma forma que os presos passam a ver o futuro dele com uma perspectiva diferente daquilo que ele poderia estar na cadeia, ajuda o preso a mudar a mentalidade de crime que ele traz pra quando ele vem aqui pra penalidade, só que por outro lado eu vejo com ressalvas porque muitas vezes o trabalho do preso prioriza demais aqui, procura-se dar trabalho de qualquer forma pro preso que acaba a segurança ficando em segundo plano. Eu vejo que o trabalho é importante e necessário desde que não interfira na segurança porque o objetivo principal da unidade , como uma unidade penal, é o preso cumprir a sanção que o poder judiciário impôs a ele, não pra trabalhar mas pra cumprir a pena, o que ele recebe, além disso: trabalho , escola isso aí são benefícios porque se não tiver condição de ofertar pra ele não vai ter, desde que não interfira na segurança, acho que é importante.
- **P 2**- Você entende o acompanhamento do trabalho do preso, como atividade essencial do Agente Penitenciário?
- **R 2**- Sim, sim porque na verdade o trabalho que eu vejo do agente penitenciário é fazer com que a unidade esteja em segurança pra que as pessoas façam o trabalho, assistente social, médico, professor e o nosso trabalho é a segurança, se o preso tá trabalhando, então cuidar dentro do canteiro de trabalho, mesmo que a contra gosto tem que fazer da mesma forma que eu vou acompanhar ele no atendimento médico, transporte, escola, não vejo diferença não, é o trabalho do agente.
- **P 3**- Na sua opinião, qual seria a prioridade em conceder de trabalho para o preso, dentro do Sistema Penitenciário? Por que?
- **R 3**- O trabalho pro preso fica em segundo plano, até mesmo porque o trabalho não é todo o preso que procura o trabalho, não é todo o preso que tem acesso ao trabalho. Em primeiro lugar o preso tem que ter o direito ao atendimento jurídico, ao atendimento médico, uma boa alimentação, bom atendimento pra família, quando vem , desde que ele tenha o essencial que é a alimentação, condição de saúde, higiene, escola é importante, o atendimento médico, psicológico tudo que a lei disse que ele tem direito então daí depois o trabalho, até mesmo porque a unidade não tem conseguido trabalho pra todos né!.
- **P 4**- A ausência de atividades de trabalho remunerado para o preso, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do papel do agente na Unidade Penal?
- **R 4**- Sim, porque desde quando o preso não tá desenvolvendo uma atividade, tem aí a questão da remissão, esta vantagem é importante não somente pra diminuir a pena mas o futuro quando ele for tentar algum benefício ele vai ser visto com outros olhos, o preso que ficou muito tempo sem fazer nada e o preso que trabalhou, creio eu que o benefício dentro da lei é mais fácil, a ausência de trabalho é ruim por que o preso fica aí... ele tem tempo pra pensar em fazer as coisas.

- **P 5-** Na sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que o trabalho remunerado, dos presos, pode proporcionar a PEM?
- **R 5-** Eu acho que o positivo é o preso tá sendo reconhecido, o comportamento dele dentro da penitenciária, desde quando o momento que ele recebe o trabalho ele passa a se comportar melhor, isso a maioria, não todos, tem as exceções né! o preso também ganha um dinheirinho e ele pode ajudar a família dele, pode comprar as necessidades básicas sem depender da família então, passa a ter um futuro melhor, tem a remissão, ele tem uma perspectiva futura quando ele tem o trabalho então, são pontos positivos que ajudam até nós da segurança porque passam a se comportar melhor, na sua maioria. Por outro lado tem a questão que as vezes, determinados canteiros de trabalho, tem preso que sai lá fora pra cortar ou tem que trabalhar com ferramentas perigosas, coisa que fica transitando dentro da cadeia, serrando, cortando coisas que podem interferir na segurança né! então, eu acho que o tipo de trabalho que se traz pra cá pro preso deveria ser estudado e observado antes de trazer porque, as vezes tem canteiros que vem pra cá que é um absurdo, não traz benefício nenhum pra unidade, pro preso nenhum e traz risco e tem canteiro de trabalho que é bom que é profissionalizante, ensina o preso a ter uma profissão.
- **P 6-** O trabalho remunerado para o preso, exige maior empenho da parte do agente no cumprimento de suas obrigações funcionais?
- **R 6-** Não, o trabalho nosso é a segurança tem que cuidar do preso de qualquer forma, não é verdade? estando ele trabalhando ou não eu na minha opinião pessoal eu acho que o preso trabalhando é mais fácil de você lidar com ele, porque ele passa a ter um comportamento mais disciplinado, sabe que ele vai acordar, ele vai trabalhar, ele vai almoçar, ele vai diminuir a pena, ele vai dormir a noite mais tranquilo, ele não vai ficar no meio da rodinha pensando coisa errada. O trabalho é importante desde que ele não interfira na questão da segurança. O trabalho, pra mim, é importante.

Entrevista nº 4

- **P 1** - O que significa o trabalho remunerado dos presos, na perspectiva do Agente Penitenciário?
- **R 1**- Bom, eu acho que o trabalho remunerado pro preso, na realidade não é muito interessante o que ele ganha de rendimento e sim pra ele o mais interessante é que ele trabalhando ele consegue, a cada três dias, reduzir a pena dele. Ele não se interessa muito pela quantidade monetária, mas sim pelo benefício que vai ter isso e o ganho é bom que ele ajuda a família dele lá fora, ajuda ele em si pra algumas necessidades básicas que a unidade não oferece pra ele.
- **P 2**- Você entende o acompanhamento do trabalho do preso, como atividade essencial do Agente Penitenciário?
- **R 2**- É interessante o acompanhamento porque o agente, na realidade, não cuida só da segurança em si, é como um elo, ele trabalhando e você acompanhando o serviço dele sabendo o que ele faz e tal! você vai ter uma idéia se acaso ele vir pra receber o alvará de soltura ou qualquer outro, se ele vai ter força pra trabalhar lá fora. A gente entende o seguinte: quem trabalha nos setores específicos se esforça pra trabalhar, esse pode até ter uma chance. Aquele que vai simplesmente, só por ir porque ele acha que vai ter um rendimento, vai descontar o dia, esse infelizmente não vai ter muita oportunidade.
- **P 2**- Mas, de qualquer forma, você acha que é essencial esse trabalho do agente, ou não?
- **R 2**- É essencial.
- **P 3**- Na sua opinião, qual seria a prioridade em conceder de trabalho para o preso, dentro do Sistema Penitenciário? Por que?
- **R 3**- Eu acho o seguinte, como dizem , cabeça vazia oficina do diabo então, a pessoa trabalhando ela vai se interessar mais, não vai ficar pensando em algumas atividades fora, em querer fugir, querer fazer qualquer outra coisa ele trabalhando, empenhando naquele serviço que ele faz, ele trabalho e rende bem também.
- **P 4**- A ausência de atividades de trabalho remunerado para o preso, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do papel do agente na Unidade Penal?
- **R 4**- Com certeza, porque preso ele não tando trabalhando ele fica no pátio, ele conversa, ele troca idéias, fica arquitetando alguma coisa, enquanto ele tando trabalhando ele tem remuneração ele se interessa e um detalhe também quando não se faz nada, fica ocioso, geralmente leva a fazer intrigas, conversas vazias.
- **P 5**- Na sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que o trabalho remunerado, dos presos, pode proporcionar a PEM?
- **R 5**- Positivo, ocupa o preso e quando ele é ocupado com o trabalho ele se torna mais, muito mais, recíproco a qualquer outra informação, não só o trabalho como também o

estudo dentro da penitenciária em si e o inconveniente da segurança e que há setores perigosos que contém chaves, muitas ferramentas que eles podem usarem ou fazer alguma também, tentar ludibriar o guarda isso é negativo e também acho que eles trabalham até razoavelmente pouco, deveria trabalhar muito mais, ia beneficiar muito mais a penitenciária do que necessita, né!.

- **P 6-** O trabalho remunerado para o preso, exige maior empenho da parte do agente no cumprimento de suas obrigações funcionais?
- **R 6-** Ah! sim porque, ele tando remunerado ele tem praticamente que produzir, se ele não tem remuneração ele vai fazer corpo mole, então a gente tem que trabalhar em cima dele também, ter uma meta de produção do trabalho dele porque não adianta só dar o serviço e fazer, tipo assim, com remuneração ele se empenha mais e a gente também se empenha mais, pra ele produzir também e se beneficiar com isso.

Entrevista nº 5

- **P 1** - O que significa o trabalho remunerado dos presos, na perspectiva do Agente Penitenciário?
- **R 1**- Bem, desenvolvendo a função de agente penitenciário, quando o preso tá trabalhando, tá ganhando pra isso ele se preocupa, principalmente, com a família dele porque ele sabe que vai ganhar o seu no final do mês ou na data prevista e quando ele receber aquele dinheiro ele é um preso bem mais tranqüilo pra nós, ele vai ter seu dinheiro pra fumar, ele vai ter dinheiro pra fornecer pra visita, pro próprio deslocamento, própria ajuda da despesa da casa dele e esse preso que tem essa remuneração, com certeza, pra nós, na nossa função, ele é um preso que não vai oferecer risco, digo perigo, porque ele estará com a mente ocupada.
- **P 2**- Você entende o acompanhamento do trabalho do preso, como atividade essencial do Agente Penitenciário?
- **R 2**- Bem, eu na formação que eu tive, acadêmica, eu questiono muito em relação a esse acompanhamento do agente penitenciário, eu acredito que aqui nós temos que ter uma interdisciplinaridade que falta, é um pouco falta o agente penitenciário quando chega e vai acompanhar um preso ele não tem aquele acompanhamento não sabe, por exemplo, vários agentes, não sabe o preso qual galeria ele tá, o que que ele faz, que cidade ele é, qual o crime, ele torna-se complicado.....
- **P 2**- Mas você entende ser uma função essencial, do agente, fiscalizar o preso no trabalho?
- **R 2**- No trabalho eu acredito que não, porque nós temos várias funções agora, se o preso tá trabalhando, se ele é remunerado, se ele não é remunerado, pra quem eles estão trabalhando, fazendo isso ou aquilo, se é canteiro da própria unidade, se é canteiro extra pra nós, é indiferente.
- **P 3**- Na sua opinião, qual seria a prioridade em conceder de trabalho para o preso, dentro do Sistema Penitenciário? Por que?
- **R 3**- Bem, é aquilo que eu disse na primeira pergunta, o preso ocupado a mentalidade dele estará voltada para outros segmentos, se todos os presos tiverem oportunidade de trabalho, com certeza, o nosso trabalho será reduzido bastante, não tô reduzindo nosso zelo, o nosso cuidado, mas sabendo que eles estando trabalhando a preocupação deles será outra.
- **P 4**- A ausência de atividades de trabalho remunerado para o preso, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do papel do agente na Unidade Penal?
- **R 4**- Sem dúvida, isso aí e sem dúvida como uma seqüência do que eu já disse, o preso ocupado, com certeza, a mentalidade dele estará voltada pra outra coisa.
- **P 5**- Na sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que o trabalho remunerado, dos presos, pode proporcionar a PEM?

- **R 5-** Bem, o trabalho remunerado aos presos da PEM eu acredito que deveria ter-se um acompanhamento lá fora, pelo seguinte: o preso quando está aqui no canteiro, ele faz vários cursos, enquanto está ele está recebendo aquela remuneração, está se qualificando, está se preparando para o mercado, essa globalização que nós temos, pra ele falta acompanhamento, alguém esperando ele, que sai daqui, por exemplo: nós temos o nosso assistente social, nós temos várias situações quando o preso sai , infelizmente falta esse elo de ligação interno, porque hoje não é fácil você sair de uma penitenciária e entrar numa empresa.... o que você fez nos últimos cinco anos? “Ah! eu tive preso na PEM”, quer dizer é fundamental um acompanhamento, quando ele sai. Aqui ele está ganhando, se preparando, se qualificando precisa mais um elo de ligação com o pessoal lá fora, com a empresa que está aqui.
- **P 6-** O trabalho remunerado para o preso, exige maior empenho da parte do agente no cumprimento de suas obrigações funcionais?
- **R 6-** De maneira alguma, o agente penitenciário, ele tem a obrigação com o cumprimento em manter o preso em atividade, mantê-lo ali na ordem, no trabalho, o agente tem que ser, independente dele estar trabalhando ou não, isso aí não altera a conduta do funcionário e se tiver um funcionário que partir pra esse lado aí ele, com certeza, não está honrando o colete que ele veste, simplesmente o comportamento, com remuneração ou não, ele tem que ser o mesmo.

Entrevista nº 6

- **P 1** - O que significa o trabalho remunerado dos presos, na perspectiva do Agente Penitenciário?
- **R 1**- Bom, o trabalho do preso, remunerado, no meu ponto de vista é apenas um incentivo, a mais, pra ele por ele já ter um incentivo da remissão de pena que é o que diz a Lei de Execuções Penais em relação com os três dias trabalhados, um dia de pena reduzido. O trabalho remunerado vem, apenas, ajudar a contribuir isso, um incentivo a mais pra ele.
- **P 2**- Você entende o acompanhamento do trabalho do preso, como atividade essencial do Agente Penitenciário?
- **R 2**- Na verdade a atividade essencial do agente penitenciário é cuidar da manutenção interna da penitenciária, da área de segurança interna e se o trabalho do preso faz parte disso, acredito que ela é parte da atividade essencial do agente, como outras que também fazem, independente se é o trabalho remunerado ou não remunerado do preso.
- **P 3**- Na sua opinião, qual seria a prioridade em conceder de trabalho para o preso, dentro do Sistema Penitenciário? Por que?
- **R 3**- A prioridade inicial, eu acho que seja as condições pra que ele cumpra a pena dele de forma digna, tenha todas as condições necessárias para que se cumpra sua pena de forma digna e se o trabalho ajuda nisso eu acho que tem que ter o trabalho como um complemento, mas eu acho que primeiro tem que se dar as condições necessárias, que no meu ver a PEM desenvolve isso com bastante eficiência, tendo em vista que eu já trabalhei em outra unidade e eu posso dizer com boa capacidade.
- **P 4**- A ausência de atividades de trabalho remunerado para o preso, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do papel do agente na Unidade Penal?
- **R 4**- Eu acredito que não. Não causa nenhum tipo, a atividade do preso, ela não tem que ser, necessariamente, remunerada pois a própria Lei de Execuções Penais já garante a ele uma diminuição de sua pena, a cada três dias trabalhados um incentivo. O trabalho remunerado ajuda, com certeza, na manutenção da unidade, o preso trabalha com mais vontade e ele não tem tempo de pensar em outras coisas mas, eu acho que isso não seja o fator de risco do agente, a não remuneração do trabalho. Se não tivesse trabalho aí poderia trazer transtorno, porque eles teriam um tempo ocioso, muito maior e uma massa carcerária sem um atividade laborativa, qualquer atividade que possa ocupar o seu tempo, pode abrir margem pra outras coisas, isso pode por em risco a segurança, com certeza.
- **P 5**- Na sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que o trabalho remunerado, dos presos, pode proporcionar a PEM?
- **R 5**- Eu não vejo, hoje, pontos negativos eu acho que só temos pontos mais porque temos, praticamente, todos os presos da unidade trabalhando, então isso é bom pra unidade porque quanto mais presos estiverem trabalhando, melhor é pra unidade e dentro

disso é melhor para o preso também, que tem a oportunidade de desenvolver uma ocupação, um trabalho que pode tá exercendo lá fora também,então, tudo isso só ajuda a unidade , os agentes, o corpo técnico e também o preso.

- **P 6-** O trabalho remunerado para o preso, exige maior empenho da parte do agente no cumprimento de suas obrigações funcionais?
- **R 6-** Não, eu acredito que não, a nossa atividade ela se dá em torno do que eu já falei anteriormente, se dá em torno de cuidar de um todo, de toda estrutura de uma segurança da unidade, independente se o preso trabalhe eu acho que vai existir sim, do próprio interno, uma maior eficiência já que ele tem uma remuneração pra atividade que ele está fazendo.

Entrevista nº 7

- **P 1** - O que significa o trabalho remunerado dos presos, na perspectiva do Agente Penitenciário?
- **R 1**- Significa uma coisa positiva dentro do sistema, né! todo mundo trabalha remunerado, não é o preso que não vai trabalhar remunerado, né! e a gente nota, pelo que tem aqui que conforme o valor da remuneração é o valor do empenho deles também, no serviço, então eu acho que é válido de todo tipo.
- **P 2**- Você entende o acompanhamento do trabalho do preso, como atividade essencial do Agente Penitenciário?
- **R 2**- Eu acho o agente penitenciário, ele tem que acompanhar o trabalho do preso porque ele tem que ver qual preso está se dedicando realmente no serviço e qual preso está lá só pra ganhar remissão, sem trabalhar, então eu acho muito necessário isso, é uma atividade essencial.
- **P 3**- Na sua opinião, qual seria a prioridade em conceder de trabalho para o preso, dentro do Sistema Penitenciário? Por que?
- **R 3**- Tem coisa mais importante, educação escolar, até prática de esporte, laser eu acho que aqui dentro da unidade vem antes do trabalho.
- **P 4**- A ausência de atividades de trabalho remunerado para o preso, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do papel do agente na Unidade Penal?
- **R 4**- Ah! com certeza o fato do preso não tá trabalhando ele automaticamente estaria lá no pátio, sem fazer nada, só pensando besteira né! com certeza traria inconveniente. Esse pessoal que tá no setor de trabalho ele está trabalhando ali e não tá dando problema lá embaixo, não tão lá no pátio jogando bola, brigando, porque quem não faz nada, fica só conversando, conversa fiada né! então seria mais difícil.
- **P 5**- Na sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que o trabalho remunerado, dos presos, pode proporcionar a PEM?
- **R 5**- Positivo é tudo que eu disse, a gente percebe que o preso, devido a remissão, devido até a remuneração, o preso não dá problema ele procura ficar no setor dele e trabalha e não fica reclamando, nem perturbando os funcionários. Por outro lado dependendo do tipo de serviço, aí, por exemplo, o setor de jeans que nós temos aqui, quando chega muito jeans, não tem como você colocar todo aquele jeans lá, existe uma demanda, por ordem de funcionário, o funcionário fica mais tempo ali, tá entendendo?.. as vezes atrasa, o problema do horário desse material que chega, material que sai, tem que ser bem elaborado isso aí, por que causa transtorno isso também, as vezes a segurança enfraquece nesse setor, as vezes chegam três, quatro carros automóveis, desses aí de empresa, tudo no mesmo tempo e tem que ser revistado, falta funcionário, a revista não é feita direito, como deveria ser feita, o próprio funcionário da empresa, que vem, começa a ter uma intimidade com o pessoal de dentro, entendeu! já não passa por

procedimento que deveria que passar, pega confiança, vai conquistando...então são os pontos negativos que eu acho.

- **P 6-** O trabalho remunerado para o preso, exige maior empenho da parte do agente no cumprimento de suas obrigações funcionais?
- **R 6-** Sim, isso que eu acabei de dizer, ele vai ter que revistar aquele material que chega, vai ter..., se tiver ferramenta vai ter que conferir, ele exige mais do funcionário, né! é uma pressão maior né! tem que tá ali, as vezes tem ferramentas perigosas, então exige mais do agente, com certeza.

Entrevista nº 8

- **P 1** - O que significa o trabalho remunerado dos presos, na perspectiva do Agente Penitenciário?
- **R 1**- Trabalho remunerado é uma gratificação em relação ao preso, do trabalho que ele tem prestado na unidade que é chamado, canteiro, uma parte eu sei que vai pra penitenciária, uma parte fica pro preso, uma parte vai pra poupança quando ele sai. Não tem garantias previdenciárias, mas tem garantia em remuneração do trabalho, pra não se tornar mesmo aquele trabalho escravo. Há uma remissão na pena, mas há também uma restituição de valores pelo trabalho prestado. O trabalho ele ajuda muito na segurança, que é a grande visão, porque a partir do momento que ele está trabalhando, eles saem do pátio, que é o local onde ficam os presos que não tem uma função e teria mais tempo pra se preocupar com usar drogas, discussões, brincadeiras de mal gosto entre os presos. Tando no trabalho está sendo vigiado pelo agente, mais de perto, diminui o espaço da brincadeira porque não pode se comportar, até com falta de companheirismo com seus colegas prisionais, pode se acarretar uma sanção então, o ponto positivo é que tira ele da ociosidade, o segundo é que com trabalho o dia passa mais rápido, o cumprimento da pena se torna mais leve, o desgaste físico ele chega a noite tá cansado e em terceiro é a diminuição da pena que é o que eles visam, com essa remissão, pra saírem no mundo exterior.
- **P 2**- Você entende o acompanhamento do trabalho do preso, como atividade essencial do Agente Penitenciário?
- **R 2**- É essencial o acompanhamento, porque você tem que ver se tá desempenhando a função, muitos que não vão pro canteiro de trabalho e ficam só enrolando. O trabalho, dentro da unidade penal, traz segurança, a partir do momento que tá no trabalho retira ele da ociosidade, o trabalho seria direito e obrigação, mas deveria ser garantido, teria que o Estado tomar uma atitude e dar emprego pra todos... ninguém no pátio.
- **P 3**- Na sua opinião, qual seria a prioridade em conceder de trabalho para o preso, dentro do Sistema Penitenciário? Por que?
- **R 3**- Acho que o trabalho para todos é uma obrigação, chegou na unidade penal já se olha os trabalhos que tem, mesmo se tivesse sanção disciplinar, ficasse afastado e a partir do momento que acabou a sanção disciplinar, voltasse ao trabalho, o trabalho é uma obrigação.
- **P 4**- A ausência de atividades de trabalho remunerado para o preso, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do papel do agente na Unidade Penal?
- **R 4**- Importante da remuneração é que eles fazem as compras, muitos tem família, acho que traria um pouco mais de descontentamento pro preso, é importante sim a remuneração fazem com que eles complementem a comida, apesar que a comida, mesmo bem balanceada, não traz todos os nutrientes e aí muitos compram bananas, leite isso aí é importante pra eles se manter com essa estrutura, esse vigor físico que eles tem, quando eles saem numa unidade igual a nossa aqui, eles saem tranquilo e saudáveis, tem atendimento médico, odontológico, psicológico e se fosse só o Estado

fornecer, se eles não tivessem complemento, se não tivessem condições de comprar alguma coisa pra ele, prejudicaria mais a necessidade que eles teriam, então isso traz mais tranquilidade, acho que o sistema tá funcionando certo e em razão disso dá uma oportunidade de ter trabalho e sempre comprar uma coisinha.

- **P 5-** Na sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que o trabalho remunerado, dos presos, pode proporcionar a PEM?
- **R 5-** Dentro da Penitenciária o ponto negativo de trabalho, eu acho que não há, porque os trabalhos que tem aqui são bom, no caso do jeans não tem porque, o que eles usam são pedras e lixa, as oficinas tem umas ferramentas muito controladas e em razão da unidade modelo, nunca teve problema. Positivo é tudo que eu falei, trabalho dentro da unidade não deveria existir penitenciária no país que não existisse canteiro de trabalho, seja qual for. É minha visão.
- **P 6-** O trabalho remunerado para o preso, exige maior empenho da parte do agente no cumprimento de suas obrigações funcionais?
- **R 6-** Facilita, o trabalho facilita muito o nosso trabalho, a gente tá num canteiro eles tão lá trabalhando, a gente tem que ficar olhando, eles conversam mas eles não ficam no pátio, o pátio traz muito problema, eu acho que o grande problema do pátio se todos trabalhassem seria só no sábado, são mais de duzentos presos soltos, não dá pra cuidar de todos mas já no canteiro de trabalho seria mais fácil.
- **P 6-** Então... você acha que não exige um empenho, a mais, do agente pra cuidar do preso trabalhando?
- **R 6-** Eu acho que tem maior facilidade.

ENTREVISTA – DIRETOR

Entrevista nº 1

- **P 1** – Em sua opinião, o que significa e qual a importância das atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas pelos presos da PEM?
- **R 1**- É, o trabalho para nós tem o aspecto de manter o preso em ocupação, no aspecto pessoal ele poder ter um pequeno sustento para sua família a partir do valor recebido e no aspecto da ressocialização, sua reintegração na sociedade , uma forma que ele, o tempo que ele passou aqui, ele aprenda uma profissão ou saiba, pelo menos, como é a atividade normal de trabalho de uma empresa, quando em liberdade.
- **P 2**- A viabilização de trabalho, para o preso, apresenta algum tipo de obstáculo ou limitação, na PEM ou fora dela? Em caso positivo quais são eles?
- **R 2**- Nesse aspecto, o trabalho ele tem algumas limitações em razão, primeiro por questões de segurança, né! não há como se manter horário fixo, tempo correto para esse trabalho e também essa unidade é uma das últimas unidades do Estado que não forma feitas para que o preso desenvolvesse o trabalho corretamente, ou seja, com pavilhão de trabalho, com estrutura de deslocamento, acesso a esse pavilhão de maneira mais fácil. Então, a improvisação, para se localizar e colocar presos aqui dentro, dificulta e as vezes limita esse trabalho.
- **P 3**- Na sua opinião o trabalho pra presos é uma medida necessária para o processo de ressocialização, ou apenas para satisfação imediata de suas necessidades materiais e de seus familiares?
- **R 3**- Não, é uma medida necessária sim, a ociosidade levaria esse preso, já confinado, já sem liberdade e ocioso, com certeza seu comportamento seria diferente, a sua relação com outros presos seria diferente e sua relação com os funcionários e com a direção também seria diferente. Então a ocupação realmente tem um papel muito importante pra que ele passe esse tempo aqui de uma forma melhor e que conheça o espaço aqui dentro.
- **P 4**- Existe clima e estrutura favoráveis, para que a viabilização de trabalho para presos, na PEM?
- **R 4**- É...há algumas limitações né! mas nesse período de dez anos da unidade, em sua maioria, em quase sua totalidade, o clima foi favorável, as empresas se estabeleceram aqui, algumas não permaneceram em razão de que esperavam um tipo de produção, ou talvez por que não poderiam ter interrupções e algumas porque, realmente, não conseguiram se manter aqui, mas também não se manteriam aí fora, em outra situação, mas no mais o trabalho tem se realizado de forma aceitável.

- **P 5-** De que forma as atividades de trabalho remunerado, desenvolvida pelos presos, atendem aos objetivos da PEM e a seus objetivos com diretor da unidade?
- **R 5-** É, a manutenção da ocupação desses presos, a sua preparação para a saída, atividade laboral que aqui ele desenvolve, tudo isso, é fator de tranquilidade, eu acho que no aspecto da segurança representa o tempo de trabalho do preso, para nós, é um tempo precioso que em todo o tempo de existência dessa unidade, nunca tivemos um problema de indisciplina ou de insegurança, em razão do trabalho aqui desenvolvido.

ENTREVISTAS – TÉCNICOS

Entrevista nº 1 - Psicóloga

P 1- Em sua opinião, o que significa e qual a importância das atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas pelos presos, na PEM?

R 1- Bom, na minha área né! em se tratando da psicologia, a importância de uma atividade de trabalho é justamente o que poderia pensar, como é que nós nos reconhecemos como ser humano, naquilo que nós desenvolvemos, nossas capacidades, nossos desafios, então o que que a gente aprende, o que que a gente conquista e o trabalho é uma das formas que nós temos de reconhecimento social, o ser humano de uma forma geral, por que que isso seria diferente pro preso, preso é a mesma coisa, um tipo de atividade onde ele pode colocar o seu potencial e mais do que isso, muitas vezes no seu trabalho, no seu dia a dia onde pode aprender novas coisas, além dele estar socializando com o grupo com o qual ele trabalha né! é... acho que aqui a gente ainda tem um diferencial que pra ele o trabalho seria, meio que um diferencial, que o trabalho pra ele seria meio que um privilégio, como não tem trabalho pra todos né! ele tem ainda esse desafio de como é que ele faz pra conquistar esse lugar e manter esse lugar de trabalho.

P 2- De que forma tais atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas pelos presos, atendem os objetivos da PEM e aos seus próprios objetivos enquanto técnico responsável pelo tratamento penal?

R 2- Bom...é acho que de uma maneira isso vai de encontro aos objetivos da instituição né! porque acho que é uma visão maior, institucional, uma filosofia de que o preso tem que receber atividades de trabalho e escola para seu próprio desenvolvimento né! eu acho que nesse sentido o trabalho vem atingir esse objetivo de uma instituição penal, que haja uma atividade vista como ressocializadora, como atividade que vai é levar esse sujeito a uma inclusão social futura, então acho que por conta disso ele atinge o objetivo da instituição, que seria meio que reproduzir aqui dentro o que poderia ser a vida dele lá fora, a pessoa que tem seu trabalho todos os dias, que tem uma atividade remunerada, que ele consiga sobreviver com isso, que ele consiga sobreviver com um certa hierarquia, com seus colegas de trabalho, é uma reprodução não tão equivalente, mas na medida do possível e acho que na minha área específica, técnica, é aquilo que eu já falei, ele tem um resgate de sua função social na medida que ele tem um trabalho e luta por ele, pela sua permanência nesse local, isso pode proporcionar uma mudança até na posição subjetiva dele é... agora acho que também a gente deveria tomar um cuidado pra não achar que com isso, só o fato de que o preso trabalhe, isso por si só vá trazer alguma mudança na vida dele.

P 3- A ausência de atividades de trabalho remunerado, para os presos, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do trabalho do técnico, dentro da Unidade Penal?

R 3- Eu creio que sim né! se a gente fosse pensar assim, ele contingente enorme de presos tivesse o tempo inteiro ociosos acho que isso mudaria bastante a característica de nossa instituição eu acho que os problemas disciplinares seriam muitos mais freqüentes, o nosso trabalho técnico, com ele, eu acho que ficaria um pouco mais esvaziado sabe... eu acho que seria um grande inconveniente pra gente aqui, se não tivesse trabalho pro preso, com certeza.

P 4- Em sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que resultam das atividades de trabalho remunerado, realizado por presos, na PEM?

R 4- O que poderia ser negativo nessa atividade de trabalho, não sei se é algo negativo, talvez o tipo de atividade que é realizado que são as vezes atividades muito simples que ocupa muito pouco tempo do preso, depende muito da atividade em si daí, não atividade, a gente não pode generalizar, mas algumas atividades de trabalho específicas é, talvez exige muito pouco do preso, da habilidade, das suas capacidades, de alguma maneira acho que isso diminui um pouco sabe! a capacidade de realização do preso, agora acho que em outros setores, pelo contrário, são atividades que assim, que melhoram a auto-estima do preso né! a mente se constitui em situações bastante desafiadoras pra ele, fazem refletir sobre a função social, faz a gente ver aí o trabalho de restauração de livro, o trabalho como o braile, acho que são trabalhos em que os próprios presos podem ver a importância desse trabalho para o social, que aquilo que ele faz tem importância e um reconhecimento muito maior né! do que a gente pode pensar por exemplo do preso que faz a faxina que poderia estar desenvolvendo algo muito mais proveitoso.

P 5- Aponte, se houver, algumas limitações que no seu entender prejudicam ou inibem a concessão de trabalho remunerado para os presos da PEM?

R 5- Acho que a primeira coisa é a falta de espaço apropriado para isso né! e isso já se discutiu tantas vezes por aqui, parece que as prisões, pelo menos a nossa, não foi construída com essa preocupação que tivesse um lugar adequado, e tem que pensar que são presos em regime fechado, que por conta de questões de segurança, de prevenção de problemas de segurança, muitos trabalhos não podem ser desenvolvidos, equipamentos e maquinários que podem vulnerar a segurança trazendo certa periculosidade para canteiros na prisão. Então eu acho que isso acaba muitas vezes restringindo esse campo de trabalho pra eles, talvez quem sabe, agora com essa reforma, a mudança da escola, os setores possam ser ampliados eu penso assim que ideal seria se todos trabalhassem, evidentemente né! mas pra nós o principal é a falta de espaço, não sei se teria outro inconveniente, um outro fator que poderia restringir ou limitar essas atividades. Fora isso não teria nenhuma outra.

ENTREVISTAS – TÉCNICOS

Entrevista nº 2 - Psicólogo

P 1- Em sua opinião, o que significa e qual a importância das atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas pelos presos, na PEM?

R 1- Eu acredito que o trabalho é um forte meio de ressocialização pro preso né! eu vejo a penitenciária de Maringá muito preocupada em objetivar, proporcionar esse tipo de trabalho pra todos os detentos né! e vejo o trabalho, mais que um meio de ocupação, acho que é uma coisa importante manter a pessoa ocupada é a maneira dele desenvolver e aprender uma nova função, de saber pertencer a um grupo né! quando tem um trabalho está relacionado diretamente àquele grupo e aquele grupo vai ser o grupo que ele vai morar, vai trabalhar daí começa criar uma expectativa e uma coesão grupal então eu acho que a importância do trabalho é realmente essa, aprender um ofício, também aprender a convivência, de participar e ter responsabilidade uns com os outros em função de um objetivo comum. Aqui dentro isso ajuda muito na área de desenvolvimento dele e na disciplina, acredito que isso seja a importância.

P 2- De que forma tais atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas pelos presos, atendem os objetivos da PEM e aos seus próprios objetivos enquanto técnico responsável pelo tratamento penal?

R 2- Eu acho que é uma resposta diretamente ligada a outra, enquanto na penitenciária eu acredito assim, o fato de manter o preso em atividade dá oportunidade pra ele, nesse convívio grupal, dele mesmo se experimentar em relação as responsabilidades no horário, responsabilidade com a tarefa, responsabilidade com o grupo que ele pertence. Pra nós, no trabalho técnico, é muito importante porque a gente vê que ele se sente valorizado, pertencendo aquele grupo né! então o trabalho ajuda muito a pessoa se sentir valorizada, ter um objetivo, por que esses longos anos que, as vezes, tem que passar dentro do sistema penitenciário, o trabalho é um dos vínculos importantes, como a família, como atendimento técnico, dá uma esperança pra pessoa se sentir útil, acho que não tem coisa pior assim... tu vai atender aos presos e a pessoa sem trabalho ou sem estudo, ou com pouco atendimento técnico, ele se sente assim como abandonado e o trabalho ajuda muito a resgatar esse tipo de coisa, tanto é a família, tando é o atendimento, tudo coopera para a integração da pessoa.

P 3- A ausência de atividades de trabalho remunerado, para os presos, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do trabalho do técnico, dentro da Unidade Penal?

R 3- Eu acredito que sim, eu acho que a falta de trabalho, eu acho que tem até um jargão social de que o “o trabalho dignifica o homem”, se nós pegarmos isso no âmbito da psicologia, o trabalho está diretamente ligado a pessoa se sentir valorizada né! eu tenho um objetivo, eu tenho uma função, eu tenho um valor e é a medida que a pessoa fica confinada a um campo de trabalho de atividades sem responsabilidade, eu acho

que isso dá um sentido inverso, a pessoa pára de se sentir útil pra alguma coisa e a tendência dela se envolver num grupo de coisas ilícitas são muito maiores, enquanto o trabalho ajuda desviar a atenção pra uma coisa produtiva, pessoal e socialmente, pra nós técnicos, eu acredito que o trabalho e o estudo que a PEM proporciona pro preso é fundamental, tanto quanto é este resgate do vínculo da família, né! são um tripé que faz com as coisas funcionem.

P 4- Em sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que resultam das atividades de trabalho remunerado, realizado por presos, na PEM?

R 4- Positivo, é justamente isso né! eu acho que a firmeza do tripé família, trabalho, atendimento e estudo que já é mais um item, esses somados acho que juntam, justamente nisso daí, a integração da pessoa, ele como um todo nessas partes todas que fazem parte da gente, eu acredito que pode acontecer no trabalho. O que eu acho errado é a pessoa usar o trabalho como um tipo de moeda, o dinheiro que ganha, o status que a gente pode dar a uma determinada liderança dentro de um grupo, num grupo de trabalho e a pessoa usar mal essa liderança, então eu acho que isso pode ser um aspecto negativo, se nós dermos a responsabilidade pra algumas pessoas que não tem maturidade de saber que o cargo que ele ocupa pode ser tirado. Então o trabalho ajuda a ensinar, apesar de parecer um aspecto negativo, também vai botar a prova essa maneira de como a pessoa lida com essa oportunidade que tem e simbolicamente com ele tem na vida, se ele souber lidar com isso, de uma maneira produtiva pra ele e pros outros é positivo, se não, vai se desmascarar e ver que não tem condições ainda de amadurecer. A gente teve muitas situações de presos que tiveram um trabalho e usaram o trabalho de uma maneira errada, teve que ser afastado, por disciplina, por não cumprir a regra e isto é uma boa pista pra nós das pessoas que tão, mais ou menos, preparadas para se socializar né!.

P 5- Aponte, se houver, algumas limitações que no seu entender prejudicam ou inibem a concessão de trabalho remunerado para os presos da PEM?

R 5- Eu acho que nós vemos na penitenciária, a principio, a questão de limitação física de locais adequados, pra trabalhos adequados, protegidos pelas normas de segurança e da segurança não só disciplinar mas da segurança de exercer as atividades em si. Eu acho que a penitenciária tá trabalhando, tem feito muito nesses anos de arrumar espaço pra isso e as coisas, por incrível que pareça, está crescendo mais, essas mudanças da escola e novos canteiros de trabalho, então o que eu acho é que junto ao espaço físico está atrelada a dificuldade de conseguir novos canteiros de trabalho né! acho que uma coisa é criar novos canteiros mas está tudo ligado na questão do espaço físico né! por que eu acho que vontade política e vontade da direção, nesse caso, existe a dificuldade, muitas vezes, é adequar isso na realidade nós temos né!.

ENTREVISTAS – TÉCNICOS

Entrevista nº 3 – Assistente Social

P 1- Em sua opinião, o que significa e qual a importância das atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas pelos presos, na PEM?

R 1- Além do trabalho ser considerado como remissão de pena ele também é importante na formação da pessoa para o ingresso no mercado de trabalho.

P 2- De que forma tais atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas pelos presos, atendem os objetivos da PEM e aos seus próprios objetivos enquanto técnico responsável pelo tratamento penal?

R 2- Bom, na PEM, eu acredito que ele atenda na medida que ele contribui pro próprio sustento e manutenção do preso né!. Aqui dentro é uma forma também do preso estar arcando com parte de suas custas, dentro da unidade e também na questão da ajuda, da assistência pra sua família e como técnico responsável, eu acho que esses três fatores também suavizam a permanência do preso aqui, porque contribuindo no orçamento familiar da família, vai fazer com que amenize seus problemas então, pra nós aqui, é imprescindível o trabalho do preso, pena que não é feito pra todos né!.

P 3- A ausência de atividades de trabalho remunerado, para os presos, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do trabalho do técnico, dentro da Unidade Penal?

R 3- Com certeza, eu acho que o preso que não desenvolve uma atividade laborterápica ele é mais agitado, ele é um preso que fica mais agoniado, é um preso que não tem tanta auto-estima, ele perde sua auto-estima enfim, ele não é valorizado, ele passa a ocupar parte do seu tempo com pensamentos assim..voltados pro mundo do crime então eu acredito que o trabalho proporciona, pra ele, uma lado todo educativo mesmo né! além dele se sentir útil, eu acho que é isso.

P 4- Em sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que resultam das atividades de trabalho remunerado, realizado por presos, na PEM?

R 4- Bom, eu só vejo pontos positivos, olha talvez o único ponto negativo, lembrei, seria o fato de nós não conseguirmos empregar todos os presos, isso é negativo, nós só temos, que eu saiba, em torno de 55 a 60%, no máximo, de pessoas empregadas aqui então, é um ponto negativo que eu acho que a gente deveria trabalhar melhor pra empregar todos e os pontos positivos é, eu acho assim, seria a facilidade pra gente trabalhar com o preso, porque o preso produzindo é um preso que você tem mais diálogo, é um preso que consegue refletir. Outro ponto positivo seria a própria formação dele pro ingresso no trabalho, que eu acho uma coisa excelente, deixa eu

ver, além dele estar contribuindo no orçamento familiar, estar participando, isso é um ponto muito positivo. Outro ponto positivo é a auto-estima dele como pessoa, ele se sentir útil, então seria a auto-estima dele.

P 5- Aponte, se houver, algumas limitações que no seu entender prejudicam ou inibem a concessão de trabalho remunerado para os presos da PEM?

R 5- Bom, a primeira coisa eu acredito que seja o espaço físico aqui, que não é tão condizente, eu não sei porque as penitenciárias foram feitas de uma forma que dificultam o trabalho. Nos canteiros de trabalho então, a limitação no espaço físico, segundo, seria a questão da própria segurança mesmo, do setor de segurança que alguns tipos de atividade não podem entrar na unidade e é muito difícil um tipo de trabalho condizer com todas as situações que envolve a segurança, eu acho que isso é uma limitação aqui dentro e em terceiro lugar a falta de uma compreensão maior de um objetivo real da entidade, pros próprios funcionários que deveriam estar voltados pra questão da reintegração na sociedade ou a sua inserção em sociedade, agente vê que alguns funcionários ainda não tem os mesmos objetivos, pra caminharem juntos, alguns dificultam esse tipo de trabalho ou algum tipo de canteiro de trabalho. Outra coisa que eu acho também, é que a LEP, ela não contempla a parte de contratação, junto as empresas, então acho que isso é um ponto muito falho que deveria ser contemplado na LEP. A LEP ele não coloca, por exemplo, o preso não é regido pela CLT né! o preso só tem a LEP que ampara, então eu acredito que ela deveria contemplar alguns projetos de ação social, voltados assim pra uma qualificação do preso aqui dentro, com parceria com o Estado e depois a contratação desse preso quando ele sair da unidade, eu acho que isso a LEP deixa a desejar, ela coloca o trabalho como direito do preso, a própria Constituição também, mas não descreve como é que vai ser feito isso dentro das unidades né! então é isso que eu acho, acho que falta isso, uma regulamentação mesmo, dessa questão do trabalho, dentro do ambiente prisional.

ENTREVISTAS – TÉCNICOS

Entrevista nº 4 - Pedagoga

P 1- Em sua opinião, o que significa e qual a importância das atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas pelos presos, na PEM?

R 1- Faz parte da ressocialização do preso, a lei mesmo comenta que na lei é obrigado trabalhar pros presos e é uma forma que no trabalho ele começa a aprender disciplina, horário, ter normas e também aqui, na nossa penitenciária, como todos sabem o que se fala é que o preso não deve trabalhar sem o ganho e na nossa penitenciária nos temos dois tipos de pagamento, o pagamento que ele recebe pecúlio de cinquenta e dois reais, pelo trabalho e quando é trabalho de produção, ele ganha das empresas que são conveniadas a nós.

P 2- De que forma tais atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas pelos presos, atendem os objetivos da PEM e aos seus próprios objetivos enquanto técnico responsável pelo tratamento penal?

R 2- Bom é, pra nós assim, eu como técnica, tá faltando muita coisa, infelizmente a estrutura física não permite trabalho que a gente deveria ter, é eu particularmente gostaria que os presos tivessem mais trabalho, pro próprio Estado, acho que a educação, a maneira com que ele vê é maior, nós temos exemplo do trabalho do CAP, que é pros cegos, o trabalho de restauração de livros, o preso vê que ele tá fazendo algo pra alguém e não beneficiando um patrão, pra ficar mais rico, então a gratificação dele como pessoa é bem maior, então infelizmente nós não temos esse espaço hoje, né! que dá pra fazer um trabalho maior, eu acho que o Estado deveria começar a pensar no sentido de trabalhar com os presos, através do trabalho do Estado mesmo.

P 3- A ausência de atividades de trabalho remunerado, para os presos, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do trabalho do técnico, dentro da Unidade Penal?

R 3- Eu acho que não é só do técnico né! causaria um problema pra comunidade toda, por que nós falamos do trabalho escravo eu acho que o mínimo que se deve dar é condição digna pro preso, porque o fato dele ganhar um pouco de dinheiro e você ajudar ele a administrar esse dinheiro, ele vai começar ver que a família tá lá fora precisando de apoio e pouco que ele manda é muito pra ele, ele sente que tá inserido, de certa forma, na família e ele também vai poder comprar alguma coisa pra ele. Aqui também nos controlamos os gastos, ele não tem dinheiro lá no cubículo dele, mas é tudo controlado quanto ele ganha, quanto ele gasta, então é uma forma dele sentir valorizado, pelo trabalho então, eu não vejo assim, como técnico, mas eu vejo como um problema que causaria para a unidade, que causaria pra própria comunidade em geral.

P 4- Em sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que resultam das atividades de trabalho remunerado, realizado por presos, na PEM?

R 4- O que eu já falei né! eu acho assim, enquanto nós temos empresas conveniadas, é bom porque a gente trabalha com presos, mas ao mesmo tempo essa empresa, ele poderia estar dando um emprego pro homem lá fora, pra que amanhã ele não ocupe espaço aqui, né! então, nesse ponto, eu vejo como negativo. Positivo, enquanto tem um ocupação, o preso, uma profissionalização que lá fora ele pode aproveitar.... nós temos empresários que já tão fazendo a colocação do preso na empresa, quando trabalha aqui, né! o que teria que ser, que eu continuo falando é que o Estado começasse a rever e desse trabalho do Estado mesmo, para os presos.

P 5- Aponte, se houver, algumas limitações que no seu entender prejudicam ou inibem a concessão de trabalho remunerado para os presos da PEM?

R 5- Bom, até agora não tem nada....só o espaço físico que inibe, alguns tipos de trabalho também a gente não pode por, é tem também a insalubridade, o espaço físico, nem tudo que a gente quer pode por, porque de repente o que se põe o ganho e menor que o prejuízo, no caso dos problemas que causaria, então a gente tem um critério assim rigoroso, no caso de presos que entram, não sou eu que decido, existe um grupo, a direção, um conselho, a segurança sempre está por perto, pra ver todos os problemas, os pontos negativos e os positivos pra entrar um trabalho aqui né! a questão da saúde também, se aquele trabalho vai ter algum problema que futuramente possa dar pro preso, é visto todo esse lado.

ENTREVISTAS – TÉCNICOS

Entrevista nº 5 – Assistente Social

P 1- Em sua opinião, o que significa e qual a importância das atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas pelos presos, na PEM?

R 1- A importância, junto a família, principalmente da área social é a contribuição que eles dão, na ajuda de custo né! na assistência aos filhos, a sua profissionalização, a ocupação, a disciplina, horário que eles tem que respeitar.

P 2- De que forma tais atividades de trabalho remunerado, desenvolvidas pelos presos, atendem os objetivos da PEM e aos seus próprios objetivos enquanto técnico responsável pelo tratamento penal?

R 2- Os objetivos da unidade é a disciplina, mantê-los ocupados, proporcionar campo para a saída deles e a parte técnica também entende que seja a disciplina e se dê oportunidade a ele na sua comunidade de origem.

P 3- A ausência de atividades de trabalho remunerado, para os presos, causaria algum tipo de inconveniente para o desenvolvimento do trabalho do técnico, dentro da Unidade Penal?

R 3- Não entendemos como inconveniente, mas o preso ficaria mais...solicitaria mais atendimento, ficaria ocioso, dentro de seu cubículo, dentro de seu xadrez então entendemos que ele ocupado traz mais crescimento e ajudaria no trabalho técnico, também.

P 4- Em sua opinião quais são os pontos positivos e os negativos que resultam das atividades de trabalho remunerado, realizado por presos, na PEM?

R 4- Quanto aos pontos positivos, já foram apontados, a disciplina, a contribuição junto a família. Entendemos que os negativos seria algum tipo de envolvimento no canteiro de trabalho, utilizasse algum material para fazer estoque ou usá-los de outra maneira não devida.

P 5- Aponte, se houver, algumas limitações que no seu entender prejudicam ou inibem a concessão de trabalho remunerado para os presos da PEM?

R 5- Uma das limitações é não ter canteiro de trabalho, para todos os internos e muitas vezes também, em função da disciplina, a limitação da segurança para esse tipo de trabalho, eu acho que a segurança, as vezes, faz a gente ficar meia limitada né! mas acho que a segurança que inibe o trabalho.